

Paulo

O Intérprete de Cristo



A. T. Robertson

Koilas
Editora

PAULO

O Intérprete de Cristo

A. T. ROBERTSON, M.A., D.D., LL.D., LITT.D.
Professor de interpretação do Novo Testamento e do *Southern Baptist Theological Seminary*, louisville, Kentucky

"Para que eu O conheça."

Koilas
Editora

2014

Título Original: *Paul, The Interpreter of Christ*

Copyright © 2014 por Koilas Editora
Todos os Direitos Reservados

Preparo do Original
Antônio Carlos

Tradução
Vinício de Lima

Revisão
Ricardo Alexandre
Sebastião Eduardo

Capa
Anderson Queirós

Robertson, A. T.

O Intérprete de Cristo: trad.: Vinício Lima. Natal/RN. Koilas. 2014.

Título original: *Paul, The Interpreter of Christ*

Bibliografia.

1. Cristologia 2. Acadêmico 3. Novo Testamento

Sumário

PREFÁCIL
Agradecimento

Capítulo 1
Paulo, o Intérprete de Cristo

Capítulo 2
A Versatilidade de Paulo

Capítulo 3
Paulo e a Divindade de Cristo

Capítulo 4
Paulo, não um Sacramentariano

Capítulo 5
Paulo, Arquiteto da Igreja em Corinto

Capítulo 6
A Independência Eclesiástica de Paulo

Capítulo 7
Paulo e o Patriotismo

Capítulo 8
A Política Missionária de Paulo

Capítulo 9
Paulo e os Jovens Ministros

Capítulo 10
A Pregação de Paulo em Tessalônica

Capítulo 11
Paulo como Pastor em Éfeso

Capítulo 12
Paulo no Centro da Cultura Grega

Prefácio

Os novos livros sobre Paulo nunca cessarão e eles não devem cessar. Se pararmos de estudar Paulo, vamos perder muito de Cristo. O mundo nunca teve um homem mais completamente cheio de Cristo como Paulo. No presente volume, nenhum esforço é feito para contar a vida de Paulo como é feito no meu *Epochs in the Life of Paul* e em dezenas de outros livros por muitos escritores. Tento aqui apenas olhar para vários ângulos da vida e ensinamentos de Paulo que têm um grande interesse atual. Paulo foi o homem mais perspicaz de sua geração. Nós ainda não alcançamos sua visão de Cristo e do Reino de Deus.

A. T. ROBERTSON.

Louisville, Kentucky.

Agradecimentos

O autor faz gratos reconhecimentos aos editores dos seguintes periódicos pela permissão de incluir neste volume esses capítulos ou partes de capítulos que apareceram primeiro em vários tópicos — *The Reviewand Expositor*, *The Expositor* (Londres), *The Methodist Review*, *The Home and Foreign Fields*, *The Homiletic Review*, *The Moody Monthly*, e *The Baptist World*, e para o relato posterior de que esta interpretação de Paulo originou-se da semente plantada na palestra de abertura do Outono, em 1° de Outubro de 1911, em *Southern Baptist Theological Seminary*.

Capítulo 1

Paulo, o Intérprete de Cristo

Eu não tento fugir do "Encanto de Paulo", para usar a expressão feliz de Sr. W. M. Ramsay. Ele era uma personalidade admirável, e um homem de verdade é sempre cativante. Mas, por maior que Paulo fosse, o nosso principal interesse nele reside na sua relação com Jesus Cristo. Isto, em si, não é um tema novo. A Cristologia de Paulo recebeu tratamento adequado nas mãos de Alexander, Bruce, Du Bose, Dykes, Everett, Holsten, Lucas, Monteil, Paterson, Pfleiderer, Schmidt, Somerville, Stevens, e B. Weiss. Eu não proponho entrar no reino de teologia bíblica nesta discussão. Meu objetivo é muito mais estreito do que a teologia de Paulo, ou até mesmo sua cristologia. Eu pretendo manter-me perto do caminho do histórico e exegético e mostrar como Paulo veio a ser o intérprete de Cristo que era, como o seu patrimônio e meio contribuíram para a sua apreensão progressiva, como as Epístolas necessariamente refletiram a experiência real de Paulo, que serviu para revelar novos aspectos de Cristo para Paulo. Matheson habilmente retratou o "Desenvolvimento Espiritual de São Paulo", e Sabatier fez um brilhante "Esboço do Desenvolvimento da sua Doutrina." O que eu tenho em mente é sim uma combinação desses dois pontos de vista.

Dificilmente vale a pena fazer uma pausa longa para colocar os fundamentos críticos de alguém para tal estudo. Hoje em dia, tudo é desafiado por alguém. Dr. T. K. Cheyne produz a conclusão laboriosa e inofensiva de que, depois de uma pesquisa prolongada e imparcial, ele chegou à convicção deliberada de que um homem como Paulo realmente existiu. Somos muito gratos por esse parecer reconfortante do erudito de Oxford. Sem dúvida, o próprio Paulo está liberado para pensar que agora pode reivindicar existência histórica. Está sendo travada, neste momento, na Alemanha, uma polêmica acirrada quanto a se Jesus existiu. "O Cristo-Mito", de Drews, passou por uma dúzia de edições. Ele pretende mostrar que Jesus não teve uma realidade histórica e é puramente mito. Mesmo

os estudiosos alemães radicais como Von Soden e J. Weiss têm comprado a briga para mostrar que, afinal de contas, Jesus realmente viveu na Palestina. Em janeiro passado, o prof. Shirley J. Case, da *Divinity School* da Universidade de Chicago, argumentou vigorosamente no mundo bíblico contra o engano de atribuir divindade a Jesus. Mas agora ele dá passos para provar a não "historicidade de Jesus". Jesus existiu. A isso somos gratos. Tanto Paulo quanto Jesus têm carreiras históricas e podem ser assuntos adequados do interesse antiquário.

Mas o caminho ainda não está claro. *The Hibbert Journal* foi o cenário de um duro debate sobre "Jesus ou Cristo". Concedido o Jesus histórico, não se deve admitir o Cristo teológico. Isso é seriamente defendido por estes sábios homens modernos que o Jesus da história e o Cristo do dogma são totalmente diferentes. O Cristo é uma mera invenção teológica, a atribuição ao homem Jesus de qualidades que ele não possuía, a deificação do homem real Jesus. O prof. W. B. Smith, de Nova Orleans, tem se empenhado em nos mostrar o "Jesus pré-cristão," o homem despojado de todos os caprichos cristológicos tardios, o homem que ele era. Outras vozes elevam-se acima da confusão e corajosamente acusam Paulo de ser responsável por ter desviado o mundo do simples Jesus dos Evangelhos. Ele é até chamado de o criador do Cristianismo, ou o corrompedor, como se pode escolher. Acabamos de passar pela agitação deste conflito. As grandes armas alemãs explodiram e Paulo ainda permanece como o intérprete de Cristo. O esforço para encontrar uma concepção diferente de Cristo nos Evangelhos falhou. Até mesmo os Evangelhos sinópticos têm sido apelidados de Paulinos em espírito, e as primeiras fontes da vida de Jesus conhecidas por nós (*Q* e Marcos) colocam Jesus em um pedestal tão alto como Paulo fez.

Vamos, então, assumir os fatos nos Evangelhos e Atos e as Epístolas de Paulo. Isso, para alguns, será uma suposição violenta; no entanto, alguns homens têm um espasmo em qualquer declaração de fato. Sigamos Paulo em sua abordagem e apreensão de Cristo. Ele estava sempre progredindo, depois que começou, para alcançar aquilo para o qual foi apreendido. Ele estava sempre perto do sucesso completo, mas o prêmio escorregava entre seus dedos. Era a única grande paixão de sua vida. Ἓν δέ. Esquecer e esforçar-se pelas riquezas em Cristo. Fazer o seu melhor. A figura de Cristo crescia diante dele o tempo todo. Nada mais do que um esboço desse grande tema pode ser empreendido aqui.

1. Paulo, Conhecendo Cristo após a Carne — Quando Paulo ouviu Jesus pela primeira vez, não sabemos. É pouco provável que ele viu Jesus enquanto era

estudante no Seminário de Gamaliel, em Jerusalém. Paulo tinha, com toda a probabilidade, terminado seu curso antes do ministério público de Jesus começar. Ele pode ter permanecido em Jerusalém, mas o mais provável é que tenha voltado para Tarso. É uma teoria fascinante de alguns homens de que Paulo tenha voltado a Jerusalém a tempo de ver Jesus morrer na cruz. Mas não temos provas disso.

Quando disse (2Co. 5:16) que havia conhecido Cristo conforme a carne (κατα σαρκα), ele quase certamente quer dizer que uma vez olhou para Cristo do ponto de vista carnal, "até agora não o conhecemos desse modo." Ele reconheceu Jesus na estrada para Damasco, após a declaração explícita: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues". Então, a primeira abordagem de Paulo para com Jesus foi ao longo da linha de seus preconceitos. Ele foi ensinado a odiar o novo pretendente a Messias que havia sido crucificado justamente para evitar uma insurreição. Este brilhante, culto e jovem judeu tinha todo o fervor patriótico de Judas Macabeu e o orgulho religioso do fariseu típico. Ele estava em contato com a vida helenística da época e tinha uma visão mais ampla sobre o mundo do que muitos judeus da Palestina em razão de sua vida em Tarso. Ele era um cidadão romano e um helenista, mas era acima de tudo um fariseu. O contato com a seita dos nazarenos estimulou sua natureza religiosa, e sua ortodoxia brilhou com uma luz terrível. Como podemos ver, o jovem segurava as vestes enquanto Estêvão era apedrejado. Ele parece só possuir desqualificações para compreender Jesus de Nazaré. Cada passo que dá na perseguição aos cristãos, fica mais longe de Cristo. Ele se torna a antítese de Cristo.

2. Paulo, Vendo Cristo Face a Face — Foi uma revolta violenta em toda a natureza de Paulo quando ele olhou para o rosto do Cristo ressuscitado. Foi o teste supremo de sua vida, como a colisão de um trem de aço. Ele estava indo a toda velocidade contra Cristo e foi abruptamente interrompido. O choque foi muito grande para a natureza física de Paulo. Foi ainda maior para seu arsenal espiritual. Ele foi atirado para a terra, cego em seus olhos. Mas ele tinha visto Jesus, a quem tinha chegado a odiar mais do que tudo, embora não tivesse encarado Seu rosto antes. Ele o desprezou como heresia pestilenta causada por Sua vida infeliz.

Em grandes momentos, a mente é anormalmente ativa e os fatos essenciais são carimbados sobre o cérebro com clareza e nitidez. As principais características deste evento climatério nunca desapareceram da memória de Paulo. Em discurso e em carta, ele fala repetidamente da revolução em seu próprio coração e vida. Em todos os elementos essenciais, a história nunca

variou. Não era de seu feitio. Jesus se manifestou para Paulo. Não foi do desejo de Paulo, nem com o seu consentimento, mas a presença inegável e voz do Jesus ressuscitado que convenceram Paulo de que estava perdidamente no erro. O olhar que Jesus deu a Paulo antes de se tornar cego permaneceu com ele para sempre. Naquele dia, a luz brilhou em seu coração "para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo". (2Co. 4:6).

Ele entendeu agora por que Estêvão tinha morrido ao invés de negar a Luz que havia brilhado em seu próprio coração. Foi aqui que Paulo recebeu sua grande qualificação para interpretar Cristo. Foi no olhar que ocorreu entre Paulo e Jesus. Dr. Dale disse uma vez que o Sr. Moody tinha o direito de pregar visto que ele não poderia falar sobre os pecadores sem lágrimas nos olhos. Era a rendição completa da parte de Paulo em resposta à compaixão indizível de Jesus. Enquanto ele estava na luz branca da presença de Cristo, Paulo viu sua própria imagem desenhada na sombra de seus pecados. Nenhum homem é qualificado para falar sobre Cristo que não O tenha, em um sentido real, visto face a face.

Paulo teve uma visão objetiva semelhante com as aparições da ressurreição. O pregador moderno não pode afirmar essa experiência, mas ele deve ter o olhar para o rosto de Cristo, a fim de ajudar os outros a verem Jesus. Nenhuma calamidade mais triste pode acontecer ao Cristianismo do que ter homens como seus expoentes que apenas balbuciam o que leram ou ouviram. Paulo agora não era capaz de conciliar sua nova experiência com a sua antiga teologia, mas não podia negar sua nova experiência. Sobre essa base, ele vai construir uma nova e melhor teologia, uma teologia científica no verdadeiro sentido, o reflexo de sua experiência em Cristo.

3. Paulo Provando que Jesus é o Filho de Deus — Havia boas razões para que Paulo não devesse dizer nada. Ele era um principiante na experiência cristã. Ele tinha apenas pedaços de teologia cristã. Ele poderia facilmente estragar o que sabia. Ele estava sob suspeita. Ananias que lhe havia batizado teve que receber uma revelação especial antes de estar disposto a batizá-lo, ou a lhe conceder qualquer endosso como um discípulo de Cristo. Paulo era conhecido como o principal inimigo dos discípulos de Jesus e tinha vindo a Damasco para prender aqueles que haviam fugido para lá, para escapar de suas garras em Jerusalém.

Ele tinha consigo os documentos oficiais do Sinédrio para a prisão dos cristãos. Paulo estava totalmente na defensiva. Os judeus o consideram como um renegado. Ele estava sem amigo, exceto Ananias e Judas, que estavam duvidosos. Ele não iria conseguir a atenção de judeus ou cristãos. E, no entanto,

Paulo não iria ficar em silêncio. “E logo pregava, nas sinagogas, a Jesus, afirmando que é o Filho de Deus” (At. 9:20). Ele deve dar o seu testemunho. É uma marca certa do novo convertido que ele deve dizer aos outros de sua alegria recém-descoberta. Paulo era um novato em Cristo, mas não na qualidade mental. Ele já era um homem de grande cultura, grande gênio, e com muita experiência na vida pública, embora relativamente jovem.

Ele foi treinado no discurso público, mas sua voz deve ter soado estranha para seus próprios ouvidos como quando ele se ouvia ao discursar fortes razões pelas quais Jesus é o Filho de Deus. Ele estava refutando todos os seus velhos argumentos com tanto sucesso como Estêvão tinha feito. “E todos os que o ouviam estavam atônitos” (At. 9:21). Era a voz de um cordeiro onde geralmente tinham ouvido a voz do lobo. Eles estavam apreensivos até agora por medo de que o lobo pudesse cortar e fazer estragos como no passado com todos os que invocavam o nome de Jesus. Mas Paulo tinha encontrado sua voz e estava preso a sua mensagem até que ela se tornou conhecida e doce para ele.

Ele não tinha muitos aspectos de Cristo que poderia descrever, mas sabia de uma experiência pessoal. Ele sabia que Jesus era o Messias, o Filho de Deus. Tinha visto Jesus Cristo em Seu estado ressuscitado e compreendeu, ao mesmo tempo, a natureza dupla de Cristo, sua humanidade e sua divindade. Paulo foi sábio o suficiente para começar com o que conhecia por experiência. Ele se prendeu a isso e “mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, provando que Jesus é o Cristo” (At. 9:22). A Primeira interpretação de Paulo sobre Jesus soava como sendo a mais importante de todo o seu ministério. Ele nunca vai superar essa verdade, não importa o que ele possa aprender futuramente.

4. Paulo adaptando-se ao seu novo ambiente — Ficou claro para Paulo que ele precisava de um período de aposentadoria, a fim de fazer um balanço de sua situação. As recusas em Damasco tornaram tudo mais fácil para ele seguir o seu julgamento para passar alguns anos na Arábia. Ele deve fazer o ajuste e tirar as suas orientações. A chamada viera a ele de Cristo através Ananias, em Damasco, para ir muito longe, portanto, para os Gentios. Assim haviam terminado os três dias de escuridão e a dúvida quanto ao seu futuro. Mas, mesmo assim, Cristo não lhe tinha dito para ir de uma vez. O caminho agora não estava aberto e nem os judeus estavam ansiosos para ouvi-lo. Ele teve sua convocação, mas ninguém para ouvir. Além disso, foi necessária a delimitação entre o seu antigo judaísmo e seu novo cristianismo.

Os dois sistemas devem chegar a um acordo em sua própria mente. Ele havia

agido no pressuposto de que eles foram hostis um para o outro. Agora, que ele tinha aberto seu coração a Cristo, quanto de sua antiga teologia podia continuar com ele? Ele teve que pensar em todo o assunto a fim de ver onde estava. Nós não sabemos exatamente qual parte da Arábia Paulo visitou, mas de qualquer forma era a casa ancestral da raça semítica. Ele voltou aos velhos fantasmas de seus ancestrais, quer tenha viajado tão longe como no Monte Sinai ou não. Havia no seu coração o conflito entre a lei e a graça. Ele era um mestre na tradição rabínica e da lei mosaica, embora ainda inexperiente na graça de Cristo. Mas Cristo tinha olhado para ele e olhava fixamente para o rosto até que ele pôde misturar a lei e a graça. A Arábia foi o caldeirão para a teologia de Paulo. Ele provavelmente não estava totalmente sozinho durante este período, mas as meditações e reflexões foram predominantes.

Ele volta ao seu trabalho com uma visão clara das doutrinas cardeais da graça. Ele veio para ver como um novo Israel deve suplantar o velho. O novo está enraizado no antigo e é a verdadeira realização das esperanças de seu povo. Paulo percebe que os anseios messiânicos dos judeus tornaram-se realidade com Jesus. Sua tarefa é de convencer os judeus deste grande fato e ajudá-los a ver a perspectiva mais ampla do novo Israel, que é o de incluir os gentios bem como judeus. Sua vida em Tarso o havia preparado para esta revolução. A experiência de Pedro no eirado em Jope prova o quão difícil era para um judeu conceber um Gentio no Reino de Deus, exceto em termos de laços raciais judaicos. Até agora, os anos gastos na Arábia serviram para colocar largas e firmes bases do sistema teológico de Paulo.

5. Paulo dá ouvidos para a sua interpretação de Cristo — Não era um novo Cristo que Paulo teve de pregar, mas ele tinha uma perspectiva mais justa da missão mundial de Cristo, a qual nenhum dos apóstolos ainda tinha entendido. Pedro tinha dito em Pentecostes que a mensagem era para os que estavam longe, mas depois mostrou seu entendimento de que isso significava que os gentios se tornariam judeus. Estêvão tinha visto o assunto de forma mais simples, em sua verdadeira natureza espiritual, como Jesus ensinou a mulher samaritana de que a adoração a Deus não estava vinculada ao templo ou à tribo. Agora Paulo estava tomando essa maior concepção de Estêvão como tarefa para sua própria vida. Será que ele conheceria o destino de Jesus e de Estêvão? A liberalização do preconceito social e religioso é uma tarefa arriscada para qualquer homem.

Mas o caminho de Paulo é claro diante dele. Ele vai atender ao chamado de Cristo para levar a mensagem aos Gentios. Ele também sabe que deve sofrer por Cristo ao assim fazê-lo. Porém, a visão veio a ele, e ele não vai ser desobediente

independente do que lhe acontecer. É bom para Paulo que, ao passo que retorna a Damasco, não saiba ele os detalhes de sua futura carreira. Deus misericordiosamente ocultou isso dele. Ele vai carregar seu fardo dia a dia e está consciente de uma experiência mais rica e conhecimento mais completo enquanto expõe novamente as coisas de Cristo em Damasco. Existe prova de seu novo poder na trama dos judeus para matá-lo.

Ele não é uma soma desprezível. Paulo tinha ensinado aos judeus como matar pessoas pelo crime de serem cristãos. Eles estão praticando o que ele ensinava, e Paulo não foi bem sucedido em convencer os judeus de Damasco de que o Cristianismo era o verdadeiro Judaísmo; de que Jesus era, na verdade, o Messias de suas esperanças. Ele não foi capaz de responder a seus antigos argumentos, na sua opinião, mas ganhou a confiança dos cristãos. Ele ganhou convertidos a Cristo até certo ponto, pois lemos que seus "discípulos" planejaram sua fuga. Foi um começo desesperado e um retiro solitário, mas Paulo não tinha medo. Ele foi direto para Jerusalém. Ele iria contar sua nova história na presença do próprio Gamaliel se o ouvisse.

Se Paulo tivesse sido fraco, certamente teria hesitado em voltar para Jerusalém. Uma vez que tinha sido a alegria e o orgulho do Sinédrio, agora ele é vítima de seu desprezo e ódio. Uma vez que os discípulos se agitaram e fugiram com medo de sua abordagem, ele vai direto ao ponto para observar como eles ainda tremem em sua presença. O cheiro de fogo ainda está sobre ele. Não havia nenhuma simpatia em Jerusalém para com Paulo, nenhuma atenção para sua mensagem. Foi o suficiente para lançar uma natureza fraca em desespero. Paulo era sensível e sentiu profundamente, como qualquer pregador se sente, quando encontrou a sua pessoa e sua mensagem sendo indesejáveis. É uma honra para Barnabé ter tido a visão e a coragem para ver o que estava em Paulo. Nesse endosso, Pedro e João abriram seus corações para o novo recruta.

Paulo teve duas semanas de bendita comunhão com Pedro (ἱστορῆσαι). Pedro sabia que, de qualquer modo, Paulo era um homem de partes. Ele tinha feito os discípulos sentirem o aço. Não é descrédito para Pedro dizer que ele não poderia ter previsto quão grande era o homem com o qual estava lidando no momento, nem como Paulo um dia se tornaria o principal apóstolo de Cristo e roubaria de Pedro sua primazia como um expoente de Cristo. Não havia ciúmes entre eles, e Pedro poderia dizer a Paulo muitos fatos sobre a vida de Cristo; no entanto, Paulo já tinha feito a sua interpretação de Cristo para que pudesse dizer mais tarde que Pedro não acrescentou coisa alguma ao seu conhecimento de Cristo. Foi uma experiência nova a Paulo pregar Cristo nas sinagogas helenistas de

Jerusalém. Ele fez isso com tanta energia, assim como Estêvão tinha feito antes dos judeus gregos estarem prestes a matá-lo. O Senhor Jesus tinha que aparecer para Paulo em transe no templo e oferecer-lhe afastamento, pois os judeus ali não o ouviriam.

6. Paulo Defendendo o caso com os Judeus — Nós não estamos acompanhando de perto a história da vida de Paulo. Os anos em Tarso não foram desperdiçados. A oportunidade pela qual Paulo havia esperado muito tempo surgiu em Antioquia. Essa oportunidade surgiu novamente devido a Barnabé. Paulo e Barnabé tiveram uma chamada específica do Espírito Santo para irem em uma campanha mundial para ganhar os Gentios para Cristo. Eles não acharam a tarefa fácil. A fim de chegar aos Gentios, eles acham sábio pregar aos judeus. Muitos gentios tinham ligações comerciais com os Judeus. Alguns assistiam ao culto nas sinagogas. Além disso, não tinham direito de desrespeitar os judeus pelos gentios. Em Antioquia da Pisídia, Paulo teve a oportunidade de defender a causa de Cristo perante judeus e gentios devotos.

Felizmente, temos preservado notas completas desse discurso, que é a primeira declaração com qualquer plenitude a respeito da concepção de Paulo perante Cristo. A precisão de Lucas em seus relatos dos discursos de Paulo é bem justificada por Maurice Jones, em seu livro *St. Paul the Orator*. Paulo já era um pregador de Cristo há cerca de dez ou doze anos. Ele pôs à prova a sua interpretação de Jesus. Ele não é, em qualquer sentido, apologético ou tímido, e já não é um principiante, embora um estranho para aquele público específico. Certamente ele já aprendeu a colocar sua visão de Cristo para um público judeu com mais suavidade e simpatia do que era feito fielmente em Damasco e em Jerusalém. O ponto central de seu sermão é mostrar que Jesus é a promessa feita a Davi. Ele fala do ponto de vista judeu sobre o Messias judeu.

Paulo mostra conhecimento claro de João Batista e sua relação com Cristo. Ele afirma os fatos da morte e ressurreição de Cristo e expõe o significado destes dois grandes eventos. Ele dá o cerne do seu sistema de teologia, que é a justificação pela fé em Cristo, que morreu na cruz para remissão dos nossos pecados; mostra ainda que a lei de Moisés não poderia justificar os judeus diante de Deus. Era tudo muito maravilhoso e estranho, mas muito atraente. Eles queriam ouvir mais sobre isso. No Sábado seguinte, o ciúme dos líderes judeus levou Paulo a voltar-se para os gentios, em vez dos judeus. Mas nós temos um vislumbre do ponto de vista de Paulo e o seu método com os judeus. Vemos também a sua habilidade nessa questão quando ele fala com a plebe dos degraus da torre de Antonia e, mais tarde, diante de Agripa em Cesareia.

Ele está completamente em casa em todas as questões judaicas e parece o homem de todos os homens ao falar com o povo judeu a respeito de Cristo. No último capítulo de Atos, vemos Paulo articulando com os judeus de Roma a aceitarem o Reino de Deus, revelado em Jesus Cristo, e o sucesso parcial obtido. Em Romanos 9-11, Paulo revela seu amor apaixonado para com os judeus, seus próprios parentes na carne.

7. Paulo Afirmando o caso aos Gentios — O verdadeiro trabalho de Paulo era estar com os Gentios. Esse era o apelo de Cristo feito há muito tempo. Os próprios judeus levaram Paulo cada vez mais a pregar para os gregos e os romanos. Como os judeus rejeitaram Paulo e seu evangelho, ele dramática e orgulhosamente virou-se para os gentios. "Eles vão ouvir", disse Paulo aos judeus em Roma. Ele sabia disso pela experiência abençoada. Os gentios também perseguiram Paulo. No início, eles foram colocados nisso pelos judeus. Mas, no geral, os gentios ouviram atentos a Paulo. Ele glorificou o seu ministério e se maravilhou pelo fato de Cristo ter confiado a ele, o menor de todos os santos, a graça de pregar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo. Paulo evidentemente sentiu que não estava tão bem qualificado para falar com os gregos como para os judeus.

Sua educação era Judia, e seu orgulho e preconceitos correram naquela direção. Paulo tinha vindo para ver que o Cristianismo era o verdadeiro Judaísmo, e havia superado suas dificuldades a esse respeito. Era uma tarefa gigantesca lidar com as religiões sincretistas do mundo greco-romano da época. Babilônia, Egito, Síria, Grécia, Roma, todos haviam contribuído com a sua parte para fazer uma mistura. Astarte, Isis, Diana e Vênus poluíram a vida da época. O culto ao imperador tinha deslocado e degradado o antigo culto a Zeus e seu círculo de divindades. A falsa filosofia havia triunfado sobre os ideais mais nobres de Sócrates e Platão. Epicuristas e estóicos contendiam no mercado local com nenhuma chance de argumentar com as pessoas que passavam. O Mitraísmo manteve muitos em suas garras pelo seu misticismo e magia. O Gnosticismo já estava mostrando sinais de vida.

Alguém precisava ser enciclopédico no conhecimento e magistral na interpretação para ser capaz de ganhar alguma atenção para uma nova religião num mundo já abarrotado e enojado com o que tinha. Mas Deus tinha seu homem pronto. Paulo foi criado em Tarso, na casa de uma grande universidade grega e dos filósofos também, um centro da vida greco-romana. As marés do mundo romano atravessavam Tarso, e Paulo nunca é mais notável em tirar a própria linguagem dos vários cultos do tempo e carregá-la com sentido cristão.

Ele faz isso uma e outra vez. Assim, ele recebe atenção do homem da rua. Ele era um homem instruído. Mas sabia como falar na língua do seu tempo.

Ele podia ser compreendido. Um exemplo típico da habilidade de Paulo a esse respeito é visto na abordagem maravilhosa nos Montes de Marte.[1] No meio de tudo o que era ótimo em Atenas e antes dos Epicuristas e Estóicos, Paulo fez uma declaração mais persuasiva do evangelho de Cristo, de tal forma a transformar em seu favor todos os seus arredores e ainda trazer para fora muitas das doutrinas fundamentais. Ele causou também certa impressão sobre os atenienses versáteis. Quão bem Paulo sucedeu com os gentios é visto na longa linhagem de igrejas plantadas por ele na Ásia e na Europa. Em suas epístolas, ele vai gloriar-se no poder da cruz de Cristo. Era loucura para os gregos em primeiro lugar, mas para muitos, tornar-se-ia a sabedoria de Deus.

8. Paulo Buscando o Retorno de Cristo — Em Atenas, Paulo estava cara a cara com a filosofia grega e procurou pregar Cristo nos conformes deles. Em Tessalônica, pouco antes, foi o poder do império romano que o confrontou com toda a sua pressão sobre o espírito do homem. Ele passou a Corinto, onde escreve, mas os grandes problemas da Tessalônica estão no seu coração. Lá ele sentia profundamente o conflito entre o Reino de Cristo e do Reino de Roma. Ele previu a inevitável briga entre essas duas grandes forças para o domínio do mundo. Paulo encontrou a esperança na vinda de Jesus para reivindicar o que é Seu. Era natural que essa esperança devesse ser mais brilhante nas fases anteriores da história apostólica. O assunto foi deixado em dúvida pelo próprio Cristo quanto ao tempo. Os discípulos foram encarregados de estarem prontos. Não há dúvida de que essa esperança firme animou-os através dos primeiros anos de separação dEle.

Alguns chegaram a olhar para ele de uma vez. Era difícil pregar sobre o tema, sem criar uma falsa impressão. A esperança tornar-se-ia facilmente uma certeza. Então, acontece que o primeiro grupo de epístolas de Paulo lida com últimas coisas. A escatologia é colocada à frente, no início, na linguagem apocalíptica do tempo, mas gradualmente diminui com o passar do tempo. Paulo nunca perdeu a convicção de que Cristo voltaria, nem devemos, mas outros temas passaram a ocupar o seu coração com o passar dos anos. Na verdade, as duas epístolas aos Tessalonicenses são escritas principalmente para corrigir o equívoco acerca do que Paulo tinha dito sobre esse assunto. É tão fácil sermos mal interpretados. Alguns o tinham entendido dizer que aqueles já mortos não teriam participação na segunda vinda. Outros tiveram a inferência de que, uma vez que Cristo estava vindo de uma vez, não havia necessidade de trabalhar. Então, Paulo tem de negar

que ele disse que Jesus estava chegando de imediato. Na verdade, o homem do pecado terá grande importância no horizonte antes daquele evento.

Esse conflito com Roma fez tudo começar muito cedo e durou muito mais tempo do que Paulo sabia. Nas Epístolas de Tessalônica, pois, Jesus aparece de uma forma muito pessoal e verdadeira com Paulo. Ele menciona vários itens sobre sua vida e morte e aspectos da fé nEle como Senhor, em pé de igualdade com Deus Pai. Ele é o Filho de Deus, que ressuscitou dentre os mortos, que certamente voltará. A salvação é através da morte expiatória de Cristo. O cristão, entretanto, vive em Cristo como a esfera de sua atividade e a razão da sua esperança.

Estas não são epístolas doutrinárias, mas grandes doutrinas de Paulo estão aqui da forma mais incidental. Para entender o ponto de vista de Paulo, então, é preciso olhar através dos 18 anos que se passaram desde que conheceu Jesus na estrada de Damasco. Agora, tudo é inevitável para Paulo, mas o fogo do amor e da fé queima ardentemente. Ele não é *blasé*.[2] O Cristianismo não é obsoleto nem está pregando superficialmente. Ele conhece cada nova situação com a agilidade da juventude e julga Cristo capaz para tudo.

9. Paulo Justificando a Cruz de Cristo — As Epístolas de Paulo não podem ser um quadro completo de sua concepção de Cristo. Temos muito pouco dos muitos sermões de Paulo. Ele pode ter escrito outras cartas. Ele sabia coisas a respeito de Cristo que eram ilegais para se proferir. Mas, na medida em que elas se encaminham, as cartas revelam justamente a apreensão de Paulo do mistério de Cristo, como ele mesmo disse (Ef. 3:3ss.). Elas vão muito longe mesmo, sendo as maiores cartas da história, e soam com profundidade e altura, o que confunde a maioria de nós. Eu não estou tentando aqui um esboço da vida de Paulo, nem uma exposição de suas epístolas, mas apenas desenhar um esboço, por assim dizer, do profundo e crescente conhecimento de Paulo em relação a Cristo.

Eu estou usando as Epístolas como uma revelação progressiva da apreensão de Paulo sobre Cristo. Cerca de quatro anos depois que Paulo escreve a Primeira Carta aos Coríntios, ele está em Éfeso e é assolado pelos problemas na igreja de Corinto. Ele viveu para ter a triste visão de uma igreja dividida sobre os méritos de vários pregadores, incluindo ele próprio. Eles apelaram a Paulo por ajuda e ele tem que falar. As divisões conduziram a, ou ajudaram em, vários vícios e fraquezas. Paulo se sente chamado a defender seu estilo de pregação em Corinto. Cefas não tinha estado lá e Apolo foi reconhecido como eloquente. Paulo faz sua defesa, mostrando como fez certo em obrigar-se a pregar somente Jesus Cristo, e

este crucificado. Já era ruim o suficiente como era.

Se Paulo tivesse alcovitado aos falsos gostos e baixo padrão dos Coríntios por oratória chamativa e filosofia superficial, ele poderia ter feito um maior nome para si mesmo e arruinaria a Igreja. Como se viu, muitos zombaram da loucura da pregação da cruz de Cristo. Mas a sua maior alegria em tudo isso é que ele não colocou nenhuma outra fundação em Corinto do que Jesus Cristo. A Cruz de Cristo é a verdadeira sabedoria, pois é a sabedoria de Deus.

É uma ótima apologética pela Cruz que Paulo faz nessa Epístola e é extremamente pertinente agora. O coração da mensagem de Paulo é a cruz e a ressurreição de Cristo, como uma prova de seu poder sobre a morte na cruz. Paulo aparentemente se move em um novo reino sobre esse assunto, mas temos visto o mesmo ponto de vista no sermão em Antioquia na Pisídia. Seu domínio desse grande tema mostra que muitas vezes tinha pregado sobre ele e pensado sobre isso. Ele empunha a arma com grande poder.

10. Paulo contemplando a glória de Deus em Cristo — Segunda Coríntios é a mais pessoal de todas as epístolas de Paulo. Ele está no auge. A crise chegou em Corinto. Paulo está saindo de Éfeso. Ele conheceu Tito em Filipos, com muita agitação de espírito e escreve com o coração todo ardente de emoção, parecendo pegar um novo vislumbre do rosto de Jesus. Ele levanta toda a discussão do ministério da atmosfera sórdida de Corinto e coloca-a sobre o pináculo da comunhão espiritual com Deus em Cristo. A relação eterna da alma com Deus em Cristo aqui é vista com clareza maravilhosa. Essa epístola é uma fonte para cada pregador que é atormentado com cuidados e preocupações eclesiásticas. Paulo é capaz de cantar tão nobremente porque tem a verdadeira presença de Cristo com ele e está no arrebatamento real com Cristo.

Nada mais realmente importa agora. Ele é o escravo de Cristo na marcha triunfal de Deus através dos tempos. Ele é um portador do incenso divino com o doce perfume de Cristo para Deus, seja o que for que os homens possam pensar. Então, ele está confiante em Cristo com o rosto desvendado perante o mundo inteiro. A luz de Deus está em seu coração por meio de Cristo, e por amor a Jesus ele suportará qualquer coisa. Ele está ansioso para estar em casa com o Senhor, mas se esforçará para ser bem agradável a Ele como Seu embaixador. O amor de Cristo o possui rápido para sua grande tarefa. O poder de Cristo está com ele em sua fraqueza. A glória de Cristo enobrece os homens e Paulo glorifica nas possibilidades de tudo em Cristo.

11. Paulo lutando por liberdade em Cristo — A data de Gálatas é muito disputada, e o livro não tem muitas questões claras de tempo, exceto a nota de

protesto contra o esforço dos judaizantes para prender o ritual mosaico sobre os gentios. Esse esforço foi feito tão cedo quanto 50 d.C, após o retorno de Paulo da primeira missão afora, como é visto em Atos 15. Paulo tomou uma posição ousada para a liberdade da lei cerimonial para todos os cristãos gentios. Ele ganhou o apoio dos apóstolos em Jerusalém e salvou o dia, mas os judaizantes não ficariam derrotados. Eles reabriram a polêmica em Antioquia e acompanharam as viagens de Paulo em Corinto e Galácia.

A Epístola aos Gálatas é a corneta explosiva da liberdade. Parece vir apenas após Segunda Coríntios e tem muito da mesma exaltação como aquela grande epístola. Paulo aqui concebe Cristo em Sua relação universal como o libertador dos grilhões do cerimonialismo tradicional. Em Jesus Cristo não há judeu nem grego, escravo nem livre, nem homem nem mulher. É uma grande concepção e é a prova triunfal de compreensão estadista de Paulo das grandes questões em que ele viu imediata e continuamente o quanto estava em jogo. O Cristianismo espiritual estava em perigo, e, sob Deus, Paulo salvou a bendita herança em Cristo para todos nós. Ele afastou as pretensões farisaicas de prerrogativas exclusivas do Reino de Deus.

Paulo viu que as classes e linhas nacionais não foram executadas por meio de Cristo. Em Gálatas, ele se apodera das ideias principais na missão de Cristo e as aplica para a causa da liberdade e do progresso humano. Permanecei firmes na liberdade com que Cristo te libertou: Paulo tinha desenhado a imagem de Cristo com mão ousada diante dos olhos dos gálatas. Ele não consegue entender como, depois de terem visto o Cristo, eles podiam voltar aos rudimentos fracos e pobres de rabinismo. Essa mensagem é boa para todos os tempos, como um protesto contra a escravidão da mera tradição e ritual. Ela é a união vital com Cristo que Paulo cobiça. Cristo vive em Paulo, e ele foi crucificado com Cristo.

12. Paulo Expondo Redenção em Cristo — Nenhuma demonstração condensada pode fazer justiça à exposição fundamentada de Paulo das variadas relações de Cristo a todas as fases da obra de redenção que operou na Epístola aos Romanos. Paulo aqui não é apenas visto no seu melhor, no auge de seus poderes mentais, sobre o maior dos temas, e com espaço suficiente para desempenhar seu grande gênio. Paulo em Romanos dá o seu evangelho. Em um sentido verdadeiro, o evangelho de Paulo é o evangelho completo e melhor de todos (cf. Whyte, *Thomas Shepherd*, p. 18). Não é um novo evangelho; é aquele que Paulo tinha alegremente pregado aos gentios. Em nenhum lugar Paulo torna mais claro que Cristo é o centro de todo o seu pensamento e ações.

O coração de seu argumento gira em torno do fato de que Jesus fez uma

oferta propiciatória dos nossos pecados pelo Seu sangue na cruz, na qual a oferta é mediada a nós pela fé em Cristo como nosso Redentor, para que Deus livremente nos justifique e nos declare justos e, por último, nos tornando justos. Há grandes palavras em Romanos, como justiça, santificação, redenção, propiciação, fé, justificação, poder, reconciliação, salvação, não há condenação, vida, vitória, filhos, adoção, herdeiros. Mas todas elas são sem sentido para Paulo, além de Cristo. Cristo é visto aqui como o único meio de justiça, a única esperança de redenção, a promessa de tudo que é bom.

Por Cristo somos mais que vencedores. Cristo nunca nos abandonará até que nos leve ao Pai. Por Cristo, Paulo desafia todas as forças do mal na terra e no inferno. Ele está em cima da Rocha das Eras e enfrenta o diabo. Ele escreve de Corinto com a tempestade em Jerusalém, congregando na distância, mas não tem medo. Cristo está sobre todos, Deus bendito para sempre (de acordo com a pontuação provável 9:5). Ele é o Filho de Davi e Filho de Deus.

13. Paul Aprendendo a Humildade de Cristo — Paulo tem sido um prisioneiro em Cesareia e Roma, quando escreve aos Filipenses. Seu espírito é castigado e humilhado. A águia orgulhosa olha para fora e vê os penhascos que não pode alcançar. Paulo está confiante, de fato, de que será posto em liberdade novamente, mas enquanto isso, ele aprendeu a estar confiante. Ele veio para ver que Cristo é sua própria vida, e está em um sentido real vivendo sobre a vida de Cristo. Ele é encorajado a insistir que os filipenses tenham a mente que estava em Cristo. As palavras maiores que Paulo pronuncia a respeito de Cristo parecem sair incidentalmente. É assim com a grande passagem de Filipenses 2, sobre a humilhação e exaltação de Cristo. Vemos Cristo em Seu estado preexistente de glória, Sua vida humilde e morte, sua consequente exaltação maior. Paulo revela intensa paixão por Cristo em Filipenses 3.

Ele coloca sua antiga vida e teologia na balança com sua nova vida e alegria em Cristo. Porém, se recusando a colocar Cristo de lado, que sobrepõe todo o orgulho e pompa terrena, ainda é uma perseguição indescritível. Cristo o atrai para maiores alturas no serviço e comunhão. Ele conhece a alegria dessa perseguição arrebatadora; a meta é Cristo, que nunca está fora de vista, sempre chamando-o. Ele vê o brilho prévio das riquezas da glória em Cristo.

14. Paulo Mostrando a Supremacia de Cristo — Em Roma, Paulo está ciente de uma nova heresia na Ásia que ele havia previsto em seu discurso aos anciãos de Éfeso, em Mileto. Essa filosofia híbrida e essenismo especulativo degrada Cristo ao nível de um éon ou anjo. A cristologia paulina agora é atacada no centro, e Paulo sai em campo aberto para mostrar que Jesus e Cristo são uma e a

mesma coisa (cf. o "Jesus ou Cristo" controvérsia em *The Journal Hibbert*), que Jesus era um homem de verdade e morreu na cruz por nossos pecados, que Cristo é a imagem de Deus, e primogênito antes de toda a criação, que Cristo é o autor da criação, o sustentador do universo criado, que Ele é supremo no trabalho da natureza e colocado como cabeça sobre tudo.

Cristo é a chave do universo, o reconciliador entre o homem e Deus, homem e homem (o verdadeiro pacificador), o mistério de Deus, a plenitude de toda a Divindade em forma corpórea. Cristo é tudo em todos. Cristo é o nosso ideal e nosso objetivo. Estamos escondidos com Cristo em Deus. Nenhuma palavra mais alta já foi falada de Cristo que Paulo profere em Colossenses para refutar o erro gnóstico.

15. Paulo Revelando a Glória do Corpo de Cristo — Efésios é o complemento de Colossenses. Deus resumiu tudo em Cristo. Ele é a plenitude de Deus. Em um sentido real, nós somos a plenitude de Cristo, isto é, "todos nós", o povo da igreja, ou do Reino. Cristo é a cabeça, como é mostrado em Colossenses. A estrutura principal é a igreja, a igreja espiritual. Nós somos vivificados em Cristo, criados nele para as boas obras. Em nenhum outro lugar a dignidade da natureza humana é tão bem apresentada como em Efésios.

Estamos crescendo em Cristo para nos tornarmos novos homens, homens plenos nEle, em algum sentido dignos dEle, nossa Cabeça. Nós somos um só nEle, sendo ao mesmo tempo judeus e gentios. O muro da separação é derrubado. Paz e amor vieram em seu lugar. Ele é a pedra angular e nós somos incorporados ao grande templo da humanidade redimida de Deus. As riquezas de Cristo são insondáveis e seu amor transcendeu toda compreensão e toda a narração. Mas estamos destinados a sentar nos lugares celestiais com Cristo Jesus.

16. Paulo Confiando em Jesus Cristo, Sua Esperança— As epístolas pastorais mostram o lado sensível da natureza de Paulo. Ele é um homem velho. Cristo o pôs no ministério, contando de ser digno. Para Paulo, é uma maravilha como Ele chegou a fazê-lo, estando profundamente grato. A lição de tudo isso é que Jesus é o Salvador dos pecadores, é o Mediador entre Deus e o homem, o resgate de todos, o Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo. Ele aboliu a morte e trouxe vida e imortalidade à luz. Ele ajudou Paulo todo o caminho, foi por ele em seu último julgamento, quando todos os outros estavam ausentes.

Paulo está pronto para o final glorioso. Ele terminou seu curso, manteve a fé, viu a coroa do mártir pronta para si, estava disposto a ser oferecido por amor de

Jesus. Cristo é tudo e em todos para Paulo. Essa é a experiência do seu próprio coração. Esse é o seu testemunho em suas epístolas. Ele testou Cristo em todo o Império Romano, por terra e mar, com o amigo e o inimigo. Cristo nunca falhou com ele. Paulo está qualificado para interpretar Cristo fora da riqueza de sua experiência com Cristo. A melhor homenagem a Paulo é, para nós, aprendermos a conhecer Cristo e o poder da Sua ressurreição.

Paulo foi capaz de dizer no final das contas: "Eu sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia". Ele tinha confiado (παραθηκη) seu tudo a Cristo. Logo ele iria vê-lo novamente frente a frente e conheceria como também Cristo o conhece através de todos os anos.

A petição, dada acima, foi entregue em 1911. No mesmo ano surgiu a terceira edição de "*Testimony of St. Paul and Christ*" de Knowling. O fluxo de críticas a respeito de Paulo continua. No início de 1912, Paul Schweitzer e seus intérpretes (traduzido por Montgomery) apareceram com a crítica mordaz de esforços anteriores para entender Paulo. A Reforma de Lutero lutou e conquistou, em nome de Paulo, mas não avançou no conhecimento histórico de Paulo (p. 2). Seu resumo é que "o estudo do Paulinismo não tem nada muito brilhante para mostrar para si mesmo na forma de realização científica" (p. 237). Ele desconsidera os esforços para eliminar explicativamente Paulo como sendo não histórico e as Epístolas como não sendo genuínas (Steck, Van Manen). Ele vê utilidade na crítica de Tübingen na medida em que obrigou o estudo das fontes de nosso conhecimento, mas ele não conseguiu entender Paulo, que é mais do que um judeu estreito. Ele não é um mero sacramentariano como será mostrado e foi pouco influenciado pelas Religiões-Misteriosas para economizar no uso de alguns termos técnicos (Kennedy, *St. Paul and the Mystery-Religions* (1913)).

Mas Schweitzer encontra na escatologia de Paulo a chave para a sua vida e ensinamento que assumiu de Batista e Jesus (p. 243). Essa visão que Paulo teve sobre uma linha falsa de escatologia e os sacramentos e as religiões de mistério são apresentadas por Morgan em seu volume erudito, *The Religion and the Theology of St. Paul* (1917). O prof. H. A. A. Kennedy tem uma crítica afiada sobre isso em *The Expositor* (Setembro de 1917). M. Jones não tem dúvidas de que o novo ataque a Paulo do lado da religião comparativa será repelido com um grande aumento de nosso conhecimento do mundo greco-romano em que Paulo trabalhou (*Pauline Criticisms in the Present Day*, *The Expositor*, Julho de 1917, p. 31). Jones acredita que os últimos anos presenciaram uma mudança impressionante e gratificante no estudo de Paulo (p. 16). Registaram-se

progressos no conhecimento dos dados cronológicos da vida de Paulo, como M. Jones mostrou em sua discussão das conclusões de Plooij sobre esse assunto (*The Expositor*, Maio, Junho, Agosto, 1919).

Deissmann acha que Paulo foi duplamente mal-entendido como homem de cultura, em vez de um fazedor de tendas, como Amós, o pastor de Tecoa (*St. Paul*, 1911, p. 6), sob a visão na qual ele subestima enormemente Paulo. Como resultado, ele sustenta que as cartas tenham sido mal interpretadas como epístolas literárias (p. 8) para o obscurecimento do seu propósito e significado. Aqui, novamente, a verdade tem sido exagerada por Deissmann. Paulo era, ao mesmo tempo, um homem das escolas e um operário. Ele escreveu cartas pessoais, mas, às vezes, com a graça literária e a dignidade de epístolas.

David Smith produziu um grande estudo sobre o apóstolo, *The Life and Letters of St. Paul* (1920), na escala de Conybeare e Howson, na qual pesquisa com amplitude de conhecimento o velho e o novo conhecimento de Paulo, mas com um toque de condescendência às vezes fora de sintonia com os fatos. Hayes não chama Paulo de o maior teólogo. Ele reserva a honra para João (*Paul and His Epistles*, 1915, p. 487). Isso é uma questão de julgamento, mas Hayes admite que a influência de Paulo como intérprete de Cristo tem sido maior do que a de João. Talvez a verdade seja que João viu mais fundo na mente e no coração de Cristo, pela sinceridade de seu olhar e o tamanho de sua comunhão com Cristo.

Paulo é um homem de gênio maior, mais diversidade, de uma cultura mais ampla e de um rumo mais prático de espírito. Ele tem visto mais lados do Cristo e do Cristianismo do que João e interpretou mais aspectos de Cristo para mais tipos de homens. No entanto, Paulo permanece até hoje, como antigamente, o principal intérprete de Jesus Cristo para os homens modernos. Ele não pode ser livrado disso. Seu domínio sobre a mente dos cristãos modernos é inabalável, apesar de todas as críticas e progresso. Devemos nos voltar para Cristo, mas temos de ir pelo caminho de Paulo. João mostra a influência de Paulo como faz com Lucas e Marcos. Pedro e Barnabé sentiram a força da liderança de Paulo, onde a liderança ainda é dominante, pois Paulo conhecia Cristo segundo o Espírito de Deus.[3]

Capítulo 2

A Versatilidade de Paulo

O grito de "Voltar para Cristo" não se dispôs de Paulo. O grande apóstolo continua a dar aos críticos muito trabalho. Ele é acusado de ter pervertido o simples evangelho do reino pregado por Jesus em uma teologia abstrata e estranha ao pensamento e propósito de Cristo. Ele é chamado o segundo fundador do Cristianismo; na realidade, o destruidor do cristianismo de Cristo. Então, tivemos a controvérsia "Jesus ou Paulo".[4] A batalha ainda está sendo travada sobre a cristologia paulina e vários volumes[5] recentes tratam esse tema. Paulo é condenado por alguns por rabinizar o Cristianismo, embora Montefiore[6] ache que ele não entendeu corretamente o Judaísmo que denuncia. Sir W. M. Ramsay afirma em seus livros sobre Paulo que ele estava familiarizado com as melhores coisas do atual helenismo, embora, no fundo, fosse um judeu completo.

"Um judeu palestino jamais poderia ter se tornado o apóstolo do mundo greco-romano" (Ramsay, *The Hellenism of Paul* no *Teaching of Paul in Terms of the Present Day*, 1913, p. 32). Mas A. E. Garvie[7] contesta tanto a quantidade quanto a qualidade dessa formação grega de Paulo. "Na mente de Paulo, um helenismo universalizado se uniu com um hebraísmo universalizado" (Ramsay, *The Cities of St. Paul*, p. 73). Na verdade, as religiões misteriosas[8] do mundo greco-romano são mantidas por alguns por serem o fator determinante na teologia de Paulo. Uma visão habilmente respondida pelo professor H. A. A. Kennedy,[9] mas ainda defendida pelo professor W. Morgan, em seu livro, agora famoso, *The Religion and Theology of St. Paul*, 1917, e claramente refutada também pelo professor Kennedy em *The Expositor*[10] em agosto e setembro de 1917.

Dr. Maurice Jones[11] considera esse ataque sobre a visão ortodoxa de Paulo paralelo, em importância, à crise levantada pela crítica de Baur: "Eu não tenho

nenhuma dúvida de que esse ataque será tão repelido com sucesso como foi o de Baur, e que na providência de Deus outro Lightfoot surgirá, com um conhecimento mais amplo da história da religião como um todo, e com uma visão mais verdadeira para o real significado do desenvolvimento da doutrina cristã do que aqueles possuídos por esta escola de críticos vão fazer para a integridade e continuidade da doutrina de S. Paulo, o que Lightfoot fez para a autenticidade das epístolas".[12] Eu concordo plenamente com essa profecia. Mas, mesmo antes do novo Lightfoot vir, é possível para nós mantermos o nosso equilíbrio sobre Paulo. Schweitzer, em seu *Paul and His Interpreters* (1912), é implacável no entusiasmo e força de suas críticas aos intérpretes antigos e modernos de Paulo. Reconhece a pungência dos seus pontos até que ele se compromete a explicar a teologia de Paulo do ponto de vista unicamente escatológico.

Então vamos caminhar em círculos sem fim ou sair pela tangente. Agora, somos informados de que Paulo é um sacramentariano, esta última sendo uma tentativa de explicar Paulo por uma ideia. Até mesmo o apto Heinrich J. Holtzmann foi até esse ponto de vista, e o professor H. T. Andrews argumentou em *The Expositor* em Novembro de 1916, que esse era agora um fato estabelecido com o qual os cristãos evangélicos devem contar. Meu breve protesto contra a alegação de Paulo como sacramentariano foi acompanhado por uma extensa e suficiente defesa[13] da natureza espiritual da mensagem de Paulo pelo professor W. H. Griffith-Thomas, de Toronto.[14]

O professor G. G. Findlay fez uma nota necessária em seu artigo erudito em "*The Unity of St. Paul's Teaching*", no *London Quarterly Review* de Julho. Os elementos aparentemente contraditórios no ensino de Paulo admitem síntese fácil e natural, desde que deixemos Paulo ser seu próprio intérprete. Isso o Dr. Findlay mostra com habilidade característica. Paulo não era um camaleão intelectual e teológico, uma simples água-viva. Ele era "tudo para todos os homens", não por causa da flacidez mental, mas "para que possa, por todos os meios, chegar a salvar alguns" (1Co. 9:22). Esse propósito dominante atravessa todo o pensamento e obra de Paulo. Ele não estava à deriva ao pegar pedaços da sabedoria na Ágora de Atenas, como os epicuristas e estóicos filósofos zombaram (At. 17:18), mas um grande pensador construtivo com a verdadeira filosofia da história e da vida.

Ele não estava confiando em palhas para se salvar, mas estava projetando uma grande campanha para evangelizar o mundo romano para Cristo. Ele viveu entre

os homens, com certeza, e não era um erudito recluso do contato com os homens, embora não fosse um mero artesão como Deissmann argumenta em seu *St. Paul*. Nunca compreenderemos o evangelho de Paulo até entendemos "a individualidade de S. Paulo" (R. H. Strachan, 1916). A noção de que Paulo era um mutuário e fez uma colcha de retalhos de sua teologia, uma espécie de colcha mal arranjada, não é nova.

Lightfoot tratou com grande lucidez e força as supostas relações entre Paulo e Sêneca em seu comentário sobre Filipenses. É inútil afirmar que Paulo era um estóico, porque ele mostra familiaridade com as correntes máximas estóicas. Ramsay está plenamente justificado ao denominar Paulo filósofo, o maior dos filósofos. Da mesma maneira que ele sabia o dialeto e o método intelectual dos rabinos e não hesita em algumas ocasiões ao adotar o método rabínico de argumento para mudar um assunto com seus oponentes judeus (cf. Gl. 3:16, 20). Ele consegue usar a alegoria com mais propósito do que Filo (Gl. 4:21-31). Mas é tão tolo chamar Paulo discípulo de Filo quanto de Zeno. "Para os judeus, fiz-me como judeu, para que possa ganhar os judeus, para os que estão debaixo da lei, como sob a lei, mesmo não estando sob a lei, para que talvez possa ganhar os que estão debaixo da lei: para os que estão sem lei, como sem lei, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para que possa ganhar os que estão sem lei". (1Co. 9:20, 21). Nessa importante passagem, Paulo interpretou seu próprio método. Ainda é verdade que Paulo é o melhor intérprete do Paulinismo — melhor do que Baur, Pfleiderer, Wernle, Weinel e todo o resto.

Os críticos de Paulo confessam a sua incapacidade de compreendê-lo. Findlay[15] cita Pfleiderer como encontrando "nenhuma outra alternativa senão admitir que Paulo manteve dois tipos diferentes de concepções (judaica e helênica) em sua consciência lado a lado, mas não relacionadas, e saltou de uma para a outra, sem estar consciente da oposição entre elas". Isso é ingênuo, não compreende Paulo, além de errar bastante o ponto. Paulo era um judeu com formação farisaica, um rabino especialista das escolas, e viveu no mundo greco-romano e sentiu as correntes de pensamento e vida sobre si; mas agora ele era, antes de tudo, um escravo de Jesus Cristo. Ele não olha agora para Cristo pelo ponto de vista dos judeus, ele olha pelo ponto de vista grego.

Ele está agora interpretando Cristo aos judeus e também aos gregos. Sua concepção de Cristo e do Evangelho não é uma mistura, mas um único todo. Ele varia sua terminologia para tornar-se o melhor compreendido por diferentes públicos, assim como grandes pregadores fazem atualmente. Paulo ainda chama um poeta cretense de "profeta" para adicionar uma temática à citação, sem

querer endossar o poeta como em pé de igualdade com os professores cristãos. As antíteses na linguagem de Paulo são como os paradoxos de Jesus a serem interpretadas pelo corpo principal de seu ensino. Weinel perde o foco quando afirma que "nos escritos de S. Paulo, temos duas formas de religião — a sacramental e o lado puramente espiritual — estando lado a lado, sem qualquer tentativa de coordenação".

A linguagem é, no fundo, figurativa, dando uma sensação estranha no coração ao ler que Paulo não sabia se era um sacramentariano ou um pregador do cristianismo espiritual. É revigorante, em qualquer grau, encontrar um sacramentariano moderado como W. H. P. Hatch,[16] disputando a fé como principal no sistema de Paulo: "Portanto, embora o presente escritor acredite que Paulo pensava no batismo e na Ceia do Senhor de uma forma sacramental, para ele, aparentemente, é incorreto no mais alto grau, impreciso e enganoso, chamar o cristianismo paulino de uma religião de mistério, sendo muito mais justo e razoável dizer que é uma religião de fé, pertencente à esfera da psicologia e ética, ao invés de pertencer a do mistério ou magia". "Pois a fé sozinha, como vimos, é o princípio fundamental do cristianismo paulino".

Temos que aprender a resolver as coisas primeiramente com Paulo. Ele não era um caprichoso, não salta de um extremo ao outro. Houve uma grande crise em sua vida, uma revolução espiritual e intelectual, ou seja, sua conversão. Até aquele grande acontecimento, quando Jesus se revelou a Paulo, sua vida corria um caminho reto e consistente como o campeão do Farisaísmo que veio a golpes com o Cristianismo (Gl. 1:13, 14). Ele foi igualmente consistente depois em sua busca zelosa[17] por Cristo (Flp. 3:12). Toda essa grande passagem (Flp. 3:1-16) é uma apologia de Paulo para com sua mudança do Rabinismo para Cristo e sua aderência consistente e persistente a Cristo como a única coisa[18] que vale a pena na vida.

Cristo domina toda a alma de Paulo, Cristo é a sua paixão, a sua própria vida. Tudo mais é secundário e inferior. O homem que afirmou a sua autoridade apostólica como independente e em pé de igualdade com a de Pedro, Tiago e João, os pilares de Jerusalém (Gl. 1 e 2), não era susceptível de ser levado pelo fogo-fátuo de luzes menores. Se sua compreensão da liberdade dos gentios e a verdade do evangelho espiritual eram fortes o suficiente para livrá-lo da tirania dos judaizantes, o poderoso elemento farisaico no cristianismo de Jerusalém (1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Romanos), Paulo foi igualmente lúcido na sua detecção dos sofismas do gnosticismo nascente (Colossenses, Efésios, e as

Pastorais). Se ele foi capaz de anunciar a segunda vinda de Cristo com sanidade, e não ir para os excessos dos apocalípticos escatológicos selvagens (1 e 2 Tessalonicenses), ele foi certamente competente para entender as sutilezas do Mitraísmo, sem se tornar uma vítima de seus caprichos (cf. Kennedy, *St. Paul and the Mystery-Religions*).

Paulo tem direito a um tratamento justo nas mãos do criticismo. Agora, a grande maioria de suas epístolas é aceita como genuínas. Poucos estudiosos disputam agora a autoria paulina das quatro grandes epístolas admitidas por Baur (1 e 2 Coríntios, Gálatas e Romanos), e 1 Tessalonicenses, Colossenses e Filipenses. Estas são suficientes para explicar todos os lados do ensino de Paulo, sendo ele seu próprio intérprete. Na verdade, estamos acolhendo toda a nova luz do estudo da escatologia apocalíptica, Farisaísmo, papiros, inscrições, culto do imperador, Mitraísmo e outras religiões de mistério, Estoicismo e toda a cultura helênica, Filo, bem como a literatura apócrifa da sabedoria.

Todos esses produziram o mundo de Paulo, e ele vivia nele com olhos e ouvidos bem abertos. Mas isso é absolutamente injusto com esse homem multifacetado, esse gênio versátil, que fez uso de todas as formas de linguagem que poderiam ajudá-lo a interpretar "as insondáveis riquezas de Cristo" (Ef. 3:8), se buscarmos a chave para a sua mensagem e vida em um desses fluxos subordinados e contributivos de influência, em vez da principal fonte de tudo. Paulo era um estudante próximo do Antigo Testamento, mas interpretou as Escrituras Sagradas à luz da Cruz de Cristo. Ele interpretou a circuncisão de Abraão como o selo da fé que ele já tinha enquanto na incircuncisão (Rm. 4:10, 11). Ele se recusou a fazer o batismo essencial para a salvação (1Co. 1:14-17), mas tornou-o símbolo da morte para o pecado e sepultamento da velha vida e a ressurreição para a nova vida em Cristo (Rm. 6:3-7).

Não é justo para Paulo ler em sua língua as ideias sacramentais do mitraísmo atual quando ele incisivamente interpreta sua ideia no sentido não sacramental, especialmente quando o significado sacramental infringe o lema repetitivo de Paulo da salvação pela fé e não por obras da lei (Rm. 3:27, 28). É mais natural dizer que os críticos que fazem Paulo desistir da sua tese principal da mensagem, a salvação pela graça, estão enganados quando assim interpretam frases que, *per se*, são capazes de um significado sacramental.

Não é a primeira vez que os críticos descartaram Paulo para sua própria satisfação, mas ele tem um notável poder de permanência e tem resistido a muitas tempestades. Uma das razões é a marca da realidade na mente de Paulo. Ele é absolutamente sincero, vê a coisa principal o tempo todo. Sua mente é

rápida e brinca com muitos apenas com uma mudança de expressão, mas essa arte intelectual não é a chave para a mente de Paulo. Essa chave é Cristo, e Cristo somente. Paulo acreditava que ele tinha relações diretamente com o Cristo Ressuscitado, o Jesus de Nazaré, a quem os judeus tinham crucificado. Ele alegou que recebeu do Senhor, como o Senhor Jesus instituiu a Ceia, na noite em que foi traído (1Co. 11:23-34).

Nesta exposição, Paulo dá uma interpretação não sacramental da ceia: "Fazei isto em minha memória". Para fazer com que o significado simbólico vá além da controvérsia, ele acrescenta: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes deste cálice, vós anunciais a morte do Senhor até que ele venha" (11:26). Não há "mágica" aqui. Podemos pôr de lado como irrelevante a questão de saber se Paulo recebeu essa revelação direta do Senhor Jesus, como sinceramente acredito ser verdade. O ponto de vista em disputa é a própria interpretação de Paulo da ordem no sentido não sacramental. Isso é tão claro como cristal. É consideravelmente comparável a produzir uma prova sobre o que os mitraístas pretendiam pelo seu batismo e por suas ceias. Isto é eisegeses, não exegese. Paulo é o próprio expoente mais competente do paulinismo. Ele tem o direito dos cânones da crítica aplicados a Platão ou a Shakespeare. Paulo era um místico (cf. Campbell, *Paul the Mystic*, 1907), mas não era um rapsodo delirante. Esse é um perigo apenas para aqueles incapazes de compreenderem um homem real, de carne e sangue, esse estadista, esse fabricante de tendas, esse rabino, esse filósofo, esse estudioso, esse orador, esse teólogo, esse missionário, esse pastor, esse eclesiástico, esse humanitário, esse amante de Jesus Cristo, esse grande livre Cristão.

Capítulo 3

Paulo e a Divindade de Cristo

Em um comentário muito gentil do meu "*Divinity of Christ in the Gospel of John*", *The Outlook*, de Nova York, termina com estas palavras: "A tese que o Evangelho, assim, o leva, é de que 'Jesus é Deus'. É certo que Paulo, em epístolas de datas anteriores ao mais antigo Evangelho, e de autoria indiscutível, nunca ensinou isso". O revisor admite que o Evangelho de João ensina de tal maneira a visão de Jesus, mas compete com as epístolas de Paulo contra o Evangelho de João para o descrédito do Evangelho.

Agora, se o revisor quer dizer que Paulo não proferiu com todas as palavras "Jesus é Deus", ele está correto. Mas nem João diz essas palavras, embora, evidentemente, profira a afirmação em substância. João diz que o Verbo era Deus (Jo. 1:1) e que o Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo. 1:14). Ele torna perfeitamente evidente que considera a encarnação do Filho de Deus, o Logos eterno. João também representa Tomé tratando Jesus como "Meu Senhor e meu Deus" (Jo. 20:28).

Como é com Paulo? Lucas, em Atos 20:28 (texto correto, a margem da Versão Revisada), relata Paulo, dizendo aos anciãos de Éfeso em Mileto: "Alimentai a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue". Os dois manuscritos gregos mais antigos e melhores do Novo Testamento (códices Sinaiticus e Vaticanus) leem "Deus" aqui, não "Senhor". Mas pode ser respondido que isso é simplesmente o relato de Lucas do discurso de Paulo.

Em Romanos 9:5, o próprio Paulo diz: "deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos. Deus bendito para todo o sempre. Amém". Esse é o texto da Versão Revisada. O grego antigo não tinha pontuação e qualquer um tem a liberdade de fazer a sua própria pontuação. Não há vírgula depois de "carne, aquele que está acima de tudo, meu Deus, seja abençoado para sempre. Amém". Isso é possível de ter certeza, mas nada sendo tão natural, quer no grego ou no inglês. Além disso, a frase "Cristo segundo a carne" sugere claramente Cristo não como segundo a carne, e parece

exigir “Deus” em aposição para completar o sentido.

Mas isso não é, de forma alguma, tudo. A Epístola a Tito não é admitida como paulina por todos os estudiosos, mas o balanço das evidências ainda gira dessa forma. Em Tito 2:13, lemos: “Olhando para a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (margem da Versão Revisada). O texto (RV) lê “do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo”. Os papiros e inscrições provam em abundância que a expressão “nosso grande Deus e Salvador” era uma fórmula corrente na adoração do imperador romano. Paulo simplesmente tomou essa fórmula e aplica a Cristo (cf. meu *Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, p. 786; Moulton *Prolegomena to New Testament Greek* de Moulton, p. 84).

Em Colossenses 1:15f., Paulo descreve Jesus como “a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas”, a linguagem que lembra curiosamente o versículo do Evangelho de abertura de João.

Bacon (*The Fourth Gospel in Researchand Debate*, p. 7) diz: “Tudo da doutrina do Logos, exceto o nome, já está presente nas epístolas paulinas”. Dificilmente vale a pena questionar a palavra “Deus” quando a ideia é a mesma. Além disso, como já demonstrado, não é de todo certo que Paulo não aplicou a palavra “Deus” para Jesus. O saldo da evidência em Atos 20:28, Romanos 9:5, Tito 2:13 é a favor dessa posição.

Além disso, Paulo, em numerosas passagens, chama Jesus de “Senhor”, uma palavra comum para Deus no Antigo Testamento e nos Evangelhos. Ele também coloca Jesus em pé de igualdade com Deus em várias passagens, mesmo nas primeiras Epístolas, como “em Deus Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (1Ts. 1:1), “paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo” (2Ts. 1:1), “agora, nosso próprio Senhor Jesus Cristo e Deus, o nosso Pai” (2Ts. 2:14), “por meio de Jesus Cristo, e por Deus Pai” (Gl. 1:1).

E então, naquela passagem famosa, Filipenses 2:6-11, Paulo afirma expressamente o estado preencarnado de Cristo “na forma de Deus”, “em pé de igualdade com Deus”. Essa grande passagem afirma a divindade de Cristo e a humanidade de Jesus e o senhorio de Jesus Cristo.

“Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (1Co. 12:3). As riquezas preencarnadas de Cristo são afirmadas por Paulo em 2 Coríntios 8:9.

Isso não é, de forma alguma, tudo o que Paulo possui sobre o assunto, mas é o suficiente para contradizer completamente a opinião do revisor de *The Outlook*

de que "Paulo nunca ensinou isso" (a divindade de Jesus Cristo), como o Evangelho de João ensinou.

A verdade simples é que todos os livros do Novo Testamento têm a mesma atitude em relação a Jesus. Dr. Lukyn Williams tem uma nova e capaz discussão do Evangelho de Mateus, sob o título *The Hebrew Christian Messiah*, no qual ele mostra de forma conclusiva que o autor do primeiro Evangelho apresenta e comprova a divindade de Cristo.

A mesma situação surge na chamada *logia* (o *Q* da crítica). Marcos não faz nenhum outro. A crítica moderna tem mostrado que todas as fontes de nosso conhecimento concordam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.

Até agora é a minha breve resposta ao *The Outlook* em *The Baptist World*, em 1917. Mas o argumento é muito mais forte, o qual coloco em seguida. É preciso lembrar que Paulo era um judeu, um fariseu do tipo mais estrito, um teólogo formado na escola de Gamaliel e familiar com toda a antipatia judaica à linguagem politeísta e adoração ao imperador tão abundantes quando escreveu. Ao aplicar o termo "Senhor"[19] a Jesus, ele estava plenamente consciente da sensibilidade judaica sobre o uso da palavra na Septuaginta por Deus e também da forma livre como os romanos aplicaram ao "Senhor César".

Paulo viu o problema claramente traçado entre César e Cristo para o senhorio do mundo. Ele corajosamente desafiou o culto a César e defendeu a adoração de Jesus como Senhor. É preciso ter isso em mente para medir a força da linguagem de Paulo. Não foi um deslize descuidado da parte de Paulo, mas a convicção deliberada quando colocou Jesus em pé de igualdade com o Deus e Pai dos homens.

Além disso, a fé de Paulo em Jesus como Senhor era fruto da experiência pessoal. Quando se rendeu ao Jesus ressuscitado no caminho de Damasco, ele perguntou primeiro: "Quem és tu, Senhor?" (At. 9:5, 22:8, 26:15). Ao saber que era Jesus a quem estava perseguindo, Paulo disse: "Que farei Senhor?" (At. 22:10). Paulo nunca hesitou a partir da convicção de que tinha visto o Jesus Ressuscitado, que lhe apareceu também em outros momentos e que reconheceu como "Senhor" (At. 9:10 em Damasco, At. 22:19, em Jerusalém). Desde o início, e após a sua conversão radical, pelo qual foi o motivo, Paulo virou as costas a todos os seus preconceitos teológicos e auto-interesses e "proclamou que Jesus é o Filho de Deus" (At. 9:20), "provando que este é o Cristo (o Messias)" (At. 9:22). Paulo havia atravessado o Rubicão.[20] Os judeus em Damasco procuravam matá-lo (At. 9:23) e o ódio dos judeus procurava a sua

morte até o fim, mas Paulo nunca hesitou na sua lealdade a Jesus como Senhor.

Se for dito que Paulo só acreditou e ensinou a trindade prática e não uma teoria metafísica da Divindade, várias coisas pedem observação. Uma delas é que Paulo conhecia os refinamentos rabínicos sobre a unidade de Deus e os perigos do Politeísmo. Ele também sabia algo de atual especulação filosófica grega. Ele veio de Tarso, que era o lar de uma grande universidade com famosos professores de filosofia. Ele argumentou com os estóicos e epicuristas na Ágora em Atenas, muito a seu desprezo, na verdade, pois eles o julgaram como um mero "coletor de sementes"[21], um apanhador de pedaços de sabedoria no mercado (At. 17:18), um mero tagarela no meio de sofistas e ginastas linguísticos.

Mas qualquer pessoa lembra que as epístolas de Paulo têm tantas palavras em comum com a linguagem filosófica de Sêneca que os estudiosos têm discutido a sério a questão de saber se Paulo não pegou emprestado o grande Estóico, ou ele pegou de Paulo (*Lightfoot's Excursus in his Commentary on Philippians*).

E Sir. W. M. Ramsay se atreve a dizer que Paulo é o maior filósofo de todos os tempos, o maior no conhecimento, na sanidade, na compreensão, no conhecimento da verdade. Além disso, as epístolas posteriores de Paulo (Cl., Ef., as Pastorais) revelam uma luta titânica com uma fase sutil de filosofia que atingiu a Pessoa de Cristo. O Gnosticismo incipiente na província da Ásia tinha aceitado o Cristianismo, mas rejeitou a divindade e senhorio de Jesus. Essa filosofia esotérica do Oriente considerou que a matéria era inerentemente má, e que o bom Deus não podia tocar a matéria. Por isso, postulou uma série de *æons* como intermediários entre Deus e a matéria. A Pessoa de Cristo foi aceita por eles de duas maneiras: uma ala afirmou que Jesus não tinha um corpo humano real, mas apenas parecia ser um homem (gnósticos docéticos); a outra ala ensinou que Jesus era um mero homem, mas que o Cristo (um *æon*) veio sobre ele no seu batismo e o deixou em sua morte na cruz (gnósticos cerintianos). Mas em ambas as visões, o Cristo foi considerado um *æon*, ou emanação de Deus.

Os gnósticos colocaram Jesus Cristo na parte inferior de uma série de *æons* ou emanações de Deus. Paulo desafiou esta cristologia degradante em um argumento magistral em que sustenta a unidade de Jesus e de Cristo, "o Senhor Jesus Cristo" (Cl. 2:6), a humanidade real de Jesus Cristo "através do sangue da Cruz" (Cl. 1:20), a verdadeira divindade de Jesus Cristo como o Filho de Deus encarnado, como "o Filho do seu amor" (Cl. 1:13), "a imagem do Deus invisível" (1:15) "Porque nele habita toda a plenitude da divindade" (2:9), e Cristo está agora "sentado à direita de Deus" (3:1). Paulo destemidamente

afirmou primazia para Jesus Cristo como o "primogênito de toda a criação" (1:15), não o fim de uma série de *æons*, como o Criador e Sustentador do universo material (1:16-17), como a cabeça do universo espiritual (1:18), "para que em tudo tenha a preeminência". A mesma linha de argumentação é realizada em Efésios e nas Epístolas Pastorais.

É impossível dizer, portanto, que Paulo não lidou com os aspectos filosóficos e metafísicos da Trindade e que, para ele, Jesus tinha apenas o "juízo de valor" de Deus, sem qualquer reflexão aguda da força de suas palavras. Ele conheceu e conquistou uma forma tão sutil de heresia cristológica como o Cristianismo nunca teve de conhecer. Ele se ergueu nessa controvérsia com os mais elevados patamares de valorização e adoração de Jesus, o Filho de Deus, o Filho preencarnado de Deus (2 Co. 8:9;. Fl. 2:6.). Ele usou a linguagem de Jesus que não está apta para aplicar a qualquer mero homem, mesmo o mais nobre dos homens, dando a Jesus Cristo os atributos de Deus e, com toda a probabilidade (At. 20:28, Rom. 9:05;. Tit. 2:13), como o Evangelho de João (1:1), aplicou a palavra "Deus" para Jesus, a quem ele certamente chamou repetidamente "o Filho de Deus".

Uma vasta literatura tem crescido em torno da famosa passagem em Fl. 2:5-11. Aqui, Paulo definitivamente afirma que no estado preencarnado de Cristo, ele estava "subsistindo em forma de Deus"[22]. Nesse estado, Jesus Cristo "contou estar em pé de igualdade com Deus",[23] como um fato. Primeiro obtenha isso claramente. Foi um fato, um fato consciente de Jesus Cristo antes de sua encarnação, assim como temos em João 1:1. Não precisamos de dúvidas sobre as distinções entre "forma"[24] de Deus (ver também a "forma de servo"), "semelhante aos homens,"[25] "em forma de homem"[26]. Essas melhorias não afetam a afirmação ampla na frase de que Jesus, em seu estado preencarnado, estava em pé de igualdade com Deus, assim como os judeus o acusavam de reivindicar, "fazendo-se igual a Deus"[27] (Jo. 5:18). A divindade que Cristo tinha era tão real quanto a humanidade que tomou sobre si.

O que quer que se entenda por "esvaziou-se"[28], Paulo não quer dizer que Jesus despojou-se de sua natureza divina e filiação. Ele não podia fazer o que nenhum filho terrestre pode, que é livrar-se da natureza de seu pai. A única coisa a qual Jesus não "agarrou"[29] era o seu lugar no céu ao lado do Pai e no trono de Deus. Ele abandonou os trajes da Divindade, mas não a realidade, e não o poder, embora a Encarnação inevitavelmente tivesse imposto limitações de tempo,

lugar, conhecimento, cansaço e fraqueza humana as quais os Evangelhos confirmam amplamente. Mas nesta grande passagem, Paulo apresenta de forma magistral a divindade e a humanidade de Jesus Cristo, o Filho de Deus e o Filho do Homem, com o acréscimo de glória e honra que vieram depois da humilhação. A exaltação suprema será que "toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai".

Denney (*Lettersof Principal Denneyto Sir W. Robertson Nicoll*, p. 124) foca para a frase: "Jesus é Deus", sobre o fundamento de que em inglês a palavra "Deus" é um nome próprio pessoal e não indica o grego *theos*. "Deus" (como Pai e Espírito Santo) é mais do que Jesus, e Jesus é humano, bem como divino. Existe um ponto nessa dificuldade linguística no inglês.

Paulo não só levou Jesus a ser o Filho de Deus e Senhor de sua vida, mas se vangloriou do culto e serviço de Jesus, o qual não foi superado por nenhuma mística cristã em todos os tempos. Paulo afundou-se na vontade de Cristo: "Já estou crucificado com Cristo e já não sou eu que vivo, mas Cristo vive em mim" (Gl. 2:20).

Capítulo 4

Paulo, não um Sacramentariano

No artigo muito competente do Professor H. T. Andrews no *The Expositor* de Novembro sobre "*The Place of the Sacraments in the Teaching of St. Paul*", o escritor sábio parece-me cometer o erro fatal de ler, da linguagem de Paulo sobre o batismo, as ideias dos mitraístas e dos posteriores cristãos sacramentarianos. Esse é precisamente o vício do método crítico e histórico pelo qual o professor H. A. A. Kennedy foi tão habilmente refutado no seu *St. Paul and the Mystery-Religions*. A mente afiada de Paulo estava em alerta para pontos de contato com o pensamento de sua época, mas ele não era um mero estúpido sem teologia coerente.

O professor Andrews certamente exagera o assunto quando afirma que a exegese científica deu vitória aos sacramentarianos contra os simbolistas e que os teólogos devem encontrar uma maneira de salvar o cristianismo moderno a partir dessa praga ou abandonar Paulo como um intérprete confiável do Cristianismo. Ele tem razão de que os cristãos modernos como um todo não vão aceitar o cristianismo sacramentariano. O professor Andrews admite que Paulo tem seu lado evangélico, mas afirma que a inconsistência em sua atitude para com o batismo é incapaz de solução. Atrevo-me a responder que o professor tem se metido em uma neblina, em vez de Paulo.

Se alguém interpreta a linguagem de Paulo sobre o batismo simbolicamente, não há inconsistência. A explosão de liberdade em Gálatas contra os cerimonialistas judaizantes é, portanto, inteiramente colocada no lugar certo quando chegamos ao ensinamento de Paulo sobre o batismo. Agora, há duas passagens nas epístolas de Paulo que, a meu ver, são decisivas neste ponto e tornam impossível classificar Paulo com os sacramentarianos sobre o assunto do batismo. O primeiro é 1 Coríntios 1:14-17. Aqui, Paulo expressa gratidão[30] de tal modo por não ter batizado nenhum dos cristãos de Corinto, exceto Crispo e Gaio. Então, ele recorda a família de Estéfanas e, além disso, não consegue lembrar se batizou quaisquer outros.

Certamente, essa atitude, quase de indiferença, não é a de um homem que relacionou a eficácia salvadora à ordenança do batismo. Mas o versículo 17 resolve a questão. “Porque Cristo não me enviou para batizar[31], mas para evangelizar[32], não com sabedoria de palavra, para que a cruz de Cristo não deva ser vazia”. Aqui, Paulo deliberadamente interpreta sua missão permanente como um apóstolo[33] de Cristo em uma linguagem que deixa o batismo de um lado, e em contraste com a sua verdadeira obra de pregação do Evangelho. Eu não vejo como é possível entender que Paulo poderia escrever assim, se ele sustentou a regeneração batismal. Certamente Paulo não estava ignorando o batismo, mas não o considerou como sua tarefa.

Eu não pressiono a última cláusula, onde o medo está implícito, de que a cruz de Cristo possa ser considerada nula e sem efeito, esvaziada[34] de valor real. É possível limitar essa cláusula para a “sabedoria do discurso”, embora, naturalmente, aponte de volta também para o contraste anterior.

A outra passagem é Romanos 6:3-6, onde Paulo explica o simbolismo do batismo em termos de sepultamento e ressurreição. Certamente Paulo aqui é um simbolista, como é tão bem trazido por Sanday e Head-lane sobre essa passagem.

Há passagens, nos escritos de Paulo, que são passivas de interpretação sacramentariana dada a elas pelo professor Andrews. Meu argumento é que essas passagens ambíguas devam ser expostas à luz do verdadeiro espírito de Paulo, e não do ponto de vista do mitraísmo e do cristianismo sacramentariano posterior. Para isso, não está inclusa, na minha opinião, a exegese científica. Ao invés de preferencialmente fazer uma desordem de Paulo, cuja visão sobre a mente de Cristo nunca foi superada. Não é necessário abandonar Paulo.

Capítulo 5

Paulo, Arquiteto da Igreja em Corinto

Paulo está na defensiva nos quatro primeiros capítulos da Primeira Carta aos Coríntios. A família de Cloe chegou a Éfeso (1Co. 1:11) com relatórios completos da contenda na igreja em Corinto. Havia divisão e partidarismo. Alguns se mantiveram com Paulo, alguns com Apolo, alguns com Cefas, e alguns com Cristo (fazendo uso partidário do nome de Cristo). Foi tudo muito humilhante para Paulo. Não é certo que Pedro tinha ido a Corinto, embora seja possível. De qualquer forma, os judaizantes fizeram uso do nome de Pedro, como haviam feito com o de Tiago, irmão do Senhor (Gl. 2:12), em oposição a Paulo. O próprio Apolo tinha deixado Corinto por causa da perturbação e recusou a súplica urgente de Paulo para voltar (1Co. 16:12). Ele estava farto de Corinto, e tinha ido com as recomendações cordiais de Áquila e Priscila em Éfeso (At. 18:27) e sua eloquência e aprendizagem tinham causado uma grande impressão. Ele claramente não tinha a intenção de causar uma cisma, mas, uma vez que facções surgem em uma igreja sobre pregadores, não é fácil acabar com o tumulto.

A situação em Corinto deve ter sido muito ruim, a julgar pela própria linguagem de Paulo nesses capítulos e de 2 Coríntios, onde o clímax é atingido. Paulo está tentando mostrar que nem ele nem Apolo são culpados pelas divisões que surgiram, mas a vaidade e a inveja dos próprios membros que não atuaram no espírito de Cristo (1Co. 3:1-9, 4:6-21). Paulo plantou a semente e Apolo regou a planta, mas Deus deu o crescimento (3:6), e Deus merece toda a glória. Além disso, é "campo ou lavoura de Deus" e "construção de Deus", Paulo e Apolo são apenas cooperadores de Deus na construção da casa de Deus (3:9).

É essa figura de "construção" que Paulo retoma e desenvolve em 3:11-17. Ao fazê-lo, Paulo justifica sua obra em Corinto, mas o faz sentir-se como um tolo pela causa de Cristo ter que fazê-lo (4:10), como ele diz, com a mais profunda

ironia: “Nós somos loucos por causa de Cristo, mas vós sábios em Cristo”.

A palavra traduzida como “mestre-construtor” é realmente a nossa palavra “arquiteto”[35]. Dr. Walter Lock, Lady Margaret professor de Teologia da *Oxford University*, tem uma excelente monografia sobre “*St. Paul the Masterbuilder*”, no qual se aplica a figura de toda a carreira de Paulo. Mas Paulo é aqui considerado, principalmente em seu trabalho em Corinto, como fundador e construtor da igreja lá. O pastor é um arquiteto da Igreja, se ele faz o seu trabalho corretamente. Ele não faz, de fato, a construção do local em que a igreja se reúne, embora muitas vezes seja uma pena que o pregador tenha tido uma parte tão pequena na construção da casa de culto. A arquitetura da igreja é um assunto fascinante. Os primeiros cristãos não tinham casas de adoração separadas.

A arquitetura da igreja atual foi desenvolvida a partir da sinagoga judaica e o templo grego e a basílica romana. A estrutura é destinada à adoração, pregação e ensino. As catedrais medievais foram feitas para o culto e para impressionar os sentidos, e não para a pregação. A arquitetura gótica parece ser uma invenção do diabo para a prevenção da pregação e, como tal, é um grande sucesso. Nela, a pessoa não respira ar, sente calor, ou recebe luz, e não se pode ouvir o sermão. As luzes religiosas obscuras se encaixam com a soneca do diácono e com o gosto estético de beleza.

A palavra grega para “carpinteiro”[36] tem um significado mais amplo do que a nossa palavra em inglês. Ela aplicada aos trabalhadores de pedra e tijolo também. Prof. W. A. Granger[37] argumenta que devemos dizer “Jesus, o trabalhador”, e que Jesus estava em contato real com a grande vida industrial de seu tempo. Seja como for, a palavra aqui para “arquiteto” foi usada para engenheiros, um diretor de trabalhadores, qualquer um cuja força do intelecto é de dono de uma empresa (cf. nossos capitães da indústria). Em um papiro[38] do século III a. C., lemos que “o arquiteto Cleon” teve como sucessor alguém que tinha trabalhado com ele, e ele é chamado de “Teodoro, o sub-arquiteto”.[39]

É claro que Paulo concebe que o pastor de uma igreja seja o construtor principal. Ele é o líder da força, o homem de visão, com planos para o futuro, que olha para o trabalho como um todo, e o coloca para frente. Mas é igualmente claro que Paulo não tentou fazer todo o trabalho. Ele é o principal artífice, o mestre-artesão, o líder dos operários, mas não é o único trabalhador. Algumas igrejas têm realmente considerado o pastor como um homem contratado para fazer todos os trabalhos na igreja do sacristão do sermão, sempre para aumentar

seu próprio salário. O pastor que faz todo o trabalho na igreja tem causado à igreja um grande prejuízo. O pastor sábio encontra trabalho para todos os membros da igreja fazerem. Ele vê o anjo na pedra e treina jovens trabalhadores que podem esculpir o anjo na pedra, e os próprios jovens verão anjos. O verdadeiro pastor é um estadista cristão com planos para o Reino de Deus de que sua igreja é uma parte, uma divisão de combate do exército que está atacando as trincheiras do inimigo.

Paulo é o arquiteto de toda a vida da Igreja. Todos os departamentos de atividades da Igreja seguem a ele. Não deve haver correntes, sem propósitos, sem rivais à sua liderança. Um país pode ter apenas um governador de cada vez. Uma ferrovia pode ter apenas um presidente. A igreja local é uma empresa grande para a difusão do Reino de Deus de uma determinada comunidade e no mundo todo. O pastor é o líder, mas não autocrata. A igreja é uma democracia, um rebanho, com um líder. Eles devem jogar o jogo de seguir o seu líder, se quiserem vencer. Não deve haver nenhuma organização ligada à vida da igreja que considere o pastor como um estranho ou como um intruso. O coro gira em torno do pregador. As comissões estão sob o comando dele como chefe do trabalho da igreja. Os diáconos trabalham sob e com o pastor. Eles são seu gabinete. A Escola Dominical é, ou deveria ser, apenas a igreja para os envolvidos no trabalho de ensinar a Bíblia e evangelizar os jovens.

O pastor deve ser o chefe da Escola Dominical como dos serviços de domingo e da reunião de oração. A Escola Dominical ainda não foi devidamente correlacionada ao trabalho da Igreja em todas as igrejas. Começou como um parasita fora da vida da Igreja, e certa quantidade de suspeita e de independência ainda existem. Os trabalhadores da Escola Dominical às vezes se ressentem de qualquer tipo de controle por parte da igreja ou pastor. Muitos sentem que a Escola Dominical toma o lugar dos cultos da igreja. É uma visão muito triste e comum ver dois terços dos alunos e professores da Escola Dominical irem embora da igreja. É sabido que na “adolescência” grande proporção das crianças abandona a Escola de Domingo. Eles não aprenderam o hábito de ir à Igreja, o culto público de Deus no santuário. Como resultado, são uma perda para a causa de Cristo.

O dia está chegando quando o pastor poderá ser o superintendente da Escola Dominical, o especialista da Escola Dominical, abolir o segundo serviço da manhã e pregar para os jovens enquanto ele os têm em conjunto, a fim de ganhá-los para Cristo. É um problema local que cada igreja tem de resolver à sua maneira, mas o pastor habitual já não é o arquiteto de toda a vida da igreja. Os

jovens muitas vezes se reúnem no lugar do culto da igreja à noite. Cada organização na igreja deve considerar o pastor como central e deve cooperar com ele como líder. Os professores da Escola Dominical, como os diáconos, fazem parte do gabinete do pastor. A Escola Dominical deve funcionar em harmonia com a igreja, e não contra ela. Os jovens devem trabalhar sob a liderança do pastor.

Mais uma vez, o pastor deve construir sobre o fundamento certo se deseja ser um arquiteto sábio como Paulo afirmava que era. Paulo não tinha espaço para qualquer outro fundamento[40] a não ser aquele em que construiu em Corinto e que Apolo adicionou em seu trabalho. Na verdade, o cristão não pode ter outro: "Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo". (1Co. 3:11). O arquiteto que tentar, vai descobrir que construiu a sua casa sobre a areia, em vez de sobre a rocha. Ela não vai permanecer.

Pode-se construir um edifício atraente sobre o fundamento errado, não obstante, ele irá tropeçar e cair. Os cristãos nominais foram encontrados parecendo estar envergonhados por Cristo como fundamento. Eles encontram a Cruz como uma pedra no caminho, como os judeus; ou loucura, como os gregos. O Sinédrio rejeitou essa pedra da qual Deus fez a pedra angular. Jesus exigiu a obediência às suas palavras construídas sobre a rocha. O arquiteto deve perceber que Cristo está sob a vida da Igreja e cada vida na igreja.

O arquiteto sábio, diz Paulo, construirá com os materiais certos[41]. Pode-se construir uma pobre casa sobre o fundamento certo. A casa pode cair, contudo, a fundação permanece. Paulo adverte cada um em Corinto como ele constrói[42] sobre o fundamento de Cristo. O dia de testes vem para todas as casas, até mesmo para prédios à prova de fogo. O fogo vem e, em seguida, será mostrado que tipo de casa é, se é de madeira, feno, palha, ouro, prata, pedras preciosas. "Inflamável" é escrito em alguns dos vagões de carga que se vê. Paulo tem em mente o trabalho de vida do professor ou pregador cristão, que pode subir como fumaça assim como a palha, enquanto o próprio homem será salvo, mas pelo fogo (3:15). Isso não significa que o purgatório é para o pregador, mas Paulo informa que o pregador ou professor pode ir para o céu, mas de mãos vazias. Ele não tem qualquer feixe consigo. Seu trabalho tem sido em vão. Certo ensino, para não dizer pregação, é seco o suficiente para queimar com facilidade, quase por combustão espontânea. Mas esse ministério é uma tragédia de fracasso.

Mas Paulo exemplifica algo ainda pior. Ele adverte aos cismáticos em Corinto

contra o perigo de destruir a igreja de Deus (3:16-17). Isso é uma coisa terrível de se fazer, ser um demolidor de igrejas. Pois a igreja, como a alma individual, é o verdadeiro templo de Deus. O Espírito de Deus habita nos corações de seu povo. O pregador que destrói igrejas é como um tornado de terror, mas Deus o destruirá. Não está claro o que Paulo quer dizer com "destruir"[43]. Ele usa a mesma palavra para a igreja que destrói e para sua própria destruição. A igreja do povo de Deus em qualquer lugar é uma coisa sagrada e a ira de Deus repousa sobre aquele que a leva à destruição.

Paulo não teve sucesso sem dificuldade em Corinto. Ele começou seu trabalho lá sem nenhum apoio, salvo a comunhão de Áquila e Priscila (At. 18:1-4). Ele se apoiou no seu comércio e recebeu ajuda ocasional de Filipos e Tessalônica (At. 18:5; 1 Ts. 3:6;. Fl. 4:15). Na verdade, Paulo recusou a ajuda de Corinto e "despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir" (2Co. 11:8). Evitou, assim, ser um fardo para os coríntios (2Co. 11:9) por causa do espírito crítico de alguns deles que realmente acusaram Paulo de pregar por dinheiro (2Co. 12:14). Depois que Paulo deixou Corinto, cada carga concebível que o ódio maligno poderia inventar foi levantada contra ele pela minoria hostil de lá. Paulo responde a acusações *seriatim* e com sarcasmo e ironia em 2 Coríntios 10:1-13:10. Ele havia escrito várias cartas para a igreja.

Ele tinha enviado Timóteo que aparentemente era ineficaz contra os judaizantes ferozes (1Co. 4:17; 16:10-11), os quais haviam mandado a sua juventude, inexperiência e medo de volta a Éfeso (At. 19:22). Paulo enviou Tito, que tinha um espírito mais robusto e que na Macedônia trouxe-lhe um relatório glorioso da vitória pela maioria em Corinto, o que profundamente mexeu com Paulo (2Co. 1:12-3:3; 6:11-7:16). Tito tinha enchido o coração de Paulo com elogios, mas Paulo agora tenta ganhar a minoria obstinada por uma poderosa refutação de suas queixas (2Co. 10-13). Ele chama esses judaizantes em Corinto de "falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçando-se em apóstolos de Cristo", os ministros de Satanás (2Co. 11:13-14), que "desejam uma ocasião" e assim fabricam calúnias contra Paulo para forçarem seu ponto contra ele (2Co. 11:12). Paulo enviou Tito de volta com esse grande pedido de desculpas e para terminar a coleta (2Co. 8-9), e esperou algum tempo para o trabalho ser feito, aparentemente arrodeando até Ilíria (Rm. 15:19). Quando ele voltou a Corinto, a oposição tinha desaparecido e os judaizantes haviam deixado o campo para Paulo (At. 20:1-3). Ele encontrou novamente problemas da parte dos judeus em Corinto, como no início (At. 18).

Paulo nem sempre combate os problemas até o fim. Às vezes ele saía quando

nenhuma questão estava em jogo ou quando parecia ser a melhor chance de todas, em Antioquia da Pisídia, em Listra, em Filipos, em Tessalônica, em Atenas. Mas em Corinto, ele continuou a luta porque a essência do Evangelho estava em jogo como na Galácia. Os judaizantes estavam subvertendo a liberdade do evangelho da graça em Cristo. Paulo se mantinha afastado de Corinto até que a paz chegasse, mas ele lutava pela vitória da liberdade espiritual, e não por uma vingança pessoal. Ele não se importava com um triunfo pessoal. Assim, ele foi um arquiteto sábio da igreja em Corinto e um modelo para os ministros atuais, que têm de construir uma igreja de Deus em cidades mundanas e perversas como em Corinto, onde luxo e defeitos combinam com mundanismo e heresia para inutilizar a mensagem de Cristo e os ministros de Deus.

Capítulo 6

A Independência Eclesiástica de Paulo

Pode parecer um pouco indelicado e insensível com os esforços árduos e grandes causar uma união organizada atual com o intuito de citar a conduta de Paulo, em defesa de sua própria independência eclesiástica. Mas chegou a hora, acho, de olhar os fatos como eles realmente são, com calma e julgamento equilibrado. Todo cristão sensato preferiria união, assim como a unidade do corpo de Cristo (tanto a igreja local e o Reino de Deus). Nem sempre onde há unidade, há união. A população de uma igreja local está dividida por dissensão que não leva a cisma real. Às vezes, nesses casos, a cisma real parece ser a única forma de garantir a unidade do espírito que vem depois.

Certamente, desunião não deve ser procurada como o próprio fim, a menos que seja a expressão da diversidade normal e crescimento. A forma mais simples de reprodução é por fissura celular. Paulo justificou as diversidades legítimas de dádivas no corpo de Cristo, como pode ser visto na igreja em Corinto (1Co. 12:4-11). O mesmo espírito concedeu esses variados presentes para o desenvolvimento do corpo como um todo e para o mais rico funcionamento do corpo. A diversidade é um sinal de vida. Apenas que ninguém que deve tentar tomar posse do resto, "para que não haja divisão no corpo" (12:25). Este é precisamente o risco de uma democracia como em uma igreja local. É a glória da democracia que cada membro possa ser ouvido como na assembleia em Atenas. Mas o perigo da democracia é o demagogo. O demagogo religioso é, se possível, o pior de todos. Assim, Paulo passa a avisar a igreja em Corinto contra a desordem e o desastre (1Co. 14), após a imagem maravilhosa do amor operante que tempera o espírito e traz harmonia a partir do caos (1Co. 13).

Agora, quando Jesus fez a oração intercessora em que orou fervorosamente pela unidade entre os apóstolos e entre todos os futuros discípulos (Jo. 17), ele havia repreendido os apóstolos previamente naquela noite por causa da disputa

indecorosa, como os gentios, pelos cargos de honra à mesa (Lc. 22:24-30). A luta continuou após a refeição pascal ter começado; assim, Jesus teve de repreender os apóstolos através da lição de lavar pés com uma interpretação severa (Jo. 13:1-16). Em duas ocasiões anteriores, os apóstolos tinham causado angústia ao coração de Cristo por suas controvérsias a respeito de qual deles era o maior. Fica claro, portanto, que Jesus tinha essa indecorosa falta de unidade em mente, acima de tudo em sua oração. Já havia união organizada, mas uma lamentável falta de unidade. Certamente Cristo desejou e deseja a máxima harmonia e unidade entre seus seguidores. Esse objetivo só é possível pela completa conformidade com a vontade de Cristo.

Já no Novo Testamento, podemos discernir os tipos de ensino que entram em conflito. Essas diferenças na doutrina variam em grau e em valor. Cada um dos grandes escritores tem seu próprio ponto de vista, e o mundo é o mais rico para a interpretação de Cristo por um Pedro, um Marcos, um Mateus, um Lucas, um João, um Tiago, Paulo, Judas, um Apolo. Às vezes, esses homens não veem tudo da mesma forma como em Antioquia, onde Pedro e Barnabé deixaram Paulo sozinho por um tempo. Mas as diferenças teológicas foram travadas e a reconciliação veio como o resultado de uma discussão franca e compreensão mútua. Nenhuma clivagem real na doutrina veio sem divisão no corpo de Cristo.

Mas era diferente na discussão de Paulo com os judaizantes e, mais tarde, com os gnósticos. Em ambos os casos, Paulo se preocupava mais com a verdade e a fidelidade a Cristo do que com uma união organizada. No caso dos judaizantes, Paulo sentiu que o coração do Evangelho estava em jogo. Essa festividade da circuncisão, mais farisaica do que cristã, tinha a sua sede em Jerusalém. Eles estavam relutantes de que os gentios se tornassem cristãos, a menos que também se tornassem judeus. Pedro foi realmente trazido por eles perante a igreja em Jerusalém por sua conduta em Cesareia, quando ele entrou na casa de Cornélio e batizou a casa sem torná-los judeus (At. 10:1-11:18). A campanha oficial de Paulo e Barnabé para ganhar os gentios agitou o partido dos fariseus, os judaizantes, com o intuito de desafiar todo esse programa.

Eles insistiram em Antioquia e depois em Jerusalém, de que os Gentios deveriam se tornar Judeus (At. 15:1-5). Mas Paulo lutou contra essa heresia com veemência e, no final, com sucesso. Ele chamou aquilo de “evangelho nenhum” e pronunciou um anátema sobre todos os que pregavam (Gl. 1:6-10). Ele defendeu a liberdade dos gentios contra esse jugo de escravidão (Gl. 5:1-15). Paulo desafiou esses “falsos apóstolos” que pregavam “outro Jesus” e “outro evangelho” (2Co. 11:1-15). Ele não vai se render nem um pouco aos “falsos

irmãos", "que vieram a espreitar a nossa liberdade em Cristo", no caso de Tito em Jerusalém, na conferência, de "que a verdade do evangelho permanecesse entre vós" (Gl. 2:3-5). Ele não vai se render aos judaizantes de Corinto, mas os ameaça com a excomunhão, a menos que eles cedam. (2Co. 13).

Paulo é tão positivo em sua oposição aos gnósticos, tanto docéticos e coríntios, que ofereceu uma visão degradante de Cristo como um *æon* subordinado ou emanação de Deus, e não em pé de igualdade com Deus na natureza e poder. Se Gálatas é uma trombeta contra os judaizantes, Colossenses é um raio contra os gnósticos. Paulo corajosamente afirma a igualdade de Cristo com Deus como seu Filho à sua imagem, como supremo na obra da criação do universo material e na esfera espiritual (Cl. 1:13-18), "pois nele habita toda a plenitude da divindade" (Cl. 2:9). "E digo isto para que ninguém vos engane com palavras persuasivas" (Cl. 2:4). As Epístolas Pastorais mostram a mesma preocupação contra a heresia. Paulo não lutou em vão pela supremacia de Cristo. Com o tempo, os gnósticos ignoraram. "Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos, porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos". (1Jo. 2:19). Esse é o veredito de João e o veredito da história.

É evidente, portanto, que Paulo não considerou a paz a coisa mais importante. Ele não estava em prol da paz a qualquer preço, não ao preço de fidelidade a Cristo e à verdade. Ele não iria acobertar um erro vital pelo bem da harmonia aparente. Ele não comprometeria a verdade essencial com a heresia real pelo bem da mera união formal. Menos ainda iria submeter-se a conformidade obrigatória para o que considerava errado. Ele se vangloriava de sua liberdade em Cristo, e Paulo queria que todos pudessem desfrutar da mesma liberdade em Cristo que ele reivindicou para si. Paulo é o grande protagonista da liberdade religiosa para todas as raças, sexos, classes. "Não pode haver judeu nem grego, não pode haver nem escravo nem livre, não pode haver macho e fêmea, pois todos vós sois um em Jesus Cristo" (Gl. 3:28).

Mas a independência eclesiástica de Paulo tem um alcance mais amplo do que a luta contra os hereges, como os judaizantes e os gnósticos. Paulo afirmou e glorificou a sua independência dos Doze Apóstolos. Os judaizantes acusaram que Paulo não era um dos Doze e não estava em pé de igualdade com eles. Eles fizeram isso para desprezar sua influência com os cristãos gentios e afastá-los para longe. O argumento deles assumia que os Doze concordavam com eles e não com Paulo. Temos a própria defesa de Paulo em Gálatas 1 e 2. Não é só o fato contido lá de que ele não é um dos Doze, mas ele glorifica em sua

independência eclesiástica qualquer homem ou grupo de homens (Gl. 1:1, 11-12): “Paulo, apóstolo, não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos: “Faço-vos, porém, saber, irmão, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo”. Paulo não obteve sua comissão apostólica ou mensagem dos Doze, ou de qualquer homem.

Na verdade, não há a menor evidência de que Paulo recebeu sequer ordenação. O incidente em Atos 13:1-3 vem depois de Paulo ter estado no trabalho do ministério por um longo tempo e é, aparentemente, apenas um serviço de despedida para os missionários, Barnabé e Saulo, antes de começarem. Paulo continua a mostrar que, depois de sua conversão e chamado, ele não foi a Jerusalém para consultar os apóstolos antes dele, mas para a Arábia (Gl. 1:16-17). Depois de três anos, ele fez uma visita de 15 dias a Jerusalém para visitar a Cefas, e também Tiago, o irmão do Senhor (Gl. 1:18-19). Catorze anos antes, ele novamente entrou em contato com os apóstolos de Jerusalém em uma conferência privada em Jerusalém (Gl. 2:1-10), provavelmente entre o primeiro problema em Jerusalém (At. 15:5) e a coleta no dia seguinte, quando a vitória de Paulo e Barnabé foi alcançada (At. 15:6-29).

Os estudiosos não estão de acordo quanto ao momento da visita em Gálatas 2:1-10 e não é pertinente o argumento aqui. O ponto é a declaração que Paulo profere em Gálatas 2:1-10, aparentemente pela primeira vez em público “diante deles” (2:2) e, em seguida, “em particular os que pareciam de maior influência”, levou a franco e pleno reconhecimento por Cefas, Tiago e João, os “pilares” de Jerusalém, que Paulo e Barnabé eram iguais a eles na hierarquia, autoridade e poder. Os apóstolos de Jerusalém estavam sendo líderes no trabalho entre os judeus, enquanto Paulo e Barnabé estavam sendo líderes no trabalho entre os gentios. Mas Paulo diz sem rodeios: “Esses, digo, que me pareciam ser alguma coisa, nada me acrescentaram”. (Gl. 2:6).

Diante da forte linguagem empregada por Paulo, é impossível encontrar o menor laço eclesiástico entre Paulo e os apóstolos de Jerusalém. Houve um acordo e unidade espiritual, menos independência absoluta. Os pilares de Jerusalém eram alinhados com Paulo e Barnabé, e não com os judaizantes. Mas Paulo clamou vitória para os cristãos gentios, bem como a manutenção de sua própria independência eclesiástica. Essa vitória é ainda mais completa caso as palavras “e de animais sufocados” (At. 15:29) não forem genuínas. O exemplo de Paulo deve nos fazer parar antes de forçarmos as questões a um extremo, em

um empenho para causar uma união compulsória.

Por exemplo, é certo que falhará. O pontífice católico romano já anunciou firmemente que discutirá a reunião da Cristandade numa única base, sendo ela absolutamente rendida a Roma. Sabemos, então, com certeza, que a união organizada pode não passar nessa plataforma. A coisa toda se torna quimérica. O próprio problema se resume a isso: Aqueles que preferem a união com qualquer outra coisa podem tê-la por si mesmos seguindo Newman a Roma. Mas eles devem saber que não podem levar o mundo não romano com eles. Nenhuma quantidade de persuasão ou de pressão pode voltar o relógio para o período da pré-Reforma.

E entre os cristãos não romanos as diferenças existem em uma natureza muito grande para forçar uma conformidade.

O episcopado é uma delas. O bispo Lightfoot provou que, no Novo Testamento, os termos "bispo" e "anciãos" eram empregados no mesmo sentido. O uso moderno de "bispo" aparece nas epístolas de Inácio, mas não no Novo Testamento. Basta olhar em Atos 20:17, 28, onde "anciãos" e "bispos" descrevem as mesmas pessoas para ver o ponto. Vemos a mesma coisa em Tito 1:5, 7. Dean Headlam recentemente chegou à mesma conclusão que Lightfoot. A única maneira de reunir o mundo não romano na base do episcopado histórico é convencer os corpos não episcopais de que o ministério do Novo Testamento não é adequado para as necessidades atuais.

Alguém pode seguir essa linha de argumentação, se quiser, mas ele não vai fazer nenhum progresso denunciando aqueles que estão satisfeitos com a simplicidade e suficiência do ministério do Novo Testamento. O progresso só pode ser feito aqui pelo reconhecimento franco das liberdades de todos e os direitos daqueles que não desejam ser senhores eclesiásticos. Se a união estabelecida foi novamente alcançada com base nisso, quanto tempo duraria? Quem pode garantir que o próprio Novo Testamento não pode continuar a reproduzir o mesmo tipo de independência eclesiástica da qual Paulo é um expoente tão poderoso?

Outra linha de clivagem diz respeito à salvação sacramental. O esforço de sacramentalistas para obrigar os não sacramentalistas a desistirem da interpretação puramente espiritual da salvação pela graça além da cerimonialista está fadado ao fracasso. A justificação pela fé não pode ser morta, desde que o Novo Testamento esteja aberto. Por outro lado, os não cerimonialistas parecem igualmente incapazes de convencer os sacramentalistas de desistirem da insistência sobre as ordenanças como meios de salvação e de aceitá-las como

símbolos da graça salvadora já experimentada.

Vamos deixar Paulo nos ensinar a paciência e a tolerância e o significado da verdadeira liberdade em Cristo. Há uma variedade na natureza e na graça. Podemos aprender a viver e a deixar viver. Qualquer esforço por qualquer tipo de cristianismo para forçar seu ponto de vista sobre os outros é ofensivo. Isso não significa que um ponto de vista seja tão bom quanto o outro. Mas isso não significa que pelo fato da mente humana ser como é, nós devamos estar contentes por alguns homens verem as coisas de forma diferente. Foi uma luta dura manter a Bíblia aberta e livre, e é também difícil manter a mente aberta para a verdade, e ainda mais difícil manter a consciência em boas condições de funcionamento. Mas, dada a Bíblia como aberta, a mente aberta, e a consciência honesta, então o resultado deve ser deixado para Deus e para o indivíduo. Cada um tem o direito de pregar e propagar a sua visão de Deus e de Cristo. História, a hereditariedade, o ambiente, a equação pessoal, a experiência da graça, e a orientação do Espírito de Deus determinam o resultado. Enquanto isso, podemos aprender a amar uns aos outros de coração, apesar de nossas diferenças, até mesmo por causa delas. Que mundo chato seria se todos nós fôssemos exatamente iguais!

Capítulo 7

Paulo e o Patriotismo

Patriotismo e devoção são aparentemente colocados em oposição em alguns países pelos problemas da guerra mundial presente. Uma das primeiras fulminações foi a declaração de um grande grupo de estudiosos e teólogos da Alemanha justificando a conduta da pátria, na Bélgica e na França. Estudiosos e teólogos britânicos foram rápidos em responder com um espírito de horror santo na cegueira aparente do grupo alemão com as questões morais e espirituais da guerra. A república das letras foi rasgada em pedaços, e o reino de Deus parecia rasgado em dois. Os protestantes têm-se levantado contra protestantes, católicos romanos contra os católicos romanos, católicos gregos contra os católicos gregos, muçulmanos contra muçulmanos, judeus contra os judeus. Reis têm arrastado seus povos em guerra.

Nações neutras foram empurradas para a guerra em defesa própria. Em cada caso, a cidadania se eleva acima da religião, ou pelo menos o cidadão cristão é obrigado a ser fiel à posição de seu próprio país ou ser culpado de traição. A questão levantada é de uma tremenda importância, e é intensamente vital agora nos Estados Unidos, ao passo que o nosso país entrou em guerra com a Alemanha. Temos milhões de homens de nascimento ou descendência alemã que devem decidir o que devem fazer. Há apenas uma coisa a fazer: ser fiel à terra de adoção. Então, que todos se sintam verdadeiros americanos. Assim, a grande massa dos alemães-americanos se sentirá americana e agirá. Eles agora são americanos, e não alemães-americanos.

Na situação atual, o caso de Paulo vale a pena o nosso estudo. Ele foi apanhado no turbilhão da política mundial, pois Roma, como os Estados Unidos, era o cadinho das nações, embora não exatamente no mesmo sentido. As características raciais e nacionais persistiram com tenacidade considerável nas diversas províncias do Império Romano, enquanto que na Ásia Menor pouca atenção era dada aos antigos limites. Os nomes antigos para os povos se mantiveram, de forma que Galácia, por exemplo, significa tanto a grande

província romana ou os povos celtas antigos no norte da Galácia. Paulo era ao mesmo tempo um judeu, um tarsiano, um grego, um romano, e logo um cristão. Ele era fiel às melhores coisas nesses elementos, porém eles pareciam contraditórios às vezes. Os termos e os conceitos designados por eles coincidiram de várias maneiras e não eram mutuamente exclusivos.

Paulo aparece em primeiro lugar como um brilhante jovem rabi judeu, um graduado da escola de Gamaliel, em Jerusalém, satisfeito com o apedrejamento de Estêvão pelo Sinédrio e logo o líder da primeira perseguição geral dos cristãos pelos judeus. Motivos raciais e religiosos estão, sem dúvida, misturados nele, como ele pressiona a perseguição com zelo e sucesso, arrastando homens e mulheres de suas casas para a prisão como para a morte com crueldade e falta de vergonha, por nenhum outro crime senão o de crer em Jesus como o Messias judeu. A própria respiração de Paulo passou a ser tratada como ameaça e morte, seu gosto por sangue, como sempre, cada vez mais crescia por aquilo que alimentava. Sua conversão parou sua carreira como perseguidor, mas ele sempre foi um judeu. Tinha orgulho de seu povo e sua tribo, glorificados em sua história maravilhosa, e prezados em suas esperanças e aspirações mais nobres (cf. At. 22:3, 26:3-7; 2Co. 11:22; Gl. 1:13f;. Rm. 9:1-5; Flp. 3:4-6).

Para ter relativamente certeza, em comparação com Cristo, todo esse orgulho da raça parecia mero refugo (Flp. 3:7ss.). Com Paulo, Cristo é supremo, e governa até mesmo na esfera da raça e política. Paulo tinha sido ‘extremamente zeloso das tradições de seus pais’ (Gl. 1:14) e nunca deixou de amar os judeus, mesmo quando eles o perseguiram amargamente. Como fariseu, ele compartilhou sua concepção política do reino messiânico como um grande império judaico, que deveria conduzir Roma para fora da Palestina e dominar a terra, a propaganda panjudaica. Paulo permaneceu um fariseu em muitas coisas, principalmente na crença na ressurreição corporal (At. 23:6). Porém, como cristão, ele percebeu a natureza espiritual do reino de Deus em Cristo. Isso ele concebeu como sendo o verdadeiro Israel, o Israel espiritual, os filhos da fé, tanto judeus como gregos, reunidos de todos os cantos da Terra (Rm. 3:6, 28; 9:6ff).

Paulo considerou que estava interpretando o verdadeiro judaísmo para os judeus na visão cosmopolita da promessa feita a Abraão e o destino de seu povo. Ele sobe ao auge do patriotismo, com estas palavras: “Porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne. São israelitas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e

também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre" (Rm. 9:3-5).

Não é fácil definir o patriotismo, pois é mais do que mero amor à terra de nascimento ou de cidadania. É isso, mas estende-se ao amor de algumas pessoas, sempre que os encontramos, como japoneses amam japoneses, chineses amam chineses, alemães amam alemães, judeus amam judeus. Os judeus tinham, naquele momento, perdido a sua independência, embora muitos deles ainda vivessem na Palestina sob o domínio romano. Mas muitos milhões mais habitavam na Diáspora. Alguns deles caíram muito sob o feitiço da civilização greco-romana, e desistiram dos seus pontos de vista e de muitos dos seus costumes judaicos. Mas Paulo não estava helenizado, embora um judeu helenista com as tradições aramaicas. Vemos em Paulo o esforço do judeu culto, leal a sua fé e o povo, para adaptar-se às condições do mundo em que se encontrava, e sendo um cidadão romano leal.

Mas Paulo "nasceu em Tarso da Cilícia", "cidade não insignificante da Cilícia" (At. 21:39 e 22:3). Ele tinha o orgulho de um homem moderno na cidade de seu nascimento e de residência. Em seu "*Cities of St. Paul*", Ramsay dá amplas razões que justificam o elogio de Paulo de Tarso:

> Era uma das grandes cidades do mundo romano, uma cidade grega, onde o Oriente encontrava o Ocidente, a sede de uma grande universidade, a casa da filosofia, o ponto de encontro de muitos cultos, uma cidade onde os judeus tinham uma posição forte. Ele estava feliz por ser conhecido como Saulo de Tarso, um cidadão judeu dessa grande cidade. Paulo nunca se esqueceu de que ele era judeu, embora sempre o judeu erudito, treinado para a vida como um cidadão romano na posição mais aristocrática entre a população dos grandes helenizados, ainda mais da metade asiática, da cidade de Tarso.[44]

Paulo "foi levado até certo estágio em Tarso da forma necessária para um menino judeu que nasceu na aristocracia local, como um cidadão romano e um cidadão de Tarso".[45] Ele pode ter frequantado a universidade de Tarso e, depois, ter entrado na escola de Gamaliel, em Jerusalém, e provavelmente passou as férias em casa, como um estudante universitário moderno. Tarso, sem dúvida, deixou sua impressão sobre Paulo e o fez mais do que um judeu palestino limitado. Provavelmente a maioria dos homens atuais amam as cidades onde vivem, independentemente da sua raça. Esse é o menor dos problemas do patriotismo.

Mas Paulo era um helenista, embora não heleno ou helenizador. Sendo judeu, ele não poderia ser um grego de nascimento. Sendo um judeu leal, um hebreu de hebreus, ele não seria um grego em religião e costumes. E, no entanto, nada é

mais certo do que o modo através do qual o helenismo fez seu apelo à natureza intelectual de Paulo. Ele falou e escreveu o *koiné*, o grego atual, com poder, bem como o aramaico (chamado "hebraico" em Atos 22:2). Ele mostra os pontos de contato com o pensamento grego de várias maneiras. Ele era capaz de falar com os estóicos e os epicuristas em Atenas; usou muitos dos termos estóicos em suas epístolas e citou três dos escritores gregos. "Comparações anteriores não consideraram suficientemente o que pode ser declarado em uma palavra como o helenismo de Paulo".[46]

De fato, uma das interpretações modernas da teologia de Paulo é que ele derivou, em grande parte, das religiões misteriosas gregas. Isso não é verdade, mas Paulo certamente sabia o dialeto dos iniciados nos cultos místicos, sabia como respondê-los e como voltar os seus termos ao serviço de Cristo.[47]

Além de dúvida, Paulo é um cidadão do mundo, um verdadeiro cosmopolita, e não um judeu palestino limitado ou um mero ciliciano provincial. Seu patriotismo deve ser interpretado em termos de simpatia mundial, não de potência mundial. Ele não deseja que os judeus conquistem Roma, como tentaram fazer, em 66-70 d.C., e falharam.

Mas Paulo é um cidadão romano com todos os privilégios e prerrogativas. A cidadania romana era um prêmio que não estava aberto a todos. Havia mais não cidadãos do que cidadãos no Império Romano, provavelmente mais escravos do que cidadãos. Cláudio Lísias comprou sua cidadania "com uma grande soma de dinheiro" (At. 22:28), mas Paulo disse com orgulho: "Mas eu sou um romano nascido". O homem que poderia dizer *Romanus Sum* sentiu uma instintiva superioridade sobre os outros que não possuiam essa vantagem. Sabemos que Paulo apelou aos seus direitos como cidadão romano em outras situações de emergência, como em Filipos (At. 16:37) e em Cesareia (25:11ss). Qual foi a atitude de Paulo para com o governo romano depois de magistrados e oficiais romanos, finalmente, incluindo o próprio imperador, tornarem-se hostis a ele? É como um cidadão romano que tocamos na vida de Paulo, que é mais paralelo com a nossa ideia moderna de patriotismo em um cidadão americano, britânico ou alemão. Nem todos os oficiais romanos foram cruéis com Paulo.

Gallio praticamente deu uma decisão em favor de Paulo, e reconheceu o Cristianismo como uma forma de judaísmo e assim uma *religio licita* (At. 18:14-16). Os asíarcos de Éfeso foram amigáveis com Paulo (19:31). Sérgio Paulo, procônsul de Chipre, era um convertido sob a pregação de Paulo (13.12). Julius, o Centurião, tratou Paulo com bondade (27:3). Mesmo Nero, durante a primeira

prisão de Paulo em Roma, provavelmente rejeitou finalmente o caso por falta de provas, sem um julgamento formal. Certamente, o prefeito Burrhus ou o estratopedarca a quem Paulo foi entregue em Roma, deu-lhe uma grande dose de liberdade (28:30ss). Mas Paulo foi maltratado pelas autoridades da cidade de Antioquia da Pisídia (At. 13:50), em Icônio (14:5), em Filipos (16:22), em Tessalônica (17:6-9), onde Paulo e seus seguidores foram acusados de agir contra os decretos de César; como em Filipos, ele foi acusado de introduzir costumes dos judeus os quais os romanos que não eram autorizados a receber. A duplicidade de Felix e Festus era difícil de suportar (At. 24-26).

Assim, no início do ministério de Paulo, ele viu a sombra do homem do pecado, que se colocou como o Deus que deve ser adorado (2Ts. 2:3f.). O culto ao imperador era a principal religião do Império Romano, e Paulo estava preso como um pregador do Evangelho para atendê-lo de forma acurada. Mas o ponto a ser observado apenas aqui é que Paulo não permitiu que a injustiça cometida contra ele e o Cristianismo, por ele representado, pervertesse seus pontos de vista do governo como uma ordenança de Deus, ou tornasse-o um anarquista. Paulo era um rebelde contra tudo que era errado. Ele hesitou ao não mostrar a injustiça dos governantes quando era necessário (At. 16:37; 25:10f.). Nenhum defensor competente da liberdade humana viveu o que Paulo viveu. "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou" (Gl. 5:1). "Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade" (5:13). Essas palavras são tão pertinentes para a liberdade política na Rússia e na Alemanha, como a liberdade religiosa. Costuma-se dizer que as palavras de Paulo em Romanos 13:1-7 foram escritas durante o quinquênio dourado de Nero. Isso é verdade, mas as palavras de Paulo aqui são bastante independentes do caráter pessoal de Nero. "Os poderes que existem foram ordenadas por Deus". Eles derivam seu poder de Deus, mas não por "direito divino dos reis". *Vox populi vox dei*[48] neste caso. As pessoas têm o direito de governar de Deus. "Os governantes não são um terror para a boa obra, mas para a má". Esse é o ideal e não é uma imagem de Romanoff, Habsburgos, Hohenzollern ou enxertadores de polícia em Nova York ou Chicago. "Ele é um ministro de Deus para teu bem". "Eles são ministros de Deus para atenderem a isso mesmo". Aqui Paulo esboça, em linhas gerais, as funções dos governantes civis, sejam prefeitos, governadores, presidentes ou reis. Se eles tivessem sempre vivido por esse ideal, teria havido certamente menos guerras entre nações e menos rebeliões contra os governantes. As nações, como regra, não entram em guerras de conquista. Elas são levadas ou empurradas pelos governantes gananciosos, que abusam de seu poder para o engrandecimento pessoal ou

esquemas selvagens do império. Paulo é um acérrimo defensor da lei e da ordem, incluindo os impostos. Para ter certeza, ele não é cego ou reacionário. Ele não é, como Sêneca, o apologista de Nero. Ele foi o primeiro campeão da emancipação dos escravos e pediu para Filemon libertar e tratar como um irmão em Cristo Onésimo, o escravo fugitivo convertido, o qual Paulo retornou (Flm. vv. 14-21). Ele pediu aos escravos cristãos para suportarem o seu fardo com força cristã, mas anunciou uma doutrina que foi a sentença de morte para escravidão humana: "Não pode haver judeu nem grego, não pode haver nem escravo nem livre, não pode haver homens e mulheres, porque todos vós sois um em Jesus Cristo" (Gl. 3:28). Paulo pregou a fraternidade do homem para um mundo de escravos. Ele, mais do que Tom Paine e Voltaire, proclamou os direitos do homem e do mundo como seu país.

Mas Paulo não se torna amargurado com Nero e o governo romano depois de Nero ter começado sua feroz perseguição aos cristãos? A não ser que sigamos as Epístolas Pastorais, temos pouco que nos possa guiar para responder essa pergunta. Eu acho que elas são genuínas, e por isso não hesito em recorrer a elas por testemunhas. Depois de Nero ter acusado os cristãos com a queima de Roma, e então os queimou e alimentou aos leões e tigres, Paulo escreveu: "Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens; em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade; para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito". (1Tm. 2:1f.).

Aqui, o objetivo do governo é claramente apresentado. Paulo ainda é um cidadão romano leal, apesar de Nero. No final, quando a primeira etapa da última prova deixou claro qual seria o resultado, Paulo não tinha uma palavra amarga para Nero, a não ser o chamar de "o leão" (2Tm. 4:17), como não é provável. Ele provavelmente se refere ao fracasso do Nero em entregar-lhe aos leões, escapando ele como um cidadão romano. Será que Paulo respondeu à chamada de Roma para lutar? Isso vai depender da questão. Ele teria se oposto a uma guerra de conquista e saque. A maioria dos soldados eram mercenários de qualquer forma. Eles foram contratados para lutar e nem sempre expressavam convicções nacionais ou a vontade do povo. Em uma guerra de defesa, Paulo teria estado pronto para "fazer sua parte", acredito eu. Ele falou gentilmente de soldados e os usou como ilustrações do serviço para Cristo. "Participa dos meus sofrimentos como bom soldado de Jesus Cristo. Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida; porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou" (2Tm 2:3f.).

Paulo era um cristão acima de tudo. Podemos estar certos de que, com Paulo, Cristo era Senhor e Mestre. Ele não iria subordinar o serviço de Cristo a César e, muito menos, a filosofia grega a Tarso ou ao Judaísmo. Paulo previu problemas entre Cristo e César. Os papiros e inscrições dão abundantes evidências do uso da frase "Senhor César". Sabemos que a oferta de vida foi feita para Policarpo, bastando dizer: "Senhor Cæsar"; mas ele firmemente se recusou, e disse: "Senhor Jesus". Então, ele é levado à morte, em vez de se retratar. Sabemos como Paulo sentia a respeito. "Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1Co. 12:3). Esse foi o espírito dos mártires que foram mortos por causa da palavra de Deus (Ap. 6:9), ao lado de imperadores romanos. Paulo encontrou aquele destino na mão de Nero, em vez de renunciar ao Senhor Jesus. Dez mil cristãos chineses depositaram as suas vidas aos pés de Jesus, em vez de renunciar a ele a pedido dos líderes do pugilista e imperatriz Dowager. Então, em seguida, o patriotismo de Paulo não é a maior virtude, embora seja muito elevado. A lealdade para com sua terra é secundária à lealdade para com Deus. Com certeza, é alta traição ou rebelião recusar-se a obedecer o comando de um governo. Aquele que toma essa posição deve estar disposto a pagar o preço. Esse preço é a própria vida.

Mas o preço não é muito alto quando a alternativa é desobedecer a vontade clara de Deus. "Mas Pedro e João lhes responderam: Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos" (At. 4:19f.). Nenhum cristão deve ter patriotismo cego. Cristo está acima de César. Isso não significa que a Igreja esteja acima do Estado. Cristo é mais do que o Estado, mais do que a Igreja. Uma das bênçãos do governo livre, do povo, pelo povo, para o povo, é precisamente isto: de modo que seja evitada a alternativa entre Cristo e o Estado.

Certamente, se existe um corpo sólido de cidadãos cristãos numa comunidade livre, isso será evitado. Os homens que são cidadãos do céu, uma colônia do céu na terra (Flp. 3:20), não vão tão longe a ponto de se esquecerem de como eles se apressam em guerra contra o espírito claro de Cristo. Os cidadãos cristãos, se permitidos governarem, desejam paz, se possível tê-la, e ser fieis a outras obrigações elevadas (Rm. 12:18). Mas Paulo não era um homem que buscava a paz a qualquer preço. Seu ensino justifica a "Liga para Impor a Paz". Seu evangelho é o evangelho da coragem que apela a todos os soldados de Cristo para colocarem a armadura de Deus, e resistirem no dia mau contra os governantes mundiais destas trevas (Ef. 6:10-16).

Capítulo 8

A Política Missionária de Paulo

A maravilha de Paulo é que, após estes dezenove séculos de história cristã, ele ainda é preeminente, ao lado do próprio Senhor Jesus, em todas as questões relativas aos princípios do Cristianismo. Aristóteles ainda reina nas regras do pensamento, pois ele praticou os métodos indutivo e dedutivo de raciocínio. Ramsay tem um capítulo magistral sobre "*The Statesmanship of Paul*" (pp. 49-100), em seu *Pauline and Other Studies* em que concentra "a atenção na obra de Paulo como uma influência social no mundo romano" (p. 50). Paulo representava uma quantidade insignificante na política imperial dos Césares e na filosofia social de Sêneca, mas a influência não é uma questão de reputação. O poder é medido pelas forças liberadas que energizam a vida e moldam o destino seja qual for a opinião superficial do momento.

Não devemos pensar que Paulo deliberadamente planejou cooperar com César e Sêneca no rejuvenescimento social do Império. Mas pode-se obter a perspectiva correta a esta distância. Ramsay tem um parágrafo pertinente:

> De todos os homens do primeiro século, incomparavelmente o mais influente foi o apóstolo Paulo. Nenhum outro homem exerceu nada parecido com tanto poder, como ele, em moldar o futuro do Império. Entre os ministros imperiais da época, não apareceu alguém que tivesse qualquer pretensão sobre o nome do estadista, exceto Sêneca; e Sêneca ficou tão longe de Paulo em influência prática e discernimento intelectual como fez em caráter moral.

Um bom negócio pode ser dito para o cargo de Paulo como uma grande força de reconstrução na vida do Império Romano. Ele trabalhou ao longo das linhas que tendem para a elevação das massas e da unidade de sentimento, concedendo força e o mais alto desenvolvimento do Império. Paulo representava o princípio espiritual na religião e mostrou como judeus e gregos poderiam trabalhar juntos em uma comunidade espiritual de liberdade e progresso. Essa comunidade espiritual de Paulo deu esperança para a vida romana. Ele combinou em si mesmo judeu, grego e cristão; deu ao Império Romano o vínculo religioso que os mantinha juntos. Então, Ramsay resume o seu caso para o supremo estadista

de Paulo:

> Se não fosse por Paulo — ninguém pode adivinhar o que poderia ter acontecido — nenhum homem se lembraria das civilizações Romana e Grega. O Barbarismo provou ser muito poderoso para a civilização greco-romana, desamparada pelo novo vínculo religioso; e todo canal pelo qual a civilização foi preservada ou interesse nela mantido, é agora — ou foi em alguma parte — essencial ao seu curso cristão após a forma Paulina.

Surpreendente é como essa conclusão deve admitir a força de seu apelo aos fatos. Mas tudo isso jaz assentado no reino da grandeza inconsciente da carreira de Paulo. Ele não era, por profissão, um estadista na esfera política, mas Paulo estava orgulhoso de sua cidadania romana e ensinou a obediência às leis do Império (Rm. 13:1-7). Paulo era às vezes apreensivo quanto a um conflito entre o Reino de Cristo e o Reino de César, pois via na adoração ao Imperador a adoração a um homem no lugar de Deus (2Ts. 2:3-10). Em Tessalônica, ele provavelmente tinha tido a imagem do homem do pecado, que se colocou no lugar de Deus e como um rival a Jesus como Senhor. Em Tessalônica, Paulo foi acusado pelos judeus de "dizer que há outro rei, Jesus" (At. 17:7). O que é certo é que Paulo desejava espalhar o Reino de Cristo por todo o Império Romano. O imperialismo de Roma deu a Paulo uma visão do imperialismo de Cristo.

Então, ele começou a planejar cedo capturar o Império por Cristo, província por província. Aos poucos Roma entra em seus planos definitivos: "Paulo propôs em espírito, quando tinha passado pela Macedônia e pela Acaia, indo a Jerusalém, dizendo: "Depois de haver estado ali, importam-se ver também Roma" (At. 19:21). Isto é, enquanto Paulo está em Éfeso, onde passou três anos durante a terceira campanha missionária. O trabalho em Éfeso era pesado e se espalhou através da província da Ásia (At. 19:14). Houve problemas em Corinto, com a qual a igreja de Paulo estava em constante comunicação através de mensageiro e carta. Timóteo tinha acabado de voltar e tinha sido enviado para a Macedônia, enquanto Tito ainda estava ausente em Corinto. Mas Paulo está realizando uma grande coleta para os santos pobres em Jerusalém a partir das igrejas da Ásia, Galácia, Acaia e Macedônia. A sombra de um cisma entre o cristianismo judeu e gentio estava no horizonte por causa da atividade dos judaizantes. Paulo esperava evitar esse perigo pela causa de Cristo, pela influência apaziguadora da cobrança e pelo efeito de sua presença em Jerusalém com Tiago, como a Conferência de Jerusalém havia evitado uma vez antes. Mas a atenção de Paulo está ao mesmo tempo em Roma. Ele deseja usar Roma como uma plataforma para proclamar o evangelho a todo o mundo. Ele tinha muitas vezes planejado ir a Roma (Rm. 1:13), mas Paulo vê a Espanha além de Roma

como uma meta para o Evangelho (Rm. 15:24, 28).

O plano de ir a Roma se tornou uma grande paixão de sua vida. Isso foi realizado como parte do plano de Cristo para Paulo, apesar de todos os obstáculos (At. 23:11; 27:24; 28:14). Então, vemos que Paulo era um estadista missionário com uma compreensão estadista de seu problema; trabalhou cada campo como se isso fosse tudo o que era para ser feito, e ainda todo o tempo manteve seu olhar sobre a visão mais ampla do Reino de Deus e relacionou o particular com o geral, a parte com o todo.

Paulo tinha uma opinião elevada da dignidade de sua tarefa. Sentiu-se um apóstolo em pé de igualdade com os Doze Apóstolos. Ele havia recebido sua comissão diretamente de Jesus e não de qualquer homem. Ele foi o instrumento escolhido por Cristo para levar o Evangelho aos gentios (At. 9:15; 26:17-20). Paulo era orgulhoso desse encargo especial para ganhar os gentios para Cristo (Gl. 2:9; Ef. 3:1): "A mim, que sou menos do que o mínimo de todos os santos, foi dada esta graça de pregar até os gentios as insondáveis riquezas de Cristo" (Ef. 3:8). Essa foi a esfera especial do serviço de Paulo (Rm. 15:16-18), "esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio" (Rm. 15:20). Paulo olhou para si mesmo como o embaixador de Deus ao mundo em nome de Cristo (2Co. 5:20). Ele era comissário do céu à terra para tratar da paz. Ele estava em pé de igualdade com os reis e potentados.

Paulo não tinha medo de nenhum homem. O embaixador deve ser *persona grata* em dois círculos: o governo que representa e aquele a que ele se direciona. Paulo tinha poder com Cristo no trono de Deus. Ele ganhou o poder de Cristo onde quer que fosse, porém, não o usou quando estava em Roma, mas agiu como Roma agia. Em Roma, ele sentiu-se um cidadão do Reino dos Céus onde esperou o Senhor Jesus Cristo (Flp. 3:20). Mas Paulo não tinha qualquer desculpa para oferecer, em qualquer lugar, seu serviço para com Jesus Cristo.

Paulo possuía uma lealdade apaixonada por Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Nós não damos aqui a prova de que Paulo adorava Jesus como a Segunda Pessoa da Trindade, mas aqueles que não podem entender Paulo, falham ao ver que ele foi muito além de uma teoria metafísica da Trindade. Jesus era a paixão de sua vida (Flp. 1:21) e conhecer a Cristo em seu poder e glória era o objetivo de sua ambição (Flp. 3:10-14). Ele não tinha nenhuma dúvida sobre a sua regularidade "compreensão do mistério de Cristo" (Ef. 3:4), embora o amor de Cristo excedesse todo conhecimento (Ef. 3:18). Paulo teve pouca paciência com a mente superficial que imaginava ter rompido as profundezas da sabedoria

e do conhecimento de Deus (Rm. 11:33-36). Mas ele não podia duvidar da realidade do domínio de sua própria vida por Cristo, que fez a sua vontade subserviente à de Cristo (Gl. 2:20; 2Co. 10:5). É claro que Paulo tornou Cristo central em sua teologia e em sua pregação como Senhor de toda a criação, da vida e da morte, a esperança da vida eterna, o Salvador do pecado, o Senhor crucificado e ressuscitado (1Co. 1:17; 2:2; Gl. 6:14; Cl. 1:13-22, 1Co. 15:3-9; 2Co. 5:14-19; 1Tm. 2:5).

Paulo não poderia ter escrito sobre um mero homem o que ele escreveu em Filipenses 2:5-11. O amor que Cristo tem para com Paulo e para com todos os homens é a força reguladora da sua vida. Isso o mantém unido[49] (2Co. 5:14) e, ao mesmo tempo, focado em sua tarefa quando tentado a desistir. Todo missionário precisa dessa experiência avassaladora do amor de Cristo pelos pecadores, que vai mantê-lo na direção em meio a um ambiente sem compaixão quando os homens clamam por filosofia, cultura, pensamento novo, as velhas crenças étnicas, serviço social como um substituto para o Cristo. Em nenhum lugar a Cruz de Cristo impera tanto como na vida do missionário e pregador; sem isso, ele não terá nenhuma mensagem e missão. Ele não terá poder e seu ministério será estéril em resultados. O cristianismo de Paulo não era apenas uma fase do pensamento religioso nas formas de pensamento atuais do primeiro século d. C. que daria lugar a outros desenvolvimentos do interesse religioso ou a novas descobertas da ciência e da filosofia. Com Paulo, Jesus Cristo é o mistério de Deus revelado por último na Encarnação, Cruz e Ressurreição, e o clímax da própria sabedoria de Deus, o desafio perpétuo do intelecto humano e a alegria da alma do homem (1Co. 2:6-10; Rm. 16:25-27).

Paulo tem um amor apaixonado por seu próprio povo.[50] Ao escrever aos gentios, Paulo não tinha chegado a odiar os judeus. Eles o entenderam mal e o perseguiam como um traidor e um renegado, como um corruptor dos costumes dos pais judeus. Paulo sabia o preço que teria que pagar por seu zelo por Cristo e para com os gentios. Eles tentaram matá-lo em Damasco quando provou que Jesus é o Messias (At. 9:23). Cristãos e judeus em Jerusalém mantiveram, primeiramente, distância de Paulo após sua conversão (At. 9:26-30; 22:17-21). Os judeus seguiram insistentemente seus passos em Pafos (At. 13:6), em Antioquia da Pisídia (13:45), em Icônio (14:5), em Listra (14-19), em Tessalônica (17:5), em Corinto (18:6, 12), em Jerusalém (21:20, 2, etc.) Eles tentaram matar Paulo vez após vez, mas ele os amava como sua própria vida e estava disposto, se fosse adequado, ser anátema de Cristo, por amor de seu povo

judeu (Rm. 9:1-5). A rejeição a Cristo pelos judeus partiu o coração de Paulo, mas nem o seu amor por eles, nem sua fé no amor de Deus para com eles, nem sua esperança no bem deles de alguma forma estavam perto de acabar (Rm. 9:11). E Paulo afirmou que os gentios convertidos eram parte do Israel espiritual, os filhos de Abraão pela fé (Rm. 9:6; Gl. 3:7). Assim, Paulo orou para os judeus no exato momento em que eles estavam se afastando de Cristo, sua única esperança (Rm. 10:1-4). O amor de Paulo para com os judeus é mostrado na sua advertência aos cristãos gentios pela parábola do ramo de oliveira selvagem preso no estoque espiritual do verdadeiro Israel contrário à natureza (Rm. 11:11-24). E ainda, o amor de Paulo para com os judeus não fechou os olhos para o fato obstinado da recusa deles em seguir a Cristo. Mas Paulo fez um apelo por tolerância com os judeus para não desistir deles. Teria partido gravemente o coração de Paulo, se ele pudesse ter conhecimento de como o muro do ódio que havia entre judeus e gentios — o qual Cristo havia demolido pelo sangue da sua cruz, gerando assim o amor entre judeus e gentios, e assim, fazendo-os amarem Deus em Cristo (Ef. 2) — surgiria novamente entre judeus e cristãos. O mal-entendido medieval na Europa entre cristãos e judeus vive hoje em dia em muitas partes do mundo. A paixão de Paulo para com os judeus deveria reforçar as lágrimas de Jesus sobre Jerusalém como um protesto contra o ódio de hoje entre cristãos e judeus.

Paulo nem sempre foi entendido pelos cristãos judeus. Alguns deles, os judaizantes, acusaram Paulo de estar tentando fazer os judeus se tornam gentios, porque ele se recusou a fazer os gentios se tornaram judeus. Contra eles, Paulo pôs-se com um tremendo poder e salvou o Cristianismo de se tornar apenas uma forma de judaísmo farisaico em vez do verdadeiro Judaísmo, o do coração, o Israel espiritual. Paulo estava na posição de um missionário que é mal compreendido por muitas pessoas em casa, que não conseguem simpatizar com sua missão no exterior, que não ajudam no seu trabalho, e que, na verdade, tentam impedir o seu trabalho (Gl. 1:6-10; 4:12-20; 5:7; 6:10; 2 Co. 11:1-29). Mas ele continuou a sua obra. Ele sempre pregou aos judeus em suas sinagogas, desde que lhe permitissem fazê-lo. Essas sinagogas judaicas espalhadas pelo mundo foram núcleos para a propagação do Evangelho. Havia inúmeros tementes a Deus, dentre os gentios, como Cornélio em Cesareia, que estavam predispostos a ouvir o evangelho da graça. Esses gentios, a quem os judeus já tinham interessado na adoração de Deus, foram uma ponte que Paulo cruzou para chegar ao verdadeiro pagão. Deve-se ter em mente que as palavras duras de Jesus sobre prosélitos e farisaísmo (Mt. 23:15) não se aplicam a todos os

convertidos ao Judaísmo em si.

Mas Paulo tinha um amor profundo e contagiante por toda raça. Cristo havia destruído o muro de separação por ele. Ele era devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes (Rm. 1:14). Ele reconheceu que o Evangelho veio primeiro ao judeu (Rm. 1:16; 2:10), mas ele não parou com o judeu. A pena veio também primeiro para o judeu (Rm. 2:9), bem como o privilégio. Isso é sempre o perigo do privilégio. Mas a porta da graça e da fé estavam abertas para os gentios (At. 14:27). Aquela porta nunca foi fechada e nunca será. Não é fácil para nós, atualmente, entendermos a coragem que Paulo exibiu, quando no meio do Areópago de Atenas, colocou gentios e judeus em pé de igualdade, a geração de Deus (At. 17:28). Os profetas haviam incluído os gentios nas promessas de Deus (Rm. 9:24-30). Os judeus haviam negligenciado Oseias e Isaías, mas estava tudo lá. O preconceito racial em Paulo foi destruído por Cristo: "Dessarte, não pode haver judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl. 3:28). Esse era o ideal da humanidade em Cristo como Paulo viu. Ele ainda é o objetivo do Cristianismo, mas a batalha contra o preconceito racial, o preconceito de classe e o preconceito sexual não é tanto quanto eu pensava em *The New Citizenship* (1918). Mas ela virá. Paulo lutou pela liberdade da raça em Cristo (Gl. 5). "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou". Então, Paulo respondeu ao clamor macedônio e o mundo chorou. As nações haviam se afastado de Deus e mereciam o abandono que tinha chegado a elas (Rm. 1:2), a terrível tragédia do pecado que encontramos na China, no Japão ou na Índia atualmente. Mas essas mesmas nações estão tateando no escuro por Deus, se por acaso elas o possam achar (At. 17:27). E assim, Paulo saiu para carregar a tocha para os que jazem nas trevas e que anseiam pelo amanhecer do dia que tarda em vir.

Mas com todo o amor de Paulo para com os homens, ele não estava disposto a comprometer o evangelho da graça para ganhar convertidos fáceis.[51] É fácil seguir as correntes de pensamento e de preconceito para ir com a maré. Paulo descobriu que a pregação da Cruz era uma pedra de tropeço para os judeus e loucura para os gregos (1Co. 1:17-31). Os judeus não tinham espaço para a Cruz em seu sistema de ritos e cerimônias. Os filósofos atenienses riram de Paulo em Atenas (At. 17). Mas, mesmo em Corinto, ele ia ficar com a Cruz de Cristo como a única esperança dos homens (1Cor. 2:1-5). Os Coríntios gostariam de ter uma pitada de novo pensamento filosófico, sem a agonia espiritual e ética envolvida na vida da Cruz. Paulo não teve uma vida fácil. Os judaizantes perseguiram seus passos e obscureceram sua mensagem e seus convertidos.

Paulo teve de lutar contra esses inimigos da Cruz entre os pregadores do chamado Cristianismo. Os gnósticos vieram para complicar as coisas ainda mais, por filosofarem sutilmente e pelo modo de aprendizagem. Estes ganharam muitos convertidos e fizeram muito para pôr em perigo o evangelho da graça, como é mostrado pelas epístolas de Paulo aos Colossenses, aos Efésios, e Epístolas Pastorais. Mas com o risco de cisma, Paulo se opôs tanto aos judaizantes e gnósticos como falsos irmãos, que estavam derrubando a fé de seus seguidores. Como a lealdade de Paulo a Cristo era mais importante do que a união externa, a atitude de Paulo está em contraste com muita conversa sentimental hoje em dia. A desunião não é uma vantagem em si, mas a união organizada é uma maldição, se ela só pode vir à custa da lealdade para com a Cruz de Cristo. Todos nós devemos procurar em nossos corações e ter certeza de que temos a mente de Cristo no que ensinamos. Se tivermos certeza, assim como Paulo e como Lutero, não faremos outra coisa, e não devemos fazer nada até que vejamos de maneira diferente; nós nos comprometemos a um *harakiri*[52] intelectual e moral. Há um elemento da verdade no chamado cristianismo indígena, fornecido pelo cristianismo real. Se a pessoa não sabe o que é o Cristianismo, ele não está apto para ensinar no estrangeiro ou em casa, e certamente, não como um missionário.

Mas Paulo era, em questões de pormenores, o mais complacente dos homens. “Eu me tornei todas as coisas para todos os homens, para que eu possa, por todos os meios, chegar a salvar alguns” (1Co. 9:22). Ele era *suaviter in modo, fortiter in re*. Muitos homens têm sido *fortiter in modo*, bem como *in re*, como resultado, ele perdeu *in re*. Ser *suaviter in re* pode significar, também, perder *in re*, dando-se o cerne da questão. Paulo caminhou suavemente, como Roosevelt pediu, e levou uma grande gama de questões a princípio. Uma pessoa tem que saber quando ceder e quando se manter firme. O mesmo homem que era como uma pedra contra a circuncisão de Tito, um grego, fez Timóteo, meio judeu e meio grego, circuncidado, para dissipar preconceitos judeus e para abrir a porta para o seu ministério.

Paulo combateu os judaizantes pela liberdade dos gentios, e ainda ele mesmo ofereceu sacrifícios no templo em Jerusalém para acalmar a desconfiança dos judeus. Ele lutou sempre contra o cerimonial e a lei moral como um meio de salvação e ainda estava perfeitamente disposto para com cristãos judeus em observar o ritual mosaico se quisessem fazê-lo. Ele sabia que a carne oferecida aos ídolos não estava realmente contaminada, e, ainda assim, estava disposto a se abster de comer se os irmãos judeus e gentios fossem coagidos a tropeçarem

assim (1Co. 8-10). Ele reivindicou o direito de pagarem por seus serviços como pregador, mas recusou-se a receber o dinheiro de quem o interpretasse mal (1Co. 9 e 2Co. 11). Ele falou em simpatia com a cultura grega no Areópago (At. 17), mas não teve escrúpulos para reivindicar suas filiações farisaicas diante do Sinédrio (At. 23). Ele iria tão longe quanto fosse necessário para ganhar gregos, romanos, ou judeus; e assim fez, sem sacrifício de princípios. Paulo compreendeu o ponto de vista de seus ouvintes, mas não tinha medo de fazer Félix tremer por seus pecados (At. 24:25). Uma pessoa precisa saber como dar e tomar, para poder concluir suas tarefas.

Paulo plantou o Evangelho em centros estratégicos do Império Romano, as grandes cidades das principais províncias. Ele bateu as grandes avenidas de viagem, as estradas da civilização, as maravilhosas estradas romanas que corriam leste e oeste, norte e sul. Essas cidades foram ligadas entre si pelas artérias ao longo das quais o comércio fluia. Não é de admirar que Ramsay o chame, em um de seus livros, *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*. Ele era um caxeiro-viajante de Cristo, que sabia para onde ir e como apresentar sua causa. Ele começaria onde pudesse obter uma posição, onde houvesse uma chance de permanecer. Como em Chipre, com a influência de Barnabé, onde usou os judeus, sempre que podia, como um ponto de partida. Ele iria ganhar homens e mulheres de influência, se pudesse, como Sérgio Paulo em Salamina, em Chipre e "as mulheres principais" em Tessalônica. Mas ele teve mais sucesso com as pessoas comuns em Corinto (1Co. 1:26-31), como em outros lugares. Paulo não tinha vergonha de ganhar escravos para Cristo e chamar-se como um escravo de Jesus Cristo. Em suas cartas, ele dirigiu parágrafos especiais para os escravos cristãos que encontraram no Cristianismo um raio de esperança em um mundo escuro.

Paulo iria pressionar campos mais difíceis, mas segurou o que tinha ganhado. Ele era completamente evangelístico, mas procurou estabelecer firmemente o trabalho antes de deixá-lo. Ele não tinha medo de Perge, na Panfília, com seus piratas e mosquitos; nem da Pisídia, com seus perigos de rios e de assaltantes. Paulo sabia quando deixar um campo e quando tomar uma posição. Às vezes, saía sob compulsão de Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Filipos, Tessalônica. Às vezes saía sob o impulso de uma chamada em outros lugares como de Trôade para a Macedônia. Mas Paulo sempre teve todo o campo em seu coração, e solicitudes por todas as igrejas (2Co. 11:28) onde quer que estivesse. Então ele teve pastores nativos designados para executar o trabalho quando ia embora. Paulo enviou mensageiros com cartas de instrução e encorajamento, tentou

construir o caráter daqueles que já salvou quando avançou o trabalho sobre os campos mais difíceis e mais amplos. Timóteo e Tito são apenas dois dos muitos que ajudaram Paulo a alongar os fios e fortalecer as apostas para Cristo em todo o Império Romano. Quando ele estava na prisão, ainda era o líder das hostes de Deus. Sua energia era incessante.

Paulo conheceu a perseguição com sabedoria e com coragem. Ele não cortejou a oposição, e não estava buscando a coroa do martírio; deixou Antioquia da Pisídia antes do ataque ser feito, mas em Listra ele esperou o início real. Paulo empurrou a propaganda para Cristo tendo em mente a vitória. Ele perderia a batalha e ganharia uma campanha. Ele não tinha a ideia da rendição ou de cessar a sua obra, sendo ajudado por alguns, impedido por outros e, ainda por cima, deixado sozinho. Não importava. O Senhor Jesus sempre esteve ao seu lado. Paulo estava sempre certo disso. Às vezes, em momentos críticos, ele tinha visões do Senhor, que aplaudia sua fidelidade. No final, o Senhor Jesus apareceu para Paulo e o fortaleceu (2Tm. 4:17), para que ele desprezasse Nero e seus leões. Impávido, olhou em sofrimento por Cristo como um dom da graça e uma marca de glória. A morte, para ele, era nada mais que um ingresso com Cristo, com quem ele iria para sempre estar em casa. Esse é o espírito de Jesus, que domina Paulo e que vai conquistar o mundo se missionários em casa e no exterior continuarem fazendo como Paulo fez; Paulo, o Mestre Missionário e Estadista das Eras.

Capítulo 9

Paulo e os Jovens Ministros

Paulo se converteu enquanto jovem rabino, graduado na escola de Gamaliel, em Jerusalém, e sabia por amarga experiência que devia ser um jovem ministro em um ambiente hostil. O chamado para pregar e para trabalhar entre os Gentios veio no momento de sua conversão, ou pelo menos ficou claro para Paulo alguns dias depois em Damasco. Nós não sabemos a idade de Paulo neste momento, mas não foi muito tempo depois da morte de Estêvão, quando foi citado como "um jovem chamado Saulo" (At. 7:58). Ele não possuía mais do que trinta e cinco anos, provavelmente vários anos mais jovem.

Ele era um homem de partidos e das escolas e já era o líder do judaísmo atual quando, de repente, se alistou sob a bandeira de Jesus Cristo, cuja causa ele havia tentado destruir. No retorno de Paulo da Arábia e Damasco para Jerusalém, ele foi objeto de suspeita e desconfiança pelos discípulos de lá até Barnabé manter-se responsável pela sinceridade do novo convertido, o lobo *quondam* que agora apareceu como uma ovelha no rebanho (At. 9:26-28). É claro que Paulo nunca esqueceu esse ato generoso da parte de Barnabé e isso o deixou muito feliz, em juntar as mãos com ele mais tarde no trabalho em Antioquia (At. 11:25) que levou à grande campanha entre os gentios (13:1-3). Sem dúvida, é verdade que grande interesse de Paulo em pregadores mais jovens teve esse toque de experiência pessoal. Barnabé tinha amizade com Paulo. Por sua vez, Paulo deu a mão a outros mais jovens servos de Cristo. Com certeza, quando ele era Paulo, o velho, viu no ministério mais jovem a esperança do futuro. Seus planos e seus propósitos centrados em grande parte na sua formação, como é evidente nas Epístolas Pastorais. Sob esse ponto de vista, muito da crítica à autenticidade das Epístolas Pastorais não vem ao caso.

Mas o interesse de Paulo é primeiramente pessoal, não eclesiástico e doutrinário. Ele logo começou uma busca por jovens que mostravam sinais de utilidade no trabalho para Cristo. Não há fase de trabalho do ministro que ofereça uma recompensa mais rica do que a descoberta de jovens a quem o

Senhor possa usar no Reino. Muitos deles são diamantes brutos, mas vão ser polidos, ganharão brilho e reterão dureza se o diamante for real. Uma pessoa precisa estar bem atenta para não chamar a si mesmo, ao invés de ser chamado por Deus. Isso exige sabedoria e discernimento, para ser capaz de ver as marcas do Espírito de Deus no homem jovem, imaturo e cruel que está lutando com o seu destino. Paulo tinha o dom de uma forma maravilhosa. Ele não foi igualmente feliz em todos os seus "achados", pois os homens diferem e sempre serão assim. Mas é uma vocação esplêndida trabalhar na carreira de Paulo para procurar seus pontos de contato com a multidão de companheiros de trabalho que colaboraram com ele. A prova é muito pequena, em muitos casos, mas, em alguns, podemos traçar os passos de Paulo em uma boa parte do caminho. Ela nos satisfará ao vermos Paulo no trabalho com os jovens ministros, os quais se reuniam em volta dele de vez em quando.

No caso de João Marcos, parece claro que ele era um protegido de Barnabé, seu primo, que convenceu Paulo a deixá-lo ir junto na primeira turnê "como auxiliar" (At. 13:5), seja lá o que isso possa significar (ver o meu "*Making Good in the Ministry: A Sketch of John Mark*"). Paulo se projeta na vida desse jovem pregador como crítico sincero, que não tolerará seu erro grave em Perga, quando ele se recusou a continuar com a missão e voltou para Jerusalém (At. 13:13). Paulo recusou completamente que Marcos os acompanhasse novamente na segunda visita, mesmo que a recusa tenha levado a uma ruptura com Barnabé (At. 15:36-41). Primeiramente, Paulo parece surgir em uma luz desfavorável nessa recusa em dar a Marcos uma segunda chance. Mas o tempo veio quando Paulo viu que Marcos tinha feito o bem. Então, Paulo se alegrou com esse sucesso e, no fim, achou Marcos útil para ele ministrar (2Tm. 4:11) possivelmente enquanto prisioneiro em Roma pela primeira vez (Cl. 4:10), quando pode até ter lido o Evangelho de Marcos. De qualquer forma, Paulo desejou que Timóteo trouxesse Marcos com ele para ficar com o apóstolo nos últimos dias de sua vida na terra.

Alguns jovens ministros não podem se manter sob crítica, porém, talvez seja necessário. O tempo vindicou a sabedoria de posição de Paulo sobre Marcos, trouxe Marcos face a face com a sua crise, e ele respondeu à sábia orientação de Barnabé e veio a ser o intérprete de Pedro. Seu Evangelho revela as marcas de sua vida com Pedro (ver os meus *Studies in Mark's Gospel*) e mostra que Marcos tinha em si a realização de um homem que valia a pena. Ele não está dizendo muito ao acrescentar que Paulo causou a Marcos uma boa mudança, quando ele não estava disposto a passar por cima de sua conduta em Perga. Marcos

aprendeu a lição de Perga como muitos, um ministro que cometeu um erro e se redimiu. Pedro poderia animar Marcos por sua própria experiência.

Certamente, o êxito final de Marcos alegrou o coração de Paulo. Nada ilumina mais o coração de um professor do que ver um jovem aprender com seus erros para corrigi-los e torná-los trampolins para o serviço e para a grandeza de caráter.

Tito era a própria descoberta de Paulo e uma das jóias encontradas na primeira campanha, senão antes em Antioquia. Ele era um grego puro, mas não sabemos o lugar de sua morada. Há alguma probabilidade de que fosse irmão de Lucas (2Co. 8:16; 12:18) e, por essa razão, ele não é mencionado por nome nos Atos como o próprio Lucas não é. Paulo aparentemente tinha-o consigo antes da Conferência de Jerusalém, pois o levou, sendo a sua presença de grande ofensa para os judaizantes lá. Paulo recusou-se a permitir que Tito fosse circuncidado a pedido dos judaizantes em prol da harmonia (Gl. 2:3). Se Paulo se rendesse a cerca de Tito, era inútil passar resoluções de liberdade para os demais gentios. Tito resumiu toda a questão. Tito provou ser um homem de grande habilidade, engenho e coragem plenamente justificada, a luta por sua liberdade espiritual feita por Paulo. No auge dos problemas em Corinto, Paulo enviou Tito, que trouxe a maioria da igreja para a visão das coisas de Paulo. Como resultado, Paulo chamou Tito de "meu parceiro e meu companheiro de trabalho" (2Co. 8:23). Tito "consolou" muito Paulo sobre Corinto (2Co. 7:6), e Paulo mandou-o de volta para terminar a coleta e o trabalho de reajuste. Tito era uma forte equipe de apoio para Paulo na sua velhice. Paulo o deixou em Creta "para pôr em ordem as coisas que ainda restavam lá" (Tt. 1:5) e, em seguida, escreveu-lhe uma breve epístola que está cheia de pepitas de sabedoria para o pregador. O conselho dado a Tito se aplica aos problemas do pregador hoje em dia. O único solvente para os males sociais é o evangelho de Cristo, e o pregador desempenha um grande papel em toda reconstrução social. Paulo estava orgulhoso de "Tito, meu verdadeiro filho, segundo a fé comum" (Tt. 1:4).

O ministro que tem "filhos no evangelho" é rico além da medida. Tito estava com Paulo perto do fim, mas foi enviado para a Dalmácia (2Tm. 4:10). Paulo encontrou prazer na proeza do jovem pregador talentoso.

Timóteo era aparentemente um dos convertidos de Paulo na primeira turnê e já estava trabalhando em Listra quando Paulo voltou na segunda turnê. Ele tinha uma boa reputação entre os irmãos em Listra e Icônio. Paulo tinha perdido Marcos. Silas tomou o lugar de Barnabé. Assim, Paulo escolheu Timóteo para sair com ele (At. 16:1-3). Ele chamou a atenção de Paulo e ganhou seu coração.

Infelizmente, era meio grego e meio judeu e estaria provocando continuamente controvérsia acerca de ser judeu ou grego. Então, por uma questão de prudência, Paulo o circuncidou. Timóteo estava com Paulo durante essa segunda turnê e compartilhou as viagens e dificuldades de Paulo com coragem e lealdade. Ele estava pronto para se encaixar nos planos de Paulo de qualquer maneira que Paulo desejasse. Ele foi deixado para trás com Lucas em Filipos e depois reapareceu em Bereia (At. 17:14) e, provavelmente, em Tessalônica (Flp. 4:15-16). Ele foi para Atenas para ver Paulo e foi enviado de volta a Tessalônica (At. 17:15; 1Ts. 3:1-2). Mais tarde, ele veio com Silas a Corinto com notícias e presentes de Tessalônica e Filipos (At. 18:5; 2Co. 11:9). Ele estava com Paulo em Éfeso na terceira turnê e foi enviado por Paulo a Corinto para resolver o problema lá, mas os judaizantes parecem tê-lo intimidado (1Co. 4:17; 16:10-11).

Então, Timóteo voltou a Éfeso e foi enviado para a Macedônia (At. 19:22), enquanto Tito foi a Corinto para lidar com os judaizantes. Timóteo estava com Paulo depois da Macedônia (2Co. 1:1) e em Corinto, e na viagem para a Ásia (At. 20:4). Ele era a principal confiança de Paulo durante a primeira prisão romana, perdendo apenas para Lucas e, aparentemente, presente mais constantemente do que Lucas (Flp. 2:19-23). Timóteo resistiu ao teste do tempo e nunca parecia estragar o amor de Paulo por ele. Ele não estava sempre em saúde vigorosa (1 Tm. 5:23).

Paulo deu-lhe conselhos em particular sobre o exercício, saúde e dieta. “Não deixe ninguém desprezar a tua mocidade” (1 Tim. 4:12). As duas epístolas que Paulo escreveu a Timóteo, enquanto estava no comando do trabalho em Éfeso, cobrem quase todos os aspectos da vida do jovem ministro e seu trabalho.

Paulo toca na ascendência e profecias feitas a Timóteo a respeito da sua utilidade futura. Ele não deve decepcionar essas esperanças e deve prestar atenção à leitura do lado acadêmico de sua obra exercendo a liderança no trabalho da Igreja, formando, assim, professores que vão continuar o trabalho com sucesso e poder ao preservar o evangelho puro em uma época em que os homens tinham coceira nos ouvidos por heresia. Ele deve ser fiel a todas as classes e não ter medo de falar claramente, apesar dos ricos, ter cuidado com seu próprio crescimento espiritual e não cair em qualquer uma das muitas armadilhas que o diabo havia estabelecido para pregadores jovens (dinheiro, vaidade, lisonja, mulheres, ócio). Paulo chamou Timóteo de “verdadeiro filho na fé” (2Tm. 1:2) e ele o queria ao seu lado quando o fim chegou (2Tm. 4:11, 21). Ele, aparentemente, veio e foi preso por fazê-lo, pois foi posteriormente solto (Hb. 13:23). Timóteo amava Paulo e se provou digno de sua confiança. “Ó Timóteo,

guarda o que te foi confiado" (1Tm. 6:20), que Deus havia posto em seu cuidado e manutenção. Nas epístolas a Timóteo e Tito, Paulo prova ser o maior mestre dos pregadores de todos os tempos, depois do próprio Cristo. O ardor de 2 Coríntios e Gálatas queimava menos, como é natural com a idade, mas a sabedoria paulina está aqui. O estilo é mais discursivo, e detalhes circunstanciais dizem respeito ao grande mestre dos princípios, mas eles não escondem o grande coração de Paulo: o pregador envelhecido em sua profunda preocupação com o progresso de seus irmãos mais novos, e que esse progresso seja manifesto a todos (1Tm . 4:15). Que alegria foi para Paulo ao ver a proeza de Timóteo sob a tutela do Espírito de Deus.

Apolo não pode ser chamado de um dos filhos de Paulo no Evangelho, mas ele tocou a vida e a obra de Paulo em aspectos importantes e desenvolveu admiração e amor sincero por Paulo em um momento em que alguns esperavam que mostrasse inveja e ressentimento.

Apolo era um espécime brilhante de formação do treinamento alexandrino na filosofia e na cultura grega em geral, que a princípio conhecia Jesus apenas como Batista conhecia, mas ele era um poderoso pregador mesmo com essa deficiência grave (At. 18:24-28). Ele correspondeu rapidamente à tutela de Priscila e Áquila e foi com cartas de recomendação para Corinto, onde Paulo havia trabalhado por dois anos. O contraste entre Apolo e Paulo estava muito marcado, e logo cada um tinha seus partidários, embora tal situação nem fosse desejada. Finalmente, o partidarismo foi a tal ponto que Apolo saiu e não iria voltar (1Co. 16:12). Paulo discute toda a situação lamentável em uma passagem magistral, que é um modelo para os ministros pelos quais a igreja tornou-se dividida (1Co. 1-4). Paulo exonera Apolo de qualquer culpa e glória nas grandes dádivas desse jovem e brilhante ministro e mostra como cada um tem seus dons de Deus, a quem toda a glória pertence. Paulo é sensível, com medo de que os coríntios pudessem pensar que ele estava cortejando seu favor e deixa claro que o ministro é o dispensador dos mistérios de Deus, o único que pode dar o louvor que realmente importa (1Co. 4:1-5). Assim, Paulo usa Apolo e ele próprio como uma folha para revelar o partidarismo estreito dos coríntios e os envergonhar de tudo (1Co. 4:6-13). Nenhum homem jamais se alegrou mais nos grandes dons dos outros pregadores do que Paulo. Certo é que Apolo aprendeu muito com Paulo, especialmente se ele for o autor da maravilhosa Epístola aos Hebreus, que contém tanto da concepção paulina, embora certamente não tenha havido um toque da pena do próprio Paulo. Mais tarde, Paulo faz alusão a Apolo de uma forma que mostra a maior cordialidade, senão pelo fato de que Apolo era um dos

mensageiros de Paulo a Tito em Creta (Tt. 3:13).

Silas foi o companheiro de Paulo escolhido para a segunda turnê após a ruptura com Barnabé (At. 15:40). Ele era um profeta (15:32) e um dos portadores da Epístola de Jerusalém aos Efésios e aos cristãos gentios quanto à sua liberdade de cerimonialismo judaico (15:27). Ele foi leal a Paulo através dessa viagem, compartilhou o aprisionamento de Paulo em Filipos, foi a Tessalônica e Bereia com ele e veio com Timóteo e Paulo a Corinto. E então ele sai da companhia de Paulo tanto quanto sabemos. A razão é por completo conjectura. Silas era, provavelmente, mais velho do que Timóteo e Tito, e mais próximo da própria idade de Paulo. É provável que ele reapareça com Pedro como o amanuense deste, por escrito, na Primeira Epístola (1Pd. 5:12). Se for assim, ele está em companhia de Pedro e Marcos. Pode-se sugerir que Paulo e Silas tiveram uma diferença como aconteceu com Barnabé e Paulo. Isto, naturalmente, é possível, mas pouco provável. É mais provável que Paulo, na terceira turnê, simplesmente preferisse homens mais jovens, que mais prontamente fizeram o trabalho subordinado e realmente não precisaram de Silas, que tinha outros trabalhos de sua autoria a fazer.

Podemos agrupar um monte de ajudantes de Paulo e colegas de trabalho os quais nós somente vislumbramos como existiram, e projetamos imagens de suas ações. Um deles é Trófimo da Ásia (At. 20:4), um dos mensageiros enviados juntamente com Paulo a Jerusalém para levar a coleta para os santos pobres de lá. Ele foi a causa inocente de trazer grande desgraça sobre Paulo. Assim como Tito, ele era grego. Alguns dos judeus da Ásia viram Paulo caminhando com Trófimo em Jerusalém (At. 21:29) e "supuseram" que ele também tinha levado Trófimo com ele ao templo além do átrio dos gentios, pois eles viram Paulo lá. Eles levantaram um clamor e acusaram Paulo de todos os tipos de crimes e o mantiveram prisioneiro em Cesareia e Roma por cinco anos antes da liberdade vir. O ódio e uma imaginação aquecida não necessitam de fatos, mas apenas um motivo. Mas Trófimo não era de forma alguma responsável por tudo isso. Muito mais tarde, Paulo o deixou doente em Mileto (2 Tm. 4:20), Paulo estava preocupado com ele no final.

Tíquico foi outro mensageiro da Ásia com Trófimo (At. 21:4), mas não é certo que ele passou em Jerusalém. No entanto, ele estava em Roma e foi um dos portadores da Epístola aos Colossenses (4:7), e a dos Efésios (6:21). Ele estava com Paulo novamente na segunda prisão romana e foi enviado por Paulo a Éfeso em alguma missão de importância (2Tm. 4:12).

Aristarco foi apreendido junto com Caio pela multidão em Éfeso como um

companheiro de Paulo (At. 19:29). Ele era um dos mensageiros de Tessalônica com Paulo em Jerusalém (At. 20:4). Mais tarde, foi companheiro de Paulo com Lucas na viagem a Roma (At. 27:2), possivelmente, como Ramsay sugere, inscrevendo-se como escravo de Paulo, para entrar no navio. Ele estava com Paulo em Roma quando escreveu a Filemon (23). São Paulo o chama de seu "companheiro de prisão" (Cl. 4:10).

Há outros, como Erasto (At. 19:22; 2 Tm. 4:20), que são mais parecidos, como silhuetas no horizonte. Não podemos dizer que estes contaram com pouco ou nada na vida de Paulo por causa da simples menção de seus nomes na lista longa e honrosa em Romanos 16; e, mesmo nessa lista, há muitos cujos nomes não são dados. Eles figuram apenas como "os irmãos". A história é caprichosa em sua preservação de nomes e até mesmo dos fatos. É certamente provável que Paulo tinha muitos colegas de trabalho que operaram tão nobremente quanto alguns daqueles cujos nomes e atos sejam preservados para nós. Eles ganharam o amor de Paulo e, de tal modo, do Senhor de Paulo e eles já receberam a sua recompensa na vida. Mas é difícil pensar em alguém que já reuniu em volta de si um grupo mais nobre de colegas de trabalho, homens e mulheres, como Priscila e Áquila, com quem Paulo ficou em Corinto (At. 18:2), e que arriscaram suas próprias vidas por Paulo (Rm. 16:4), assim como Epafrodito (Fl. 2:30). Paulo tinha o maior interesse em pessoas e não lhe faltavam amigos que estivessem prontos para compartilhar com ele o sofrimento e até a morte, como Onesíforo (2Tm. 1:16-18).

Mas houve falsos amigos que deixaram Paulo em um aperto, como Demas, que "amava o presente século" (2Tm. 4:10); e Alexandre, o latoeiro que lhe fazia muito mal (4:14). Havia alguns como Figelo e Hermógenes, que se afastaram de Paulo, agora prisioneiro em Roma (2Tm. 1:15). Paulo conhecia a amargura de "falsos irmãos" (2Cr. 11:26), bem como a alegria de devoção à morte.

Capítulo 10

A Pregação de Paulo em Tessalônica

Nem sempre é adequado para um pregador falar francamente sobre sua própria pregação, pois provavelmente será acusado de egoísmo. Mesmo um professor de jovens pregadores tem de ser cauteloso em suas alusões pessoais, assim como suas experiências são úteis e valiosas para eles. Quando um pregador está sob fogo, ele pode, por vezes, explicar seus métodos e motivos para aqueles que foram influenciados pelos ataques. Mas, mesmo assim, o ministro sente um constrangimento natural e está aberto a um contra-ataque. Como regra, o silêncio e a vida correta são a melhor resposta para caluniadores, "que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos" (1Pd. 2:15).

Paulo quebrou seu silêncio sob os ataques em Corinto, a fim de mostrar que ele e Apolo eram ambos livres de culpa na cisma e nos conflitos que haviam chegado a essa igreja (1Co. 1-4). Ao fazer esse serviço necessário, Paulo aproveita a ocasião para expor o caráter de sua própria pregação do Cristo crucificado. Mas Paulo considerou os judaizantes responsáveis pela dificuldade em Corinto e eles fizeram acusações graves e específicas contra a integridade ministerial de Paulo, acusações as quais ele refuta detalhadamente (2Co. 10-13). Mas ao se defender assim, incisivamente, Paulo se sentiu como um tolo e só pôde se defender usando um toque de ironia para aliviar a tensão (2Co. 11:14-20). Mas pode-se quase agradecer aos judaizantes por indiretamente serem responsáveis pela maravilhosa panegírica de Paulo sobre a pregação em 2 Coríntios 2:12-6:10 (exposta na minha "*Glory of the Ministry*").

Outro pequeno pedaço de autobiografia ocorre em 1 Tesaloniceses 1 e 2, que pode ser comparado com Atos 17:1-9. O relato de Atos menciona apenas três sábados em que Paulo pregou em Tessalônica, mas parece claro, a partir de 1 Tesaloniceses 1 e 2 e 2 Tesaloniceses 2 e Filipenses 4:16, que Paulo trabalhou em Tessalônica alguns meses, provavelmente não mais na sinagoga (cf. Corinto). Lucas provavelmente não tinha a intenção de ser exaustivo em seu relatório. Mas é extremamente interessante poder comparar a narrativa histórica em Atos 17

com a discussão de Paulo em 1 Tesaloniceses 1 e 2. Temos um paralelo semelhante no relato de Lucas do trabalho em Corinto (At. 18) e a própria interpretação de Paulo de seu trabalho lá em 1 Coríntios 1-4. Em Tessalônica, como em Corinto, Paulo foi mal interpretado por alguns. O mal-entendido relacionou-se com as declarações de Paulo sobre a Segunda Vinda de Cristo. Depois da partida de Paulo, o mal-entendido cresceu até que Paulo foi citado como dizendo que Jesus estava para vir imediatamente. Isso Paulo nega especificamente. Alguém tinha ainda tentado forjar uma "carta" a partir de Paulo para apoiar esse ponto de vista (2Ts. 2:1-4). Assim, ele dá o sinal de sua verdadeira epístola (2Ts. 3:17). Não havia realmente nenhuma desculpa para o mal-entendido na pregação de Paulo sobre esse ponto. "Não vos recordais de que, ainda convosco, costumava dizer-vos estas coisas?" (2Ts. 2:5). A luta com o Homem do Pecado devia primeiro vir. E quando Jesus vier, ele virá como um ladrão na noite, como os tessalonicenses sabiam perfeitamente bem (1Ts. 5:2), pois ele lhes tinha dito isso. Alguns se tornaram tão animados que eles tinham parado de trabalhar e eram meros corpos ocupando espaço. Aqui, novamente, eles estavam sem desculpa, porque, quando Paulo estava com eles, ele tinha lhes ordenado: "se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2Ts. 3:10). Ele é um pregador pobre que nunca é mal interpretado. Jesus e Paulo usaram uma linguagem simples e vigorosa, mas foram muitas vezes incompreendidos. As pessoas ouvem apenas fragmentos do que dizemos a eles, e ainda só são entendidos pedaços de outras ideias que flutuam em suas mentes. Então, Paulo escreve duas epístolas aos tessalonicenses para clarear o que havia ensinado a eles. Assim, podemos obter seus comentários biográficos sobre sua própria pregação em Tessalônica que são tão ricos em sugestão para nós hoje em dia. Paulo foi o maior de todos os pregadores[53] e poderíamos desejar que tivéssemos mais espécimes de sua pregação, como aqueles fragmentos preservados em Atos 13, 14, 17, 20, 28, e os pedidos de desculpas em 22 e 26. Mas ele também era poderoso em dar aos elementos de uma grande pregação de forma incidental, como encontramos em 1 Tesaloniceses 1 e 2.

Lucas diz que a pregação de Paulo foi fundamentada na Escritura. Na sinagoga, "por três sábados", Paulo "discutiu com eles as Escrituras" (At. 17:2). Esse era seu costume, e Lucas acrescenta que ele "abriu" as Escrituras como um intérprete qualificado, "alegando" três afirmações no estilo normal de homilética: (1) "Convinha que Cristo (o Messias) sofresse". Isso o próprio Jesus havia ensinado (Lc. 24:26, 46). (2) Que convinha ao Cristo "ressuscitar dos mortos". Este grande fato Paulo sabia por experiência pessoal. Ele tinha visto o

Jesus ressuscitado. (3) “E que este Jesus, que vos anuncio, é o Cristo”, (o Messias). Essa foi a tese fundamental de Paulo em sua pregação de sua conversão. Em Damasco, “logo nas sinagogas pregava sobre Jesus, que ele é o Filho de Deus” (At. 9:20). Após seu retorno da Arábia (Gl. 1:17) ele “confundia os judeus que habitavam Damasco, provando que este é o Cristo” (At. 9:22). Lucas preserva um dos sermões de Paulo, em Antioquia da Pisídia, em que vemos a linha de argumentação e o uso hábil das Escrituras feito por Paulo (At. 13:16-41). Foi tão convincente que as multidões pediram que fosse repetido no sábado seguinte, quando toda a cidade ajuntou-se. Paulo era popular demais para os rabinos invejosos, que logo interromperam o serviço (At. 13:44-46). A formação de Paulo como um estudante sob Gamaliel o colocou em um lugar de destaque em seu uso da Escritura e no cumprimento dos refinamentos rabínicos.

Os pontos dados por Lucas para os discursos em Tessalônica são lógicos e foram certamente eficazes, pois alguns dos judeus foram ganhos para Cristo, uma grande multidão de gregos devotos (os tementes a Deus que assistiram à sinagoga) e muitas distintas mulheres (At. 17:4). O resultado foi inevitável. Os rabinos foram movidos por inveja e procuraram uma aliança com a povo para pôr fim ao poder de Paulo, levantando um motim e recebendo uma carga política contra Paulo por pregar Jesus como um rei rival a César (At. 17:5-9), um curioso paralelo com a queixa final contra Jesus diante de Pilatos. Paulo provavelmente pregou Jesus como Rei e Senhor de tudo e os rabinos foram rápidos em distorcer a sua linguagem. Assim, em Tessalônica, Paulo veio fortemente contra o homem do pecado, que se estabeleceu no lugar de Deus (2Ts. 2). O imperador romano era adorado aqui como em outros lugares e Paulo proclamou Jesus como Senhor, e não César (1Co. 12:1-3). Havia um tanto de verdade na acusação especiosa que os rabinos sabiam não ser verdade. Eles se opuseram ao culto de César, mas não disseram isso. De qualquer forma, Paulo teve de deixar Tessalônica, e ele já percebeu a vinda do conflito entre Cristo e César pelo domínio do mundo. Ramsay observa que Paulo cresceu em alcance e talento como um pregador quando enfrentou de perto o poder imperial de Roma.

A única coisa que Paulo enfatiza principalmente sobre sua pregação em Tessalônica é que ele interpretou a vontade de Deus para eles em todas as suas mensagens. É fácil fazer uso frequente do nome de Deus e Sua vontade para que ela seja mera hipocrisia. Mas essa não é a verdade de Paulo. Ele sabia o que é estar em contato com Deus. Ele está consciente de que Deus deu a sua Palavra ao conhecimento dele. Aqui estão algumas das suas expressões sobre este assunto. “Nós nos tornamos ousados em nosso Deus, para vos falar o evangelho

de Deus em muitos conflitos" (2:2). "Mas, assim como fomos aprovados por Deus para sermos confiados com o evangelho, assim falamos" (2:4). "Nós vos pregamos o evangelho de Deus" (2:9). "Mas, como ele é, na verdade, a palavra de Deus" (2:13). Paulo teve uma alta concepção da sua própria mensagem e oferece um exemplo para o pregador de hoje. Ele estava longe de ser um mero pregador ou mesmo apenas um reformador social. Todo vestígio de pretensão desapareceu.

Não há embuste sobre Paulo e nem fingimento piedoso. Ele permaneceu como o profeta de Deus com uma ardente mensagem divina que deveria entregar. Ele será ouvido qualquer que seja o resultado. Se for respondido que o pregador moderno não pode colocar nenhuma pretensão na revelação direta de Deus, é preciso lembrar que Paulo procurou as Escrituras, assim como nós podemos fazer. Nós temos o Novo Testamento, e os próprios escritos de Paulo inclusos, além das Escrituras que Paulo tinha. Temos, além disso, o longo curso da história humana sob a influência do cristianismo anunciado por Paulo. Nós também temos as promessas do Espírito Santo, que ajudaram Paulo, e não precisamos reivindicar nova revelação que Paulo teve, mas nós temos uma nova luz de consciência, pesquisa acadêmica, história e ciência. Certamente nenhum pregador precisa estar no escuro sobre a vontade de Deus a respeito da redenção do homem. Se o evangelho de Deus era claro para Paulo, deveria ser mais claro para nós. O pregador atual deve ter uma mensagem clara de Deus e deveria falar com uma coragem profética.

Paulo deixa claro, como Lucas faz em Atos, que Cristo é o tema central do "evangelho de Deus". "Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele". (1Ts. 5:9-10). "Nós acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou" (4:14). Os tessalonicenses estavam "à espera por seu Filho do céu, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura" (1:10). Nós tomamos isso de Paulo como uma questão de disciplina. Ele era, como se sabe, um homem intoxicado de Cristo.

Ele não se importava se as pessoas pensavam nele mesmo por Cristo ou não (2Co. 5:13). Não existe um "evangelho" de Paulo à parte de Cristo. Houve aqueles que pregavam outras doutrinas, mas Paulo recusou-se a chamar suas mensagens de "um evangelho verdadeiro da graça" (Gl. 1:6-7; 2Co. 11:4). O mundo nunca vai ficar longe de sua necessidade de Cristo. Nunca houve tal fome no coração por Cristo, como há hoje em dia em todo o mundo.

Paulo afirmou que sua pregação ocorria com o poder do Espírito Santo. “O nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo e em plena convicção” (1Ts. 1:5). Os tessalonicenses “receberam a palavra em muita tribulação, com a alegria do Espírito Santo” (1:6). Paulo esperava o Espírito Santo para abençoar a sua mensagem, porque era a respeito de Cristo e porque era o evangelho de Deus. Deus não tinha prometido o poder do Espírito Santo para acompanhar a pregação? Vale a pena para cada pregador atual procurar no seu próprio coração e ver se ele tem realmente pregado o evangelho completo de Deus, e com a “certeza” da bênção de Deus. Ele disse que a sua palavra não voltará para Ele vazia. Será como pão jogado sobre as águas. Ela voltará depois de muitos dias. Paulo não foi igualmente bem sucedido em todos os lugares e não totalmente em Tessalônica. Mas o pregador pode pelo menos ter a consciência tranquila se ele prega a palavra de Deus no poder do Espírito Santo.

O propósito de Paulo era agradar a Deus, e não aos homens. Todo pregador gosta de agradar aos homens. O louvor é encantador a qualquer pregador, muito encantador às vezes. Mas o pregador é um homem sob as ordens. Seu verdadeiro louvor deve vir de Deus. Ele deve dizer a verdade que Deus lhe faz conceber. “Porque a nossa exortação não procede de erro, nem de imundícia, nem é feita com dolo” (2:3). Ele não deve baixar o tom da mensagem de acordo com o público, “não como para agradar aos homens, mas a Deus que vos prova os nossos corações” (2:4). “A verdade é que nunca usamos de linguagem de bajulação, como sabeis” (2:5), “nem buscamos glória de homens, quer de vós, quer de outros” (2:6). É evidente, a partir desses desmentidos vigorosos, que Paulo tenha sido acusado por alguns devido a isso, de ser um liberal que cedeu às manias e caprichos da multidão.

Mais uma vez Paulo escuta a acusação de pregar por dinheiro, “nem um pretexto de avareza, Deus é testemunha” (2:5). “Porque vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; trabalhando noite e dia, para que não fôssemos um fardo para vós, vos pregamos o evangelho de Deus” (2:9). Se alguma vez houve um pregador viril, Paulo foi esse homem. Hoje em dia, nós não deixamos pregadores trabalhar em um comércio nem nós os pagamos o suficiente para viver.

Paulo amava as pessoas e lidava cuidadosamente com elas, com toda a sua fidelidade à verdade. Ele tinha o coração de pastor, o coração de pai, o coração de mãe. “Antes fomos brandos no meio de vós, como a ama que cria seus próprios filhos: mesmo assim, sendo afeiçoados de vocês, nós estávamos bem ao prazer de comunicar-vos não somente o evangelho de Deus, mas ainda as nossas

próprias almas, porquanto vos tornastes muito amados de nós" (2:8). Poderia um pastor falar mais ternamente do rebanho? "E sabeis, ainda, de que maneira, como pai a seus filhos, a cada um de vós, como um pai a seus filhos, exortando-vos, e encorajando-os e testemunhando, a fim de que andeis dignamente de Deus" (2:11). "vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria" (2:20). Paulo, "com tanto mais empenho diligenciamos, com grande desejo, ir ver-vos pessoalmente" (2:17). Não há como resistir a um amor como esse. Paulo literalmente amava as pessoas que amavam Cristo. Ele tinha paixão pelas almas em sua pregação, ansiava por eles em Cristo. Ele transmitiu "a sua alma", quando pregou e ganhou almas ao dar a sua. Não há outro caminho. Até mesmo Cristo sentiu o poder sair dele. Paulo estava disposto a gastar e deixar a sua alma ser gasta (2Co. 12:15).

Esses elementos na pregação de Paulo, em Tessalônica, podem parecer banais e até prosaicos, mas eles são vitais para toda pregação verdadeira. Pode-se ler um ensaio sem esses elementos do poder, mas nenhuma alma será convertida. Ele pode presidir sobre um chá de cravo sem paixão pelos perdidos. Mas o mundo espera ouvir o profeta com uma brasa viva do altar de Deus em seus lábios. A língua de fogo colocará outras almas em chamas. Beecher estava certo. Desperte o homem no púlpito, se você quiser acordar o homem no banco da igreja. A maneira de acordar o homem no púlpito é colocar um lá que esteja em contato com Deus. Então o Senhor despirá o braço no dia do seu poder. Deus havia derramado o poder em Paulo para que ele pudesse fazer todas as coisas através de Cristo (Flp. 4:13).

Capítulo 11

Paulo como Pastor em Éfeso

Pode ser que Paulo tenha permanecido mais tempo em Éfeso do que em qualquer outra das cidades onde fundou igrejas. Ele ficou em Corinto cerca de um ano (At. 18:11, 18), e mais três anos em Éfeso (At. 20:31). Acontece que Lucas preservou o próprio epítome de Paulo em seu trabalho em Éfeso, no discurso aos presbíteros em Mileto (At. 20:17-38). Lucas ouviu essa maravilhosa conversa de coração para coração com os ministros e a preservou com fidelidade. Nessa conversa, Paulo se refere repetidamente a sua conduta como pastor em Éfeso, de forma que corre paralela à narrativa histórica em Atos 19:1-20:1. Ao combinar os dois relatos, podemos formar uma concepção inteligente do trabalho de Paulo em Éfeso, apesar da ausência de qualquer experiência pessoal na Epístola aos Efésios. É quase certo que essa é uma carta circular que foi enviada para Laodiceia e Colossos (Cl. 4:16), bem como Éfeso.

Paulo é o evangelista principal, pregador, teólogo e estadista missionário da história cristã. Mas ele é grande, também, como pastor. Ele tinha o coração de pastor. Amava os membros do rebanho e se entregou sem reservas a eles. Provavelmente esses "anciãos" da igreja em Éfeso (At. 20:17), que vieram a Mileto para atender Paulo em seu caminho para Roma, tinham sido escolhidos por Paulo enquanto em Éfeso e eleitos pela igreja como "bispos" (20:28). É interessante notar a pluralidade de pastores na nova grande igreja em Éfeso como em Filipos (Flp. 1:1). Os mesmos homens são chamados indiferentemente de "anciãos" ou "bispos" e que deviam "pastorear a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue". Este verbo "pastorear"[54] vem da mesma raiz do substantivo "pastor"[55] como o nosso "pastor".

Aqui temos uma concepção tríplice do ministério para os mesmos homens. Eles eram "anciãos", como os oficiais da sinagoga ou os governantes da vila, em papiros do Egito (os nossos "vereadores"); os japoneses "estadistas mais velhos", homens de experiência. Eles eram "bispos" ou "encarregados" de observarem o bem-estar de todos sob seus cuidados. Eles também eram

“pastores” cujo dever era alimentar o rebanho e manter um olho atento nos fracos e doentes. “Guardai-vos e a todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos”. Paulo acreditava que cada um desses homens havia sido separado para essa tarefa pelo Espírito Santo. Eles tinham sido chamados por Deus como Paulo foi chamado por Deus. E, no entanto, Paulo tomou o mais vivo interesse na caça pelos ministros do Evangelho. O Dr. W. E. Hatcher, de Richmond, Virginia, escreveu um tratado interessante sobre o “*The Human Element in the Call to the Ministry*”. Paulo está aqui falando cara a cara com os homens que deixou a cargo do grande trabalho em Éfeso, quando partiu apressadamente após o tumulto criado por Demétrios (At. 20:1). É um grande privilégio para um ministro de experiência e poder, falar francamente a uma pessoa pertencente ao corpo de colegas ministros. Paulo faz isso com habilidade consumada. A abordagem completa é projetada para equipá-los para um melhor serviço em Éfeso. Para esse efeito, ele opera livremente sobre o seu próprio trabalho lá, com esses mesmos homens.

Sua vida entre eles era um livro aberto. “Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia” (At. 20:18). Isso é apenas o que todo pastor deve ser capaz de dizer. O pregador que leva uma vida dupla é despojado de poder na exposição, e a verdade, com certeza, virá mais cedo ou mais tarde. Ele serviu “ao Senhor com toda a humildade de espírito” (20:19). A mensagem do ministro é medida pela sua vida e pelo seu espírito. Isso Paulo plenamente reconheceu e francamente enfrentou. De fato, o pregador não pode fugir disso. O sermão que conta no final é a vida que tanto confirma ou contradiz as palavras eloquentes no domingo. Eu sinceramente acredito que os ministros, em geral, são os homens mais nobres de todo o mundo. Existem exceções, sem sombra de dúvida, e a queda de um pregador dá a cada pregador uma pontada no coração. A única maneira para o pastor fazer a sua pregação na vida é o caminho de pura simplicidade e honestidade aberta.

A questão do salário confrontou Paulo em Éfeso como em Corinto (1Co. 9, 2Co. 11). Éfeso era um campo missionário onde muitos sofistas e outros professores itinerantes ensinavam sabedoria por pagamento. Não havia nenhuma missão para cuidar de Paulo até a igreja poder apoiá-lo e entender que ele não era um aventureiro financeiro. Não há qualquer evidência de que Filipos e Tessalônica ajudaram Paulo em Éfeso, como fizeram, enquanto ele estava em Corinto (2Co. 11:8-9; Flp. 4:15-16). O que Paulo fez? Ele era independente quando estava em Tessalônica (2Ts. 3:8) e em Corinto (2Co. 11:9). “De ninguém

cobicei prata, nem ouro, nem vestes" (At. 20:33). Ao pastor deve ser pago um salário decente ou ter a possibilidade de fazer a sua própria vida como Paulo fez. Paulo não tinha necessidade de descontos ministeriais. Ele fez sua própria vida por seu comércio. "Vós mesmos sabeis que estas mãos serviram as minhas necessidades e as dos que estavam comigo" (20:34). Ele não tinha vergonha de mostrar suas ásperas mãos calejadas, usadas para labuta manual. Ele trabalhou para si e para Priscila e Aquila, aparentemente, como em Corinto (At. 18:1-3). Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (20:35). Paulo ofereceu-se como um exemplo para os ministros de Éfeso em matéria de independência e simples dever para os que dependem de alguém. Ao pregador moderno não é permitido, pela opinião pública, envolver-se em atividades seculares como Paulo fez; e ainda assim ele é pago, via de regra, muito pouco para sustentar sua família no conforto de uma vida decente. O dinheiro é um perigo para o pregador, e Paulo alertou Timóteo repetidamente contra essa armadilha (1Tm. 6:3-10). Mas um homem que não irá fornecer para a sua própria casa é pior do que o descrente (1Tm. 5:8). Para reforçar essa lição de masculinidade simples, Paulo apela a um ditado desconhecido de Jesus que nos deixa famintos por todos aqueles que pereceram e premia mais altamente aqueles nos Evangelhos. Os seguidores de Pitágoras que se referem ao seu mestre como "ele mesmo"[56], como Paulo faz aqui.

Paulo era um homem de grande ternura. Ele fala de suas "lágrimas" duas vezes neste discurso (20:19, 31). Ele havia escrito até aos Coríntios uma epístola com angústia de coração e "com muitas lágrimas" (2Co. 2:4). Ele se lembrou das lágrimas de Timóteo (2Tm. 1:4). Adolphe Monod tem um sermão sobre as lágrimas de Paulo (*Tears of Sorrow, Charity, Tenderness*) em seu "*Five Discourses of Paul*". O lado emocional da vida de um pregador é um ponto de contato com os corações de seus ouvintes. Certamente Paulo era intelectual e prático, mais do que algum pregador já foi. Ele não era meramente emocional, sem convicção e vigor. Mas pode ser questionado se os ministros modernos não têm ido longe demais na contenção da emoção natural. É tão fácil ser puramente profissional. Lágrimas, em seguida, não são naturais, senão como lágrimas do crocodilo. A simpatia deve ser genuína e sincera, ou então a profissão dele é ofensiva. Jesus chorou com Maria e Marta antes que ressuscitasse Lázaro da sepultura. Jesus chorou sobre Jerusalém antes que pronunciasse desgraças sobre ela. O pregador cujo coração está profundamente agitado e cheio de lágrimas é o homem cuja mensagem será a aderência no coração dos outros. As lágrimas de

Paulo não eram simplesmente lágrimas enquanto pregava. Elas estavam em segredo nas muitas vezes que servia ao Senhor com lágrimas (At. 20:19). Elas estavam na admoestação que Paulo deu aos Efésios particularmente, como em público, "noite e dia, com lágrimas" (20:31). Não há como resistir a um pastor como aquele, cuja simpatia apaixonada toca cada vida.

Paulo era muito mais do que um pregador profissional, embora ele fosse o maior dos pregadores. Ele teve a marca da realidade em toda a sua obra e, por isso, ele ensinou "de casa em casa", bem como em "público" (20:20). Esse ministério privado é o lugar onde muitos ministros falham. Pode-se lembrar da mulher que disse que quando seu pastor estava no púlpito, ela desejava que ele nunca o deixasse e, quando ele estava fora dele, ela desejava que ele nunca entrasse nele. Há dois extremos entre os pregadores em suas conversas privadas e visitas. Um deles é a leveza e leviandade com nenhum interesse na vida espiritual. O outro é o zelo sem conhecimento; não sabe como aproveitar as coisas acidentais e usá-las com habilidade para ganhar os perdidos. Em ambos os casos, o pregador repele tanto por descuido quanto por falta de jeito, e mais mal do que bem é feito. A imagem de Paulo nas casas de Éfeso é apresentada pelo ministério de casa em casa. A visita pastoral pode ser uma chatice ou, na melhor das hipóteses, superficial. Nesses dias, o pastor tem que aprender a ir para o posto e a loja ou ao local de trabalho, e rapidamente colocar uma palavra sábia brevemente, de modo a obter um controle sobre os homens. Não é suficiente visitar as mulheres nos lares. Os homens têm de ser alcançados, bem como as crianças. Paulo "saía pregando o reino" (At. 20:25). Esse era o seu negócio. Ele sabia como ser agradável e como fazer amigos, mas ele nunca se esqueceu da coisa principal, "testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus" (20:21). Ele tinha a mesma mensagem para todas as classes e em todos os tempos, tanto em público como em particular.

O pastor é constantemente tentado a baixar o tom da mensagem por causa de condições peculiares ou para enfatizar uma doutrina por causa de ressentimento em determinadas situações. Ele requer sabedoria para manter o equilíbrio e ser fiel durante e sempre. Paulo lembra aos anciãos: "não me esquivei de vos anunciar coisa alguma que fosse útil" (20:20). A pregação, para ser eficaz, deve ser pertinente e causar impacto. É muito fácil crescer eloquente na denúncia dos pecados de pessoas em outros lugares. Paulo levou seu trabalho a sério e sentiu a sua responsabilidade pelo bem estar espiritual da igreja em Éfeso. Quando olha para trás sobre tudo isso, ele é capaz agora de dizer o que todo pastor deseja que

possa dizer: “Portanto, eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos” (20:26). Isso é uma grande coisa para ser capaz de dizer. Ela só pode ser verdade quando o pastor faz seu dever completo a todas as classes, em público e em privado. A razão pela qual Paulo se sente constrangido a dizer é a seguinte: “Porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus”. (20:27). Vale a pena ressaltar suas palavras, “todo o conselho de Deus”. Poder ser fiel em tudo o que ele diz e faz, e ainda poder omitir algo vital pelo seu silêncio. Um pastor que é sábio sabe quando falar e quando ficar em silêncio, sem deslealdade para com a verdade de Deus. Mas Paulo continua de olho em “todo o conselho de Deus”, não no medo dos homens.

Paulo tinha suas ‘provações que, pelas ciladas dos judeus, sobrevieram-lhe’ (20:19). Algumas delas são narradas por Lucas em Atos 19. Como era seu costume, “durante três meses, Paulo frequentou a sinagoga, onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo com respeito ao reino de Deus” (19:8). Logo ele foi obrigado a deixar a sinagoga judaica em Éfeso para a escola de Tirano, onde argumentou diariamente pelo espaço de dois anos (19:9-10). Era uma bela combinação de igreja e escola e uma campanha tão intensa sobre um período tão longo foi obrigada a dar resultados. Toda a província da Ásia sentiu a força da obra de Paulo em Éfeso (19:10). A escola de Tirano tornou-se o dínamo[57] espiritual para toda a província e deixou sua marca sobre o mundo.

Lucas narra três incidentes marcantes relacionados com o trabalho de Paulo em Éfeso. Um deles é o tipo incomum de milagres que ocorreram. Em alguns casos, os lenços de Paulo eram levados para o doente, e a doença deixava o indivíduo. Pode-se lembrar da mulher que tocou a bainha do manto de Cristo. Nós podemos facilmente admitir a superstição ligada com essa fé. Mas, afinal, não há superstição atual na fé desta ou daquela crença? Deus não honra a superstição, mas a fé. Muitos de nós somos abençoados, apesar da ignorância e estreiteza da visão. Certamente não havia magia nos lenços de Paulo. Alguns diriam que Lucas estava apenas registrando lendas relacionadas ao trabalho de Paulo.

O próximo incidente diz respeito aos sete filhos de Ceva, um exorcista judeu em passeio que chegou a Éfeso. Ele tinha seus encantamentos pelos quais alegava que serviam para expulsar demônios sem fazê-lo. Ele pensou que iria experimentar o novo “feitiço” que Paulo empregava. Então, disse a um endemoninhado: “Conjuro-te por Jesus a quem Paulo prega” (19:13). Era como um bumerangue. O demônio respondeu: “Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” (19:15).

O demônio saiu, tudo bem, mas saltou sobre os sete filhos de Ceva, provavelmente todos eles ("ambos", nos papiros ocorre com esse sentido), e os dominou, de modo que, nus e feridos, fugiram para fora da cidade. O resultado desse encontro agitou a todos em Éfeso, que era o centro de uma vasta literatura sobre feitiços e encantamentos. Alguns dos próprios magos trouxeram os seus livros mágicos e os queimaram em uma grande pilha. Se todos os livros ruins e revistas de nossas cidades pudessem ser queimados, seria um enorme e santo holocausto. E então, se os viciosos e vis vampiros e bandidos do cinema pudessem ser queimados, veríamos um novo e poderoso perigo ser removido da nossa vida pública. "Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente". (19:20). Paulo era um profeta em Éfeso e em denúncia dos perigos daquela cidade. Ele tocou a vida de Éfeso em seu próprio centro.

O outro incidente se relaciona com o culto de Diana, cujo grande templo era o orgulho da cidade. As pessoas se gabavam de que sua cidade era o templo guardião da grande Diana (19:35). O templo era uma das sete maravilhas do mundo antigo. Uma das iniciativas da cidade foi a fabricação de pequenos nichos de prata da deusa Diana, que "dava muito lucro aos artífices" (19:24). Demétrio era o cabeça de uma dessas "fábricas de deuses" em Éfeso. Não está claro que Paulo jamais atacou Demétrio ou seu negócio por nome. Mas o sucesso do trabalho de Paulo significou a diminuição no negócio de Demétrio, que foi rápido em ver o perigo para seu próprio bolso. Os homens viram o que o Cristianismo significava para os seus negócios e, há muito tempo, começaram a lutar contra os pregadores que atacaram os seus direitos adquiridos, fortemente entrincheirados no governo e na lei. Assim, os filmes atualmente estão resistindo ao controle real por parte do público. Demétrio fez uma coisa astuta, ele convocou os companheiros artesãos, a aliança ou união de fabricantes do santuário, e, francamente, apelou para o seu autointeresse: "Senhores, vós bem sabeis que desta indústria nos vem a nossa riqueza" (19:25). Então ele contou como "este Paulo" pregava que "eles não são deuses, que são feitos com as mãos" (19:26), como se eles não fizessem a melhor marca de deuses em toda a Ásia! Então, havia o "perigo que esta nossa profissão caísse em descrédito" (19:27). Esse é um tremendo tributo ao poder do trabalho de Paulo em Éfeso. O pregador da justiça não pode tremular para os negócios que estão contaminados com a idolatria, libertinagem, concussão, opressão dos pobres, a ruína de meninas.

Agora, como, então, esses homens de negócios atacarão sob exposição? Deixa-os fazer isso. A opinião pública reivindicará justiça no final, mesmo que o

pregador falhe em primeiro lugar. Demétrio menciona também que a adoração à Diana estava em perigo, o que era verdade. Assim, ele dá aos artesãos astutos um slogan que gritam eles nas ruas de Éfeso: “Grande é a Diana dos efésios” (19:28), com nenhuma palavra sobre sua preocupação egoísta. Assim, a multidão é despertada contra Paulo por motivos patrióticos, como um intruso judeu que ameaçou a glória de Éfeso, o templo de Diana. A multidão tem dois dos companheiros de Paulo na viagem, Gaio e Aristarco da Macedónia (19:29). Paulo não era um homem de deixar que outros sofressem por ele e afastar-se (19:30), mas os asiarcas, os homens de destaque na cidade que gostavam de Paulo, simplesmente não iriam deixá-lo ir para ser consumido por esse bando de bestas selvagens (19:31). Paulo diz que ele “lutou com as feras em Éfeso” (1Co. 15:32). Será que ele se refere aos gritos destes lobos humanos sob sua janela? Ou será que se refere a outro incidente, quando era um prisioneiro em Éfeso, onde pode ter sido jogado na arena com animais selvagens reais e, de alguma forma, escapou? Provavelmente, o primeiro, embora não saibamos. Parece provável que Paulo estava muito doente tanto nesse exato momento ou em outro, pois sentiu que tinha a sentença (resposta) de morte na época em Éfeso (2Co. 1:8-11), mas Deus ouviu seu grito e o levantou . É possível que Paulo estivesse doente em sua cama quando ouviu a multidão em Éfeso uivando pelo seu sangue, levado por Demétrio. De qualquer forma, sabemos que, após os funcionários da cidade em Éfeso dispersarem a turba desenfreada no anfiteatro, Paulo deixou Éfeso mais cedo do que tinha planejado fazer (At. 20:1-3). Seu trabalho em Éfeso tinha sido muito bem sucedido de uma forma. Ele certamente agitou a cidade, mas agora não era prudente ficar mais tempo. Desde Paulo, quantos pastores deixaram Éfeso e tiveram que seguir seu rastro? Mas o mundo é grande e o pastor cuja coragem trouxe uma crise a uma cidade pode ir para outra. Isso é muito melhor do que um pastorado em um repouso sonolento de muitos anos, sem resultados.

Paulo agora está determinado a ir a Jerusalém e está a caminho. Enquanto em Éfeso, Paulo havia estabelecido seus planos de ir para a Macedônia, Acaia, Jerusalém e Roma (At. 19:21-22). Ele disse: “Tenho também que ver Roma”. E agora ele foi para a Macedônia e Acaia e está a caminho de Jerusalém com a coleta para os pobres santos de Jerusalém a partir da Ásia, Galácia, Macedônia, Acaia. Os mensageiros das igrejas estão com Paulo na viagem (At. 20:4). Ele teve premonições de problemas em Jerusalém pela ocasião desta visita, tão antes como em Corinto, quando escreveu a Roma (Rm. 15:31). Os judaizantes tinham causado problemas a Paulo em Antioquia, na Galácia e em Corinto, e ele teme

sua influência sobre a igreja de Jerusalém.

"E, agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações". (At. 20:22-23). Para alguns homens tais avisos teriam sido suficientes para mudar o seu curso, mas não para Paulo. O dever não devia ser colocado de lado por perigo. "Porém, em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus" (20:24). Esse é o espírito do herói. Não é a linguagem de um fanfarrão e covarde, mas do verdadeiro soldado, que vê o perigo e o enfrenta sem medo. Esse é o homem que deixou Éfeso, Filipos, Corinto e muitas outras cidades quando era melhor pela causa de Cristo partir. Mas agora, ele caminha calmamente para o perigo supremo por causa do mesmo motivo. Ele está "ligado ao espírito" para tentar evitar um cisma em Jerusalém. Isso ele fez, mas correu o perigo com os judeus ao pacificar os judaizantes. Ele se ateve ao seu curso até que terminou (2Tm. 4:7). Após deixar Éfeso, Paulo foi avisado em Tiro (21:4) e até mesmo em Cesareia de forma mais dramática por Ágabo contra ir para Jerusalém (21:10-11). Mas Paulo só poderia dizer: "Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus". (21:13).

Mas Paulo está preocupado com o futuro do rebanho em Éfeso. "Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho". (20:29). Já eram, provavelmente, os sinais do movimento gnóstico que varreu as igrejas da Ásia (ver Colossenses, 1 Timóteo, 1 e 2 Pedro, as Epístolas de João). Paulo não podia se contentar em ver esses enganadores de língua lisa desfazerem a obra da graça que ele havia feito durante os três anos em Éfeso. Isso inflige medo no coração de todo verdadeiro pastor. Ele pode deixar a cidade com o coração contente se o trabalho for bem feito. Mas, se ele for restringido e as ovelhas espalhadas pelos lobos, ele ficará com o coração pesado. E mesmo entre os anciãos de Éfeso, Paulo vê sinais de apostasia. "E que, dentre vós mesmos, levantar-se-ão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles". (20:30). Jesus teve seu Judas e Paulo em Éfeso tinha alguns de quem desconfiava, e com razão. Costuma-se dizer que as Epístolas Pastorais não são paulinas, porque trazem uma preocupação não paulina sobre o futuro do Cristianismo. Mas aqui, no discurso aos anciãos de Éfeso em Mileto, Paulo vê a nuvem resultante na Ásia, onde Timóteo havia de trabalhar para lidar com os lobos que Paulo viu à distância.

Paul sentiu-se confiante de que esse grupo de ministros não veria mais o seu rosto (20:25). Esse pressentimento acrescentou muito a tristeza da separação, pois se ajoelharam, oraram, choraram muito e caíram ao pescoço de Paulo, beijando-o (20:36-38). Foi um momento terno como os pregadores de Éfeso se apresentaram na praia e viram o navio ir ao mar com o seu grande mestre a bordo. Suas palavras sobre si mesmo e sobre eles haviam sido solenes o suficiente, mas a sua própria coragem coloca força em seus corações como quando fizeram o caminho de volta a Éfeso para dizer a igreja a grande mensagem que tinham recebido de Paulo. Parece provável que Paulo, em seu retorno da primeira prisão romana, veio a Éfeso novamente (1Tm. 1:3). Certamente ele estava em Mileto, quando deixou Trófimo doente (2Tm. 4:20). Mesmo assim, é duvidoso que todos os anciãos estivessem vivos, embora Paulo só desse sua própria apreensão por não vê-los novamente. Foi uma grande experiência esses três anos em Éfeso, e a história deles retribuirá ricamente para o estudo de qualquer pregador moderno.

As últimas palavras de Paulo em seu discurso podem servir como bênção de Paulo sobre todos os pregadores: “Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados”. (20:32). Certamente a maior parte dos pregadores deve ser construída pela palavra da graça de Deus que eles proclamam. Se é comida para os santos, ela deve primeiro alimentar o pastor do rebanho.

Capítulo 12

Paulo no Centro da Cultura Grega

A presença de Paulo em Atenas foi devido ao acidente, de acordo com a narrativa em Atos 17:15. Os rabinos judeus que correram de Paulo e Silas de Tessalônica seguiram-nos para Bereia. Desta vez, eles mandaram Paulo para longe ao mar, enquanto Silas e Timóteo permaneceram em Bereia. Evidentemente Paulo era o principal objeto judeu de ciúme e ódio. Mas os companheiros de Paulo foram com ele até Atenas e o levaram de volta "uma ordem para que Silas e Timóteo fossem ter com ele o mais depressa possível" (At. 17:15). Parece que Timóteo veio a Paulo em Atenas, da Bereia, mas foi quase imediatamente enviado por Paulo a Tessalônica, por causa da notícia angustiante de equívoco lá.

"Pelo que, não podendo suportar mais o cuidado por vós, pareceu-nos bem ficar sozinhos em Atenas; e enviamos nosso irmão Timóteo, ministro de Deus no evangelho de Cristo, em benefício da vossa fé" (1Ts. 3:1-2). Lucas não narra essa breve visita de Timóteo para Atenas, mas afirma que, depois de Paulo passar em Corinto, Silas e Timóteo vieram da Macedônia (At. 18:05). Evidentemente Timóteo desempenhou uma parte muito pequena na obra em Atenas. Parece em Atos 18:16 que Timóteo não veio até depois dos primeiros eventos em Atenas, "enquanto Paulo os esperava em Atenas". Ele não pode ter chegado até pouco antes de Paulo deixar Atenas (At. 18:1), mas a questão é irrelevante. Para todos os efeitos, Paulo estava sozinho em Atenas e, aparentemente, estava planejando ir a outro lugar, mas não conseguiu resistir ao apelo do centro da vida intelectual para a mensagem da Cruz de Cristo.

Atenas ainda era a capital intelectual do mundo. Havia universidades em Pérgamo, Tarso, e Alexandria, mas Atenas teve o prestígio da era e do esplendor de grandes nomes da Filosofia e Letras. Os nomes de Sócrates, Platão, Aristóteles, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Aristófanes, Tucídides, Lysias, Demóstenes, para não ir mais longe, ainda lançam uma auréola em torno dos templos, bosques, e ruas de Atenas. Há aqueles que pensam que Paulo não foi

sensível à atmosfera intelectual e artística de Atenas, estando totalmente fora de contato com o amor grego à beleza e à arte, à literatura e à filosofia, como a mitologia grega, que repeliu Paulo, estava nitidamente fora de seu elemento em Atenas e não sabia como apresentar o evangelho de Cristo para os intelectuais de lá. Há aqueles que pensam que Paulo era um não helênico e não era um homem de universidade. Outros afirmam que Paulo era um homem de universidade, um produto da universidade de Tarso, bem como da escola rabínica de Gamaliel, em Jerusalém, que tinha uma grande familiaridade com literatura e filosofia, como é mostrado pelo fino acabamento literário do estilo grego ao se dirigir em Atenas (permitindo a influência de Lucas no relato); e pelas alusões literárias ao se dirigir a Arato, Cleantes e Epimênides. Eles ainda afirmam que Paulo fez uma espécie de compromisso da mensagem cristã no ambiente escolar de Atenas e foi tão longe quanto podia, possivelmente, muito longe, ao alcançar as mentes filosóficas em sua audiência. Um esforço que resultou em fracasso, e Paulo jurou nunca mais repetir essa experiência (1Co. 2:1-5). Há um elemento de verdade em ambos os pontos de vista extremos, como é mostrado na narrativa em Atos. Sobre Paulo: "o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade" (At. 17:16).

Esse é o notável fato da reação de Paulo ao esplendor pagão ao redor dele. Ele era um homem de gênio e de formação intelectual. Ele tinha um ponto de contato com o lado cultural de Atenas, conhecia alguns dos poetas gregos a quem ele cita em seu discurso, e mostra tanta familiaridade com estoicismo em suas epístolas que Lightfoot gravemente discute a questão de saber se Paulo conhecia os escritos de Sêneca. Sir W. M. Ramsay ainda chama Paulo de "o maior filósofo de todos os tempos". Ele se atreve a apresentar a sua filosofia do universo em oposição à dos epicuristas e dos estóicos em Atenas. Claramente, então, a conduta de Paulo em Atenas levanta toda a questão do Cristianismo e da cultura atual. Em um brilhante artigo sobre "Cristianismo e Aprendizagem", na edição de janeiro de 1921, *Biblical Review,* Dr. E. M. Poteat afirma que ainda não trouxemos o aprendizado em cativeiro a Cristo, que uma atmosfera pagã de regras ainda estava em muitas de nossas escolas de aprendizagem. Em *The Methodist Review* (New York) Janeiro – fevereiro de 1921, o Dr. H. P. Sloan argumenta seriamente se uma "universidade pode ser cristã". Certamente, alguns professores em nossas escolas modernas são francamente anticristianismo e riem do Cristianismo fora da instituição como alguns dos atenienses riram de Paulo em Atenas. O resultado é uma violação cada vez maior entre a aprendizagem e a fé, que é de se lamentar. É uma coisa triste ver jovens, criados em casas de

piedade e fé, voltarem do colégio com orgulho intelectual e com desprezo pela Bíblia e o Cristo da Bíblia. Parte desse resultado se deve ao choque repentino entre o novo e o velho, que é superado com o tempo. Parte disso é devido ao que Chesterton chama de "a ignorância da educação", o conhecimento unilateral de especialistas que dogmatiza em reinos fora de sua especialidade. Não há intolerância maior do que a intolerância intelectual que assume infalibilidade em todas as coisas por causa do conhecimento especial em uma esfera de aprendizagem. Os cristãos respondem com indignação contra os danos causados aos seus próprios meninos e meninas por céticos, até mesmo infiéis, professores. Assim, a violação se alarga. Mas Cristo não é hostil ao aprendizado. Ele chama-se "a verdade". Nenhuma verdadeira descoberta na natureza ou na graça está realmente fora da esfera de interesses de Cristo. Todo amante de Jesus Cristo deve ser um amigo de todos os progressos reais em conhecimento humano. A palavra grega para "verdade" significa "ser franco", "ser aberto". Não há nada nas obras de Deus para fazer alguém temer a Palavra de Deus.

É extremamente interessante observar como Paulo se deu no meio belo, artístico, intelectual e idólatra de Atenas. Não há servilismo, hesitação, bajulação. Ele não se envergonha do evangelho de Cristo no banco da universidade do mundo. Infelizmente, o trato foi interrompido, sendo assim, só podemos inferir o que ele acrescenta, mas o que falou mostra o seu propósito.

No Sermão da Montanha, Jesus delineou a relação do Cristianismo com o Judaísmo. Aqui, Paulo apresenta o contraste entre o Cristianismo e o Paganismo. Para ter certeza, em Atenas ele tinha encontrado também judeus e "pessoas devotas" dentre os gentios que vieram para a sinagoga. Com eles, Paulo "dissertou na sinagoga" (At. 17:17) segundo o seu costume em cada cidade. Na praça do mercado (Ágora), falou todos os dias nos lugares principais (17:17), como era o costume em Atenas. Paulo era, de fato, um pregador de rua, mas com a diferença de que, na Ágora, cada um tinha acesso aberto a qualquer outra pessoa. Hyde Park, em Londres, é um paralelo moderno em pequena escala. Sócrates não tinha ficado por cima ao falar na Ágora com os sofistas ou com qualquer um que desejava discutir filosofia com ele.

Não é estranho, portanto, que na Ágora, Paulo tenha entrado em contato com expoentes do Epicurismo e do Estoicismo, as duas filosofias principais da época. Eles desafiaram Paulo e debatiam[58] com ele, muito para o descrédito de Paulo. Os filósofos não são muito atenciosos com os outros quando se chocam, embora geralmente o palavreado técnico esconda um pouco de seu desprezo. Sem dúvida, Paulo atacou alguns dos sofismas de ambos os epicuristas e estóicos,

pois essas escolas rivais se juntaram em escárnio a Paulo. Ele não usou a linguagem dos iniciados e assim eles zombaram dele. "O que esse tagarela diz?" (17:18). A palavra para "tagarela" significa literalmente um "comedor de sementes" como as aves que pulavam sobre a Ágora.

Era uma expressão de desprezo supremo como muitos outros pregadores de Cristo encontraram em um centro escolar, onde a religião tem sido mantida apenas para ser ridicularizada como uma superstição dos ignorantes, que o homem de universidade tem abalado. Havia outros que, em uma mente mais apologética, mas com arrogância intelectual igual, interpretaram Paulo como "uma luz compositora (proclamadora) de deuses estranhos (demônios)" (17:18). O tom é inconfundível, mas a acusação de que Paulo é um pregador do politeísmo revela a densa ignorância desses sabichões.

Eles entendiam a "ressurreição" de uma divindade em pé de igualdade com Jesus. Mas é claro que, pelo menos em sua inclinação com os filósofos na Ágora, Paulo pregou (conforme o Evangelho), tanto Jesus quanto a ressurreição. Evidentemente, a Cruz veio também, pois é o que dá sentido à ressurreição. Assim, vemos Paulo como o evangelista para os filósofos e o círculo da universidade de Atenas. Ele ganhou uma audiência para o momento, se não mais. Somos lembrados de D. L. Moody na Universidade de Oxford e da profunda impressão feita sobre a vida estudantil daquela geração na Grã-Bretanha. É possível que o pregador do Evangelho obtenha um controle sobre a vida intelectual da época. Henry Drummond fez isso, John A. Broadus, e Robert E. Speer têm feito isso.

Não está claro qual era o propósito daqueles que finalmente pegaram Paulo e o levaram ao Areópago. Nem sequer é certo se por "Areópago" significa colina ou o tribunal com esse nome. Poderia ser o conselho que se reunia no morro famoso perto da Acrópole. Em tempos posteriores, o conselho se reuniu na colina para casos de assassinato e outros crimes extremos, mas nos *stoa basileios*[59] para questões religiosas, como no caso de Sócrates, que foi acusado de introduzir divindades estranhas. No geral, toda a ideia do conselho, em vez do lugar, tem o melhor do argumento no presente. Mas a outra questão que permanece é se Paulo estava formalmente em julgamento perante o tribunal como um malfeitor ou foi apenas lançado pelos filósofos perante o conselho para ver se devia estar autorizado a continuar a sua disputa popular na Ágora.

Paulo não tinha legitimidade como professor universitário, mas seria interessante ver o que o Conselho pensava em seus pontos de vista. Sua motivação pode ter sido hostil ou simplesmente um zelo amigável de pressioná-

lo a continuar como uma forma de entretenimento popular. A linguagem é educada e ainda não há pontos suficientes para chamar a atenção do Conselho (17:19-20). Em qualquer caso, uma multidão de parasitas se reuniu em volta do Conselho para ouvir o resultado sobre o novo professor que tinha despertado o interesse dos filósofos epicuristas e estóicos. A curiosidade irreverente dos atenienses é atestada por Demóstenes e Tucídides. Eles queriam, não apenas a coisa nova (a notícia), mas o "mais novo" do que o "novo", a mais recente fofoca, o boato mais fresco de especulação filosófica, o último "extra". Então, estaria Paulo no meio do Areópago com a chance de colocar a causa de Cristo perante o conselho, os filósofos e a multidão, se o ouvissem. Eles o ouviriam de qualquer forma. Era a sua grande oportunidade em Atenas.

A introdução é conciliatória e vencedora. Paulo deve pegar o foco dessa audiência crítica. Por esta razão, parece impossível pensar que Paulo usou o sentido de "supersticioso" ao invés de "religioso". A palavra é empregada em ambos os sentidos pelos gregos, mas Paulo deseja ganhar o favor de sua mensagem, para não afastar a simpatia de sua audiência. Seu espírito foi provocado quando viu os muitos ídolos na cidade e o centro intelectual do mundo. Certamente eles eram mais religiosos do que de costume e mais supersticiosos também. É até possível que o duplo sentido desse adjetivo tenha despertado o interesse do público para ver em que sentido Paulo o usou. Josefo diz que os atenienses eram os mais devotos de todos os gregos. Lá, era dito que existiam trinta mil estátuas em Atenas para várias divindades. Pausanias afirma que os atenienses eram muito piedosos.

O tema de Paulo está felizmente introduzido. Ele cita um incidente a partir de sua própria observação em Atenas. Em vez de dizer "ídolos" (cf. 17:14), ele falou sobre "os objetos de sua adoração". Ele quer direcionar o instinto e hábito de adoração na direção certa. Então, os atenienses estavam tão ansiosos para adorar todos os deuses, que eles criaram um altar "Ao Deus Desconhecido" (17:23). Essa inscrição mostra que os atenienses reconheciam que poderia haver um deus de quem não tinham ouvido falar. Pausanias, Filóstrato e Diógenes Laércio falam de altares a deuses desconhecidos. Assim, Paulo aproveitou essa abertura para introduzir o seu tema e corrigir também o equívoco de que ele era um politeísta. Além disso, Paulo evitou a acusação de ilegalidade na introdução de "deuses estranhos", mostrando que estava realmente proclamando a Deus, a quem eles estavam tentando adorar sem compreender sua natureza real. Paulo, ao mesmo tempo, é mais hábil do que Sócrates era. "Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que vos anuncio". (17:23). Ele ainda não

pronunciou nenhum nome, mas seu tema é "O Deus desconhecido". É impressionante, chama a atenção deles e abre as portas para a sua mensagem sem quaisquer complicações legais. Ele aumentou a curiosidade natural dos atenienses para a descoberta.

O argumento de Paulo é claro, lógico e progressivo. Ele imediatamente começa a dizer que este é Deus, "o Deus que fez o mundo e todas as coisas nele", "Senhor do céu e da terra" (17:24). O apóstolo não diz nada sobre os outros deuses, nesse momento, mas não deixa espaço para eles. A imagem de Deus como o Criador de todas as coisas, que apelaria para a imaginação dos atenienses, quer aceitassem ou não. Eles tinham deuses para quase toda a virtude e vício (alas), para cada fase da vida. Eles foram usados para a ideia de um Deus limitado − e até mesmo Zeus era só *primus inter pares*[60] − e decidiam as limitações do seu poder na terra e no Monte Olimpo.

Mas o próximo ponto de Paulo traça a linha de separação acentuada entre este "Deus Desconhecido" e todos os outros deuses. "Ele não habita em santuários feitos por mãos humanas" (17:24). O Partenon, o mais belo templo no mundo, e até mesmo agora, em suas ruínas, é uma maravilha em nosso tempo moderno, estava provavelmente em uma visão completa enquanto Paulo pregava ali. Acreditava-se ser a casa de Atena (Minerva), a deusa padroeira da sabedoria e das artes e de Atenas. Havia outros templos gloriosos em plena vista. Paulo já atacou uma das principais raízes da mitologia pagã, a sua crença em deuses locais que tinham habitações locais. Jesus ensinou que Deus era um espírito e pode ser adorado em qualquer lugar, assim como em Jerusalém ou no monte Garizim. Estêvão foi apedrejado pelos judeus por dizer e provar pelo Antigo Testamento (Is. 66:1-2) que Jesus estava certo e pode ser adorado por gentios ou judeus em qualquer lugar. Não era uma divindade nacional, judaica, grega ou alemã que Paulo proclamava, mas o Deus de todos os homens. Continuando, Paulo derruba outro erro pagão de que Deus "é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse" (17:25). Na sua forma mais bruta, as nações consideraram que a divindade devia ser alimentada pela comida nos sacrifícios. Outros desejavam apaziguar a ira de seu deus por oferendas votivas. O Antigo Testamento já havia refutado a falácia desta noção (Is. 66:1-2; Sl. 5:8-12).

Paulo mostra a imperfeição dessa ideia uma vez que Deus "é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At. 17:25). Esse "Deus Desconhecido" é tanto Criador quanto Preservador de todas as coisas. Ele próprio é a Vida do Universo. Provavelmente, apenas o mais inteligente poderia seguir Paulo na grandeza desse pensamento, a verdadeira filosofia do universo. Os epicuristas eram ateus

práticos, enquanto os estóicos eram realmente panteístas. Mas Paulo proclama um Deus pessoal cuja vontade domina o universo. Sócrates e Platão tinham vislumbres de tal ponto de vista, mas não de forma consistente, assim como permitiram outros deuses além do único Deus supremo. Jesus havia ensinado que, já que Deus é espírito, deve ser adorado em espírito. Assim, Estevão foi ensinado quando Paulo consentiu sua morte. Mas agora, Paulo é o verdadeiro sucessor de Estevão na interpretação espiritual de adoração.

Paulo agora passa a provar que os gregos, assim como os judeus, deveriam adorar o "Deus Desconhecido" (17:26-28). Ele é o Deus de todos os homens e não de apenas uma raça ou nação. "De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra". É interessante notar que é um judeu que está aqui proclamando a unidade da raça, um judeu que viu o muro de separação entre judeus e gentios discriminados na Cruz pelo sangue de Cristo e, assim, a inimizade morta (Ef. 2). Quer a evolução seja ou não um processo pelo qual Deus trouxe o corpo do homem para estar pronto para o espírito do homem à imagem de Deus, continua a ser verdade que somos filhos de Deus como Aratus e Cleantes tinham dito de Zeus. Paulo corajosamente aplica essas palavras dos poetas gregos ao "Deus Desconhecido", a quem ele agora os apresenta. Ele também cita uma linha de Epimênides, como o Dr. J. Rendel Harris mostrou, "pois nele vivemos, nos movemos e temos nosso ser". Os poetas gregos, portanto, tinham vislumbres da verdade sobre a nossa relação com o Pai de todos os homens. Deus é assim retratado por Paulo como o Pai de toda a raça, o que não significa em absoluto que todos os homens são salvos, mas que Deus, como Criador, é o Pai de seus corpos e espíritos. Toda a raça é, portanto, ligada a Deus e uns aos outros, mesmo que sejam pecadores, errantes e desobedientes, eles estão ligados. A mão providencial de Deus é vista na história das nações, cujas "épocas designadas" são determinadas por ele, bem como "os limites da sua habitação".

Deus não é um deus ausente, sem nenhum interesse na raça, mas está ativamente no trabalho com o seu propósito redentor (cf. Jo. 3:16). Paulo não está desatento da situação com medo das nações pagãs, como descrito em Romanos 1 e 2, mas é a vontade de Deus que 'O busquem se, porventura, tateando, O possam achar'; sim, e voltar para ele como Jesus deixou claro na parábola do Filho Pródigo, voltando com corações arrependidos e encontrando piedade e perdão. Se vierem, é por causa do que Jesus fez para salvá-los.

A linguagem de Paulo descreve um homem tateando no escuro, movimentando as mãos, como Helen Kellar, a fim de chegar a Deus, como o

rebento da planta voltando-se para a luz. Os pagãos são "indesculpáveis' (Rm. 1:20), mas o coração amoroso de Deus, o Pai, não está longe deles o tempo todo − "embora ele não esteja longe de cada um de nós" − se soubéssemos e ouvíssemos Sua voz através do apelo para voltar a Ele. Foi uma mensagem maravilhosa da graça com o próprio coração do Evangelho que Paulo estava dando aos atenienses. Certamente alguns deles quiseram ouvir e prestar atenção. Paulo agora está pronto para assumir os itens definidos que estão envolvidos no plano de Deus de redenção para todos os homens. O primeiro que ele menciona é a recusa a adorar ídolos. O "filho" de tal Deus, como esse a quem Paulo proclama, não deve degradar-se por pensar "que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem" (17:29).

Nós não somos de madeira ou pedra, prata ou ouro. Por que nosso Pai deveria ser? Como ele pode ser? É um golpe poderoso no coração da idolatria. Paulo não é desencorajado pelas belas estátuas de deuses e deusas, ao declarar essa verdade fundamental. Os líderes intelectuais dos homens daquela época viviam em uma atmosfera de idolatria que embrutecia a razão humana. O homem está acima do reino animal, vegetal e mineral. Ele se chega diante de Deus e em seu espírito traz a marca própria da imagem de Deus, ainda que agora esteja desfigurada pelo pecado.

Paulo pede ação por parte de seus ouvintes. "Deus não levou em conta os tempos da ignorância" (17:30), e não com complacência, mas com paciência e longanimidade. A raça não foi destruída, mas permitida viver. "Agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam" (17:30), até mesmo os filósofos em Atenas. Jesus veio e trouxe vida e imortalidade à luz. O dia chegou depois da longa noite. Paulo usa a palavra "arrepender-se" perante o Conselho do Areópago como João Batista fez com os fariseus e saduceus, como fez Jesus a todos, como fez Pedro ao Sinédrio. Isto não quer dizer que Paulo, à luz de tudo isto, se encolheu diante do Areópago e da cultura de Atenas e não declarou o verdadeiro evangelho de arrependimento do pecado.

Além disso, Paulo advertiu o Conselho do Areópago e todos os atenienses que Deus "estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça" (17:31). Isso, em si, foi uma declaração ousada, pois Sócrates tinha sido condenado pelo Tribunal de Areópago por injustiça. Mas Paulo continua a dizer que o mundo inteiro será julgado naquele dia "pelo homem a quem ele designou" (17:31). Foi observado por muitos que até este ponto, Paulo não mencionou Jesus. Ele foi até mesmo acusado de encabeçar a filosofia e evitar a menção de Jesus. Mas isso é um completo mal-entendido sobre Paulo. Ele havia

pregado Jesus e a ressurreição ousadamente na praça do mercado (17:18) e tinha sido mal interpretado pelos filósofos que pediram mais luz a Paulo sobre o assunto. Ele evidentemente sentiu que devia dar o contexto histórico, filosófico e teológico para o evangelho de Jesus para que pudesse explicar como e onde a ressurreição de Jesus ocorreu. Paulo fez isso de forma magistral. Ele agora mostra a razão para a ressurreição de Jesus que não tinham entendido: "porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (17:31). Deus estabeleceu sua marca de aprovação em Jesus como o juiz de todos, ressuscitando-o dentre os mortos. Se Paulo estava pregando para os judeus, ele teria dito "Messias" em vez de "juiz". Mas os atenienses não entenderiam "Messias". Paulo interpretou a missão e a mensagem de Jesus como Salvador e Juiz em uma linguagem que os atenienses pudessem compreender. Ele provavelmente tinha muito mais a dizer, mas deve-se notar que Paulo não se abalou com a menção de pecado, arrependimento, julgamento, ressurreição. Na atmosfera da universidade clássica de Atenas, ele foi fiel ao coração do Evangelho.

A razão de Paulo não ter dito mais é que sua audiência o deixou. "A ressurreição dos mortos" quebrou o feitiço do interesse. Alguns abertamente zombavam dele em voz alta e o deixaram com nojo. Outros, que eram mais educados, disseram: "A respeito disso te ouviremos noutra ocasião" (17:32). Mas eles tinham ouvido tudo o que importava ouvir. Sua curiosidade ansiosa estava mais do que satisfeita. Paulo tinha ido além de sua profundidade. O Conselho concluiu evidentemente que Paulo era um professor inofensivo e o deixaria passar. Paulo foi um pregador desapontado? Provavelmente sim, mas não era um infiel. Ele havia sido fiel ao Senhor Jesus em uma situação difícil, tinha pelo menos dado o seu testemunho a Cristo, e houve algum resultado. Dionísio, membro do Conselho, foi convertido. Uma mulher chamada Damaris também foi para o lado de Cristo. Havia alguns outros cujos nomes não são dados. O resultado não foi brilhante como em Tessalônica, mas valia a pena. A mensagem de um pregador sempre recebe uma recepção variada. A semente cai em diferentes tipos de solo, como Jesus mostra em sua Parábola do Semeador. Paulo não tinha falhado. Ele havia pregado o Cristo crucificado e ressuscitado. Ele se aterá a isso. Os atenienses podem correr atrás dos últimos modismos em filosofia, se quiserem, mas nada além da cruz de Cristo pode salvar os pecadores em Atenas, ou em qualquer outro lugar.

Notas

[←1]
O monte Olimpo era chamado “Monte de Marte”. (N. do T.)

[←2]
Indiferente, apático. (N do T)

[←3]

O novo volume de Bacon, *Jesus and Paul* (1921), veio até minhas mãos enquanto estava corrigindo a prova deste volume. O livro de McNeile, *St.Paul* (1920) é um estudo majestoso.

[←4]

Breitenstein, *Jesus et Paul*, 1908; Heine, *Jesus Christus und Paulus*, 1902; Goguel, L apotre *Paul et Jesus Christ*, 1904; Jülicher, *Paulus und Jesus*, 1910; Kaftan, *Jesus und Paulus*, 1906; Knowling, *Testimony of St. Paul to Christ*, 1911 (segunda ed..); A. Meyer, *Jesus or Paul* (tr.), 1909; Reid, *Jesus the Christ and Paul the Apostle in the Light of Modern Criticism*, 1915; Resch, *Paulinismus und die Logia Jesu*, 1904; C. A. Scott, *Jesus and Paul* (Cambridge Biblical Essays, 1909); J. Weiss, *Paul and Jesus* (tr.), 1909; Bacon, *Jesus and Paul*, 1921.

[←5]

Allen, *The Christology of St. Paul*, 1912; Forsyth, *The Person and Place of Jesus Christ*, 1909; Olchewski, *Die Wurzeln der paulinischen Christologic*, 1909; Rostron, *The Christology of St. Paul*, 1912; Mackintosh, *The Doctrine of the Person of Jesus Christ*, 1912. Veja também R. H. Strachan, *The Individuality of St.Paul*, 1916.

[←6]
Judaism and St. Paul, 1915, p. 87.

[←7]

Studies of Paul and His Gospel, 1911, p. 8; *The Expositor*, Maio, 1911, pp. 376ff.

[←8]

Cf. Reitzenstein, *Die Hellenistischen Mysterien-religionen*, 1910.

[←9]

St. Paul and the Mystery-Religions, 1913.

[←10]

A New Interpretation of Paulinism.

[←11]

"Pauline Criticism in the Present Day", *The Expositor*, Julho, 1917 p. 31.

[←12]

The Expositor, Fevereiro, 1917.

[←13]

The Expositor, Maio, 1917, “The Place of the Sacraments in the Teaching of St. Paul.”

[←14]

Agora da Filadélfia.

[←15]

London Quarterly Review, Julho, 1917, p. 76. Rev. E. S.Waterhouse tem uma crítica mordaz da "tendência alemã para dar uma aplicação extensiva de um fato particular, regra ou método para todas as instâncias" (p. 199, *The Contemporary Review*, Agosto, 1917) num artigo intitulado "Theology without Germany".

[←16]

The Pauline Idea of Faith in Its Relation to Jewish and Hellenistic Religion, 1917, p. 85.

[←17]

διώκω

[←18]

ἓν δε

[←19]
Κύριος

[←20]

Rubicão é o antigo nome latino de um riacho no norte da Península Itálica. (N. do T.)

[←21]

σπερμολόγος

[←22]
ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων

[←23]
ἡγήσατο τὸ εἶναι ἴσα θεῷ

[←24]
μορφή

[←25]
ὁμοιώματι ἀνθρώπων

[←26]

σχήματι ὡς ἄνθρωπος

[←27]

ἴσον ἑαυτὸν ποιῶν τῷ θεῷ

[←28]
ἑαυτὸν ἐκένωσεν

[←29]
ἁρπαγμόν

[←30]

εὐχαριστῶ

[←31]
βαπτίζειν

[←32]
οὐαγγελίζεσθαι

[←33]
ἀπέστειλεν

[←34]

κενωθῇ

[←35]
ἀρχιτέκτων

[←36]
τέκτων

[←37]

The Expositor.

[←38]

P. Petr. II, 42 (a). *Moulton and Milligan's Vocabulary*.

[←39]

Θεόδωρον τὸν ὑπαρχιτέκτονα

[←40]

Θεμέλιον ἔθηκα (3:10). Mesma origem em ambas as palavras.

[←41]

Θεμέλιον ἔθηκα (3:10). . Mesma origem em ambas as palavras.

[←42]

ἐποιδομεῖ ἐπὶ τὸν θεμέλιον. Note o uso duplicado de ἐπί.

[←43]

φθείρω

[←44]

Ramsay, *Teaching of Paul in Terms of the Present Day*, p. 48.

[←45]
Ibid., p. 43.

[←46]

Johannes Weiss, *Paul and Jesus*, pages 59f.

[←47]

Kennedy, *St. Paul and the Mystery-Religions*.

[←48]
A voz do povo é a voz de Deus. (N. do T.)

[←49]

συνέχει

[←50]

Ver capítulo 8, **Paulo e o Patriotismo**.

[←51]

Ver capítulo 6, A Independência Eclesiástica de Paulo.

[←52]

Suicídio entre os antigos samurais. (N. do T.)

[←53]
Cf. Rosser, *Paul the Preacher*.

[←54]

ποιμαίνειν

[←55]
ποιμήν

[←56]
αὐτός

[←57]

Máquina que transforma energia mecânica em corrente elétrica. (N. do T.)

[←58]
συνέβαλλον

[←59]
στοὰ βασίλειος

[←60]
Expressão latina que significa “primeiro entre iguais”. (N. do T.)